카피캣 식당

RESTAURANTE COPYCAT

Yujin Peom
범유진

장편소설



BUZZ

BUZZ

카피캣 식당

RESTAURANTE COPYCAT

Yujin Peom

범유진

장편소설

Tradução do coreano Mario Kang

Atenção!

Se você pagou por este arquivo,
em qualquer formato (epub, pdf etc),
você está sendo enganado.

Estes arquivos de ebooks são
disponibilizados gratuitamente pela
comunidade leitora em sites e
apps como Z-library, Anne's Archive etc.

Não pague por serviços de pirataria.
Se for para pagar, compre o original e
valorize o autor e demais
profissionais envolvidos.





Booklover

Sumário

O Choco Pie de uma mentirosa

Omelete enrolado que não deu para fritar

O chá de limão e mel da cura

O chapagetti da reviravolta

Arroz com batata e bolinho de arroz

Palavras da autora

Sobre a autora

Créditos

O Choco Pie* de uma mentirosa

* Doce industrializado popular na Coreia do Sul. É um bolinho recheado com marshmallow e coberto com chocolate.

Quer dizer que dá para roubar a vida de outra pessoa?

O rosto que antes estava rente ao seu se distanciou. Observando os olhos da pessoa do outro lado do balcão, agora arqueados como meia lua, Hyuna Chung sentiu sede. Com o álcool, que antes havia subido à cabeça, se dissipando, sua mente ficou clara. Proporcionalmente, sua sede se intensificou. Hyuna Chung era uma pessoa muito realista. Quando criança, não entendia seus amigos que esperavam que uma coruja chegasse com uma carta de aceite e, quando adulta, não entendia suas amigas que sonhavam com um amor desses de novela. Até os vinte e cinco anos nunca havia apostado na loteria, pois tinha dó de gastar cinco mil wons em algo que sabia que não daria em nada.

Essa mesma Hyuna Chung estava se deixando levar pelas palavras de uma pessoa que acabara de conhecer.

É porque fazia muito tempo que não falava com ninguém. Não. Deve ser também porque a luz deste lugar, a luz daqui é diferente. A culpa é da luz ou dessa pessoa. Por quê? Por que é tão igualzinha a mim? O que é, afinal, este restaurante? Parece que fui enganada por uma raposa.

Tuc! Uma taça de champanhe foi posta na frente de Hyuna.

— É um *welcome food*. Basta consumir que nosso contrato se inicia.

No topo da taça, preenchida com dois terços de champanhe, havia um algodão-doce cor-de-rosa, macio como nuvem. O cabelo da mulher na foto também era cor-de-rosa. As letras do artigo que lera a noite toda apareciam na taça. O artigo que fizera Hyuna sair de casa às seis da manhã. Ao lembrar disso, a sede ficou ainda mais forte. Hyuna agarrou a taça com força. Não queria admitir, mas não havia alternativa. O motivo para Hyuna Chung estar tentada pelas palavras daquela pessoa:

O artigo revelava que seu artista favorito, Ilwoo Yoo, estava namorando.



O cotidiano de Hyuna Chung era extremamente regrado. Podia até viver

isolada em seu quarto, mas que tinha uma vida regrada, ah, isso tinha. Seu dia começava ao se levantar por volta de uma da tarde, abrindo uma fresta na porta do quarto para observar os arredores. Se lavava sem dar de cara com nenhum familiar, pegava comida e voltava para o quarto. Esta era sua primeira e maior missão do dia. Se falhasse, teria que sentir no corpo todo os olhares afiados dizendo para arranjar logo um emprego. Nem sempre foi assim. Logo após deixar o cargo na loja, tanto seus pais quanto seu irmão a consolaram, dizendo que era compreensível, dado que era seu primeiro trabalho. Porém, quanto mais tempo Hyuna passava enclausurada no quarto sem conseguir um novo emprego, mais o ambiente mudava. A família inteira passou a criticar o ócio da garota com broncas, desabafos intoxicantes, suspiros e olhares. Em vez de arranjar um emprego, Hyuna optou por evitar cruzar com as pessoas. Quando abria a geladeira, encontrava as refeições e os lanches que sua mãe deixava prontos antes de sair, o que, para ela, era um sinal de que "ainda estava tudo bem".

Bastava buscar sua comida, voltar para o quarto e ligar o computador que, dali em diante, se abria o mundo de seu confortável buraco negro. Deixava uma aba para as redes sociais em um canto do monitor e assistia seus k-dramas, YouTube, atualizava suas redes para dar "like" nas novas postagens, salvava fotos e voltava a ver vídeos. O que mais pesquisava eram coisas sobre o grupo *idol* N2R. Um ano tietando. Seu *ultimate* era o subvocal Ilwoo Yoo. Tietar era a única alegria, bem como a única coisa que sustentava a vida de Hyuna. Ela reunia fotos e GIFs de Ilwoo Yoo como se ele fosse seu primeiro amor. Pesquisava todos os artigos sobre ele, além de assistir a cada uma das filmagens de fãs que tinham ido ver as apresentações dele, segundo a segundo. Entrava na comunidade de fãs para escrever postagens declarando seu amor a Ilwoo Yoo e comentava nas postagens de outras pessoas. Depois verificava os comentários deixados nas próprias postagens para respondê-los. Hyuna passava bastante tempo nas redes sociais, especialmente em atividades relacionadas à comunidade de fãs. Uma ponta do novelo firmemente atado pelo gosto em

comum por Ilwoo Yoo saiu para envolver os braços e pernas de Hyuna. A sensação de pertencimento ali era como estar em uma nave espacial robusta, permitindo que ela pudesse perambular confortavelmente pelo buraco negro. Assim, todas as coisas que lhe causavam dor de cabeça desapareciam e seu cérebro era embebido em plena felicidade.

Porém, o buraco negro às vezes arremessava Hyuna para fora. Quando surgiam anúncios de cosméticos no YouTube ou piscavam anúncios de contratação de empresas de entretenimento, que vinham entremeados em postagens nas redes sociais. O algoritmo sugeria vídeos do tipo "Reproduzindo a maquiagem de artistas" como sendo relacionados a Ilwoo Yoo, o que fazia Hyuna voltar para a realidade. Ela roía as unhas enquanto assistia a esses vídeos, constatando que, por mais que tivesse se passado apenas um ano, as tendências na maquiagem mudavam rapidamente e, mastigando as unhas como se estivesse decidida a ver sangue, acessava sites de empregos. Via a longuíssima lista que surgia ao pesquisar "maquiagem". Quando uma loja de cosméticos que Hyuna conhecia havia muito tempo anunciava a abertura de vagas, ficava indecisa por um bom tempo, com o cursor sobre o botão "Candidatar-se". Ela sabia. Se fizesse força no indicador para clicar sobre aquele botão, todo o resto aconteceria independentemente de sua vontade.

Também fora assim quando conseguiu seu primeiro trabalho. Ela se candidatou, foi contactada, fez uma entrevista e em dois dias estava indo trabalhar. Era uma loja muitas vezes apresentada como sendo bem frequentada por celebridades, famosíssima. Seu chefe passara três clientes para ela. Pensou que ele era "uma boa pessoa". Isso durou até um dia em que, depois do expediente, o chefe a perseguiu no caminho de casa. Isso se repetiu por mais de dez dias. A princípio, Hyuna pensou que talvez o caminho deles para casa fosse parecido, porém, no dia em que ela parou na loja de conveniência, ao perceber que ele estava do lado de fora olhando fixamente para dentro, sentiu um pavor tomar conta dela. No dia seguinte, Hyuna tomou a difícil decisão de confrontar o chefe, perguntando o que ele queria. O sujeito sugeriu que passassem uma

noite juntos, e Hyuna fugiu dali o mais rápido que pôde. A partir daí, nenhuma de suas colegas falava para ela fazer pausas para comer. Quando o chefe via Hyuna atendendo algum cliente, ele os tomava dela, soltando um "tsc, tsc...". Ele sequer falava algo como: "Não é assim que se faz...". Simplesmente empurrava Hyuna com o cotovelo, como se tivesse um asco insuportável dela. Vendo essa cena, as pessoas da loja riam, cochichando coisas como: "Ela arranjou clientes seduzindo o chefe"; "Interesseira"; "Ela andou mentindo, falando que ele a perseguiu"; "O que o chefe ia querer com uma menina dessa?". Os cochichos dos colegas chegaram até Hyuna. Começaram então os dias em que ficava sozinha em um canto, sem receber nem mesmo os pequenos afazeres, que eram dados aos novatos. Toda vez que isso acontecia, Hyuna sentia como se tivesse virado uma enorme pilha de lixo.

Se rolar. Se rolar e eu arranjar um trabalho, tudo de novo.

É comum na internet apelidar pessoas que se isolam no quarto como "lixo humano" ou "lixo de quarto". Hyuna, após largar o trabalho na loja por não conseguir resistir ao assédio, passara um ano só no quarto, tornando-se um "lixo de quarto" convicto. Mesmo dando para si a desculpa de que era melhor apodrecer em silêncio no quarto do que ser tratada como lixo na frente das pessoas, toda vez que falhava em clicar no botão "Candidatar-se", não importava o que fizesse, ela não conseguia voltar para seu buraco negro.

Nessas horas, era necessário álcool. A única razão para pôr o capuz de seu moletom e ir à loja de conveniência na frente de casa era o álcool. Comprava a bebida antes das sete, que era quando sua família voltava, e então dormia até meia-noite. Se por acaso ficasse com vontade de ir ao banheiro por conta da bebida enquanto a família ainda estava acordada, poderia haver complicações. Então levantava-se à meia-noite e usava a internet enquanto bebia o que havia comprado. Pela força do álcool, as portas do buraco negro se abriam novamente e, até pegar no sono sentada às sete da manhã, Hyuna conseguia ser feliz novamente.

Porém, naquele dia... Doze horas antes de se torturar pensando se havia sido

enganada por uma raposa...

A felicidade de dentro do buraco negro ruiu. O início da ruína foram as redes sociais. Ao atualizar a página, viu uma enxurrada de textos. Curiosa sobre o que estava acontecendo, Hyuna se sentou com a coluna ereta. “É sério que está namorando?”; “Ilwoo Yoo enlouqueceu?”; “Só faz quatro anos que ele debutou e já se envolveu em escândalo?”; “Se fosse para namorar, que namorasse uma menina com classe. Vergonha!”. Com as mãos trêmulas, Hyuna começou a pesquisar. Pesquisou e pesquisou. Mesmo depois de a agência do N2R lançar uma nota confirmando o namoro, a pesquisa não parou. Nem o som de sua família abrindo o portão de casa, que ela costumava perceber facilmente, chegava ao seu sistema nervoso, muito menos o sono que era de praxe sentir pelas sete da noite. Via incansavelmente os artigos sobre o namoro de Ilwoo Yoo, até o amanhecer. O Ilwoo Yoo dos artigos aparecia envolvendo a cintura de uma mulher com o braço.

Por quê? Por que justo ela?

Ao sentir o gosto de sangue da ponta de seu polegar, Hyuna saiu de casa às pressas. Seis da manhã. Precisava de uma bebida. Era um desejo que superava qualquer medo de acabar dando de cara com algum familiar, caso alguém já estivesse acordado. Achava que, se bebesse, a história de que Ilwoo Yoo estava namorando desapareceria e o buraco negro voltaria a ser um espaço feliz. Correu para a loja de conveniência de sempre, comprou seis latas de cerveja e duas garrafas de soju. Ao que lhe perguntam “A sacola custa cem wons. Vai precisar?”, ela balançou a cabeça e, como de costume, pôs as cervejas no capuz de seu moletom. Incomodada com o peso, inclinou o pescoço para trás, empurrou a porta da loja e estava saindo quando uma pétala de flor de cerejeira caiu graciosamente, como se dançasse, até pousar em sua testa.

Chegara a primavera. Depois de voltas, era primavera de novo. Também era primavera quando deixou seu trabalho um ano antes. À época pensava que, depois de um ano, algo haveria mudado. Quando será que desistiu até mesmo de acreditar nisso?

Ainda assim, a primavera não tem culpa...

Hyuna tirou a pétala da testa e guardou no bolso. Subitamente, reparou na fachada do estabelecimento que ficava em frente à loja de conveniência. Inferno do Kimbap. O nome daquele lugar, escrito em vermelho sobre um fundo preto, foi forte o suficiente para eliminar todo o desejo por bebida.

Tinha um estabelecimento como aquele por ali?

Era uma viela que frequentara tantas vezes que, se estivesse bêbada, poderia até não conseguir encontrar o caminho de casa, mas conseguiria encontrar a loja de conveniência que ficava ali. Se tivesse visto uma fachada como aquela antes, com certeza se lembraria. Hyuna atravessou a rua e parou em frente ao local. Vendo de perto, percebeu que, bem no meio da parede de vidro, havia algo escrito em letrinhas pequenas.

RESTAURANTE COPYCAT — ABERTURA À 666

O nome do lugar é Inferno do Kimbap ou Restaurante Copycat? Até o horário de abertura é estranho.

Ela até tentou observar o interior do estabelecimento, mas tudo que via pelo vidro revestido por uma película fosca era o reflexo fraco de sua silhueta. Se não dava para ver nada, bastava desistir e dar as costas. Porém, Hyuna não conseguia simplesmente sair da frente daquele lugar. Com a parede coberta por um mármore escuro, parecia uma caixa de presentes preta. Com a intuição de que deveria haver algo que desejava no interior encoberto daquele lugar, ela grudou no vidro como se tivesse sido possuída por algo. Foi quando a porta se abriu vagarosamente.

— Uma cliente. Entre.

A voz que saiu pela fresta da porta envolveu Hyuna. Era uma voz que parecia um doce sorvete de baunilha, derretido e pegajoso. Hyuna observou a fresta da porta semiaberta, roeu a unha do polegar e entrou. Se voltasse para casa naquela hora, acabaria encontrando sua família. Fora que a cerveja no capuz estava pesando e... não vinha à mente nenhum motivo para não entrar naquele lugar, apenas motivos para entrar.

Ao dar o primeiro passo, uma luz com cores da aurora, que encobria o teto e todas as paredes, permeou a roupa de Hyuna. A luz estava saindo da parte de dentro de uma estante instalada no meio do local. Era uma estante giratória, espiralada, que se estendia desde o teto até o chão. Em frente ao balcão de bar, que tomava a lateral de uma parede, havia dois bancos e, por trás do balcão, uma cozinha aberta. Havia desde fornos profissionais até chapas dessas que se usam em restaurantes chineses. Aquela era uma cozinha que seria facilmente considerada um parque de diversões para quem gosta de cozinhar.

— Sente-se.

Ao ver a pessoa do outro lado do balcão, Hyuna se assustou.

O rosto é igual ao meu.

Era igual a ponto de ela suspeitar se não estava olhando para um espelho. Hyuna deu um passo para trás, mas logo andou vagarosamente para perto do balcão e sentou-se.

A única coisa parecida é só o rosto mesmo.

A pessoa do outro lado do balcão tinha um ar diferente, que não permitia distinguir se era um homem ou uma mulher. Uma imponência transbordava de todo aquele corpo, dessas que provavelmente a faria se manter de pé não importando onde estivesse ou o que acontecesse, transbordava de todo aquele corpo.

Eu queria ter ficado assim.

Hyuna tirou as cervejas do capuz e as dispôs sobre o balcão. A vontade pela bebida, que havia esquecido por um tempo, voltou com força. Abriu uma lata de cerveja. Tomou uma e logo em sequência tomou outra. Depois de acabar vorazmente com três latas, o álcool subiu. Uma voz adocicada circundou seu ouvido.

— Tem uma vida que você quer roubar, né? Eu consigo realizar isso para você.

Tinha, sim. Uma vida que, naquele momento, ela queria muito roubar.

— Por que justo a HyunA? A namorada do meu *ultimate*? Não. Mesmo odiando isso, tenho vinte e cinco anos. Por mais que afirmem o contrário, sei que os famosos namoram entre si. Mas por que justo a HyunA? Aquela cabeça oca. É realmente a pior.

— E pensar que quer roubar a vida de uma pessoa que você odeia tanto assim... é engraçado.

Sem palavras, Hyuna Chung abriu as últimas latas de cerveja e bebeu. Assim, as seis latas de cerveja que havia comprado na loja de conveniência acabaram.

— Está me desprezando só porque falei mal dela? Não é como se eu realmente pudesse roubar a vida dela, né? Está tudo bem até aqui. E não é como se eu tivesse postado comentários de ódio nas redes.

Era mentira. Ela postou comentários de ódio. Se juntassem os comentários de ódio que Hyuna Chung fez para HyunA, daria facilmente umas seis folhas A4.

— Por que o nome é justamente HyunA? Eu sou Hyuna Chung. Ela é HyunA. Bom, o nome artístico é HyunA, pois o nome verdadeiro é igualzinho ao meu, Hyuna Chung. Mesmo nome, vida diferente... mas e o seu nome, qual é?

— Pode me chamar de Loki. O nome real é um pouco mais longo, mas abreviando fica Loki.

— Loki? O Loki que aparece nos filmes da Marvel? Nome curioso. É estrangeiro?

— Não sei se o Loki gostaria de ser comparado a um demônio. Esses deuses são muito orgulhosos.

— Demônio? Você é firme no conceito. Entendi. Vou acreditar que é um demônio. Agora, troca logo a minha vida com a da HyunA.

HyunA. Era a dona da vida que Hyuna Chung queria roubar.

Hyuna Chung odeia HyunA. Hyuna Chung. HyunA. O nome é igual e a idade é igual. Não a odiava desde o princípio, quando HyunA debutou em um grupo feminino. Achava interessante à época, pois pensava: *Tem uma famosa com nome igual ao meu*. Antes, Hyuna Chung desejava que HyunA se desse bem. Era como se, caso a HyunA, que tem o mesmo nome que ela, se desse bem, ela própria também se daria bem em conseguir um trabalho. Era na mesma época em que se empenhava para obter nível três na escola de maquiagem. Depois, Hyuna Chung conseguiu a licença e o grupo de HyunA, que já aparecia raramente, sumiu de vez. Se tornaram os chamados "fracassídolos", ou "*idols* fracassados".

Depois de conseguir o trabalho na loja e sofrer bullying por um, quase dois anos, Hyuna Chung havia esquecido de HyunA. O que realmente ansiava ter não era uma ligação fraca, como o simples fato de ter o mesmo nome, e sim um aliado absoluto. Não importava quem fosse, desde que apenas sorrisse para ela. Isso era tudo que queria no dia em que entregou sua carta de demissão. Porém, a única pessoa que sorriu para Hyuna no caminho do trabalho até sua casa foi o Ilwoo Yoo que aparecia em um pôster dentro do metrô. Ela conseguiu conter as lágrimas graças àquele pôster que estava à sua frente, do outro lado do banco onde havia sentado. Voltou para casa e pesquisou sobre aquele anúncio. Nisso, acabou se filiando à comunidade de fãs de Ilwoo Yoo. As muitas pessoas anônimas que estavam na comunidade tratavam Hyuna com muita gentileza pelo simples motivo de ela também amar Ilwoo Yoo. A sensação era como se centenas de cordas descessem do céu e ela, enfim, pudesse se agarrar a algo no meio de um enorme vazio. Hyuna foi cada vez mais se afundando em Ilwoo Yoo. Rigorosamente, ela amava as cordas que à ligavam a Ilwoo Yoo. Por outro lado, ela se convencia de que era o próprio Ilwoo Yoo que ela amava.

Juntando materiais sobre Ilwoo Yoo, naturalmente acabou descobrindo sobre outros artistas. Sabia que o grupo do qual HyunA fazia parte havia sido dissolvido e que ela estava aparecendo em vários programas de TV adotando uma personalidade pastelona. Certa vez, HyunA disse: "O que é 'profecia'? É tipo um professor que faz companhia?". Ela logo virou uma personagem

descrita como “pode ser burra, mas é bonita e sincera”. Toda vez que uma cena em que HyunA aparecia agindo como uma pastelona surgia nas sugestões do YouTube, Hyuna Chung se contorcia. Porém, não chegava a clicar para retirar dos vídeos relacionados. Em vez disso, entrava em todos os vídeos que apareciam para postar comentários de ódio. A princípio, ela ficava irritada porque agia feito boba tendo o mesmo nome que a artista e, quando o tempo em que vivia confinada no quarto se estendeu, acabava se irritando porque uma pessoa assim era famosa. Mesmo nome. Mesma idade. Mas parecia que HyunA vivia uma vida incomparavelmente mais cômoda do que ela só por ser um pouco mais bonita. Estava com inveja. Pesquisou artigos sobre HyunA para postar comentários de ódio. Chegou até mesmo a pesquisar grupos de chat de haters de HyunA para conversar. Toda vez que via os xingamentos voltados à HyunA subirem aos montes nas janelas de conversa, ela sentia que ia de “Hyuna Chung, a bobona” para “a Hyuna Chung”, o que a deixava contente.

Porém, agora Hyuna Chung queria se tornar HyunA. O motivo era um só. Porque HyunA é aquela que Ilwoo Yoo está namorando.

— Estou falando que consigo trocar. Você não tem nada a perder, quer tentar?

— O que e como tenho que fazer?

— É simples. Descubra a receita da alma da pessoa cuja vida você quer roubar. Então eu vou fazer um prato usando essa receita e dar para você. Quando você comer, trato concluído. Eu ganho uma receita e, em troca, possibilito que você roube a vida que deseja.

— O que é uma receita da alma?

— Um prato gravado não no paladar, mas no coração. É a “história” relacionada à essa memória. Um exemplo: nos Estados Unidos, na manhã do dia da execução, perguntam para quem será executado o que ele quer comer. É a última ceia. O que acha que mais pedem?

— Eu sei lá.

— Se você, minha cliente, pudesse pedir um último prato, o que pediria?

Por que justo uma pessoa no corredor da morte? Hyuna franziu a testa. Não queria imaginar uma coisa dessas, mas o que seria bom se tivesse que escolher uma coisa? Raspadinha de hotel, que nunca conseguiu provar porque era caro, apesar de sempre ter desejado? Ou será que pediria um buffet? Parecia um prejuízo comer uma coisa muito barata como última refeição. Vários pratos passaram por sua cabeça, mas não havia nada que pensasse ser a melhor opção. Por fim, Hyuna balançou a cabeça.

— Não sei. Não vem nada à mente.

Loki então fez: "Tsc, tsc".

— Então você, minha cliente, não tem a receita da sua alma.

— Ei, que reação é essa? Não fale como se não ter uma receita da própria alma fosse um grande prejuízo. Mesmo sem essas coisinhas vivo muito bem. Mas o que as pessoas prestes a ser executadas nos Estados Unidos mais pedem? Caviar?

— Não, combo de hambúrguer.

— Que sem graça. Receita de hambúrguer é tão comum. Quer dizer então que quinhentos gramas de carne é uma receita de alma?

— Não, eu falei que receitas de almas são histórias. O motivo de aquele prato ter sido gravado no coração. A história é a receita. Os ingredientes ou detalhes do preparo não importam.

Hyuna ficou matutando sobre as palavras de Loki. Como ele disse, ela não tinha nada a perder. O que precisava descobrir era só uma coisa, o prato que a pessoa considerava especial. Além disso, celebridades costumam falar sobre isso pelo menos uma vez em qualquer lugar.

Se eu puder trocar de vida com a HyunA...

Hyuna Chung virou o resto da cerveja. Observando isso, Loki pôs sobre o balcão uma taça de champanhe. Era um champanhe tão bonito que dava dó de beber. Hyuna nunca havia bebido champanhe. Na época da faculdade, algumas amigas a convidaram para um bar, mas não pôde ir porque temia que sairia muito caro.

HyunA deve beber essas coisas à vontade, né?!

Imaginou uma cena em que HyunA se senta frente a frente com Ilwoo Yoo e inclina a taça de champanhe. Que ódio. Que ódio insuportável.

— É um *welcome food*. Basta consumir que nosso contrato se inicia.

Hyuna agarrou a taça e bebeu de uma só vez.

— O prazo é de um mês. Passado esse tempo, você não conseguirá mais encontrar este estabelecimento. Entendeu?

Saiu dali. Já estava claro. Cambaleando, voltou para casa com passos embriagados e caiu em um sono profundo. O namoro de Ilwoo Yoo, o estabelecimento estranho, parecia que tudo desapareceria soterrado no sono. No entanto, quando se levantou, à uma da tarde, a memória daquele lugar estranho voltou clara, junto com uma fortíssima ressaca. Nas redes sociais, notícias e mais notícias continuavam chovendo sobre o namoro de Ilwoo Yoo. Para ter certeza, revirou o bolso de seu moletom. A pétala de flor de cerejeira estava ali, do jeito que a deixara.

Hyuna Chung digitou "HyunA" na janela de pesquisa.

O cheiro do óleo de gergelim fez Hyuna salivar. A cebolinha e o gergelim sobre a canja de galinha, servidos delicadamente em uma tigela, aumentaram ainda mais seu apetite. Ela levantou a colher.

— Dessa vez vai dar certo, né? Aquele negócio de *transf*... alguma coisa.

— *Transfer*. É a terceira vez que falo, então memorize!

Uma semana antes, Hyuna visitara novamente o Restaurante Copycat. Empurrando seu rosto sobre o balcão, com olheiras de tanto pesquisar na internet noites a fio em claro, ela perguntou algumas coisas. "Como que seria possível roubar a vida de outra pessoa?" Pediu que Loki explicasse com mais detalhes. A resposta que recebeu a fez parecer fútil diante do tempo que passou pensando no assunto. "*Transfer*". A expressão no rosto de Loki, que parecia que

ter ouvido uma pergunta muito óbvia, deixou Hyuna indignada, fazendo com que seu nervosismo se desmanchasse na hora.

— Engraçadinho. É normal me confundir. Você decorou porque explica todo dia para os clientes que vêm aqui, falando "*Transfer*" blá-blá-blá... acha que pessoas comuns como eu veriam uma palavra dessas por aí? Pega uma pessoa qualquer na rua e pergunta... se sabem que a troca de almas chama *Transfer*. Se bem que, já na parte da troca de almas devem achar que você é louco.

— Decore mesmo assim. Pronunciar os termos corretamente é um elemento importante no pacto.

— Essa palavra infantil, mesmo decorando, não acontece nada.

Hyuna enfiou a colher no meio da canja de galinha. Já era a terceira vez que comia naquele lugar. Na primeira vez, ao comer arroz frito, estava nervosa a ponto de a colher em sua mão estremecer. Pensou que algo grandioso poderia acontecer no momento em que aqueles grãos de arroz lisinhos, cobertos de ovo, passassem por sua garganta. Porém, não aconteceu nada. Suspeitando que talvez tivesse sido por causa da quantidade pequena, ela comeu mais uma colherada, então outra até raspar o prato, revelando o fundo. Segundo Loki, o *Transfer* só seria finalizado no momento em que ela dormisse depois de comer o prato. Tinha algo a ver com trocar as almas através das portas dos sonhos. Por isso voltou para casa e se forçou a dormir, mesmo sem sono. Como esperado, não aconteceu nada. Na segunda tentativa foi a mesma coisa. Então a terceira. Depois de muito refletir, quando decidiu voltar ao Restaurante Copycat, seu nervosismo já havia esmaecido a ponto de estar quase imperceptível e, proporcionalmente, sua dúvida estava densa como a neblina.

Eu devia saber, mas... será que esse sujeito não é um vigarista?

É um absurdo roubar a vida de outra pessoa. Ela não devia ter acreditado nessa história. Mesmo pensando assim, Hyuna pegou mais uma colherada da canja de galinha. Era uma idiotice.

Mas...

O problema era esse maldito “mas”. Mas e se for possível? E se puder se tornar HyunA?

De tempos em tempos, o namoro entre Ilwoo Yoo e HyunA era noticiado na seção de celebridades. Eram coisas triviais, dizendo que Ilwoo Yoo já visitava os locais de gravação da HyunA antes mesmo de eles revelarem o namoro; que um carro que afirmava pertencer a ele fora visto parado em frente à casa dela; que ele já mandara um *coffee truck** para o local de gravação dela. Qualquer um poderia perceber o quanto Ilwoo Yoo era dedicado à HyunA e, por causa disso, até a direção da opinião pública mudou. Alguns fãs que, a princípio, tinham sido contra o namoro de seu *idol*, passaram a se movimentar utilizando a *hashtag* “#Apoio_Ilwoo_Yoo_O_Romantico”. A ideia era de que o melhor a se fazer é revelar os estágios do namoro, sendo fofinhos, comparado a alguns *idols* que anunciavam uma gravidez pré-marital, sem antes terem dado qualquer sinal. Enquanto Ilwoo Yoo se tornava O Romântico sob a proteção de suas fãs, HyunA se tornava A Inimiga Comum de todas. Gostar das cenas do namoro que ele mostrava e gostar da pessoa que ele namora eram coisas completamente diferentes. Para as fãs que recortavam a pessoa ao lado de Ilwoo Yoo para porem a si mesmas no lugar, HyunA era apenas um obstáculo.

Hyuna Chung também desejava o lugar de HyunA. Se o *Transfer* desse certo, esse desejo iria se tornar realidade. Se a ilusão de muitas fãs era apenas uma ilusão, sua ilusão seria um plano para o futuro.

De qualquer modo, a comida também é de graça. Ficar só em casa era chato, e agora tenho um lugar para ficar. É só por isso. Não é porque acredito nessa história fantasiosa de Transfer. *Fora que é bom ver uma pessoa com o mesmo rosto que eu falando com tanta confiança. É só isso.*

Hyuna se empenhava em criar desculpas para si. Não queria sentir o gosto da derrota quando falhasse depois de tanto desejar. Porém, a colher que levantava com a canja de galinha estava tremendo desta vez também.

— Espera. Você não pode comer até recitar o pacto.

A mão que levava a colher até a boca de Hyuna parou.

— De novo? Essa coisa chata?

— Mesmo que seja chato, obrigação é obrigação. É isso ou você terá sérios problemas por pacto injusto.

— Você disse que era um demônio. Demônios não enganam as pessoas para fazer pactos?

— Não estou fazendo o trabalho de um demônio. Estou na Terra sem avisar meus superiores, então se eu fizer um pacto de trabalho aqui serei repreendido. Portanto, temos que seguir o procedimento para que não se torne um pacto com o demônio.

— Como assim, um demônio ser repreendido?

— A sociedade dos servidores públicos é bem parecida, tanto lá quanto aqui. Bem, vou começar.

Hyuna sabia que, independentemente do que dissesse, não adiantaria. Não importava o que ela perguntasse, Loki respondia, mas nunca aceitou suas opiniões, não importava o que ela falasse. Enfim, Hyuna abaixou a colher. Loki pigarreou.

— Bem, vou começar. Hyuna Chung, doravante denominada Copycat, consolida o presente pacto de *Transfer* em troca de fornecer a Loki, doravante denominado Mestre, a receita da alma da pessoa escolhida, doravante denominada Subordinada. Através do *Transfer*, Copycat e Subordinada trocarão de elementos tanto físicos quanto espaciais. Este pacto de *Transfer*, contudo, não se responsabiliza por mudanças decorrentes de ações da Copycat posteriores ao pacto. Caso deseje desfazer o pacto, basta que a Subordinada visite o restaurante e coma o prato preparado com sua receita da alma. O prazo para desfazer o pacto se limita a um mês a partir da data que ocorrer o *Transfer*. Durante tal período, tanto Copycat quanto Subordinada poderão visitar o Restaurante Copycat, que abre todos os dias às seis horas, seis minutos e seis segundos. Após o cancelamento, Copycat e Subordinada poderão realizar *Transfers* com outras pessoas, porém já não será mais possível fazer novamente

com a mesma pessoa.

A voz de Loki se assentou de forma grudenta nos tímpanos de Hyuna. O sotaque dele ao falar era esticado, parecia aqueles pozinhos que se põe no sorvete e que explodem na boca. Ainda bem que a voz de Loki era boa, ou seria impossível aguentar o tédio.

Por que demora tanto para falar algo tão simples? Resumindo: significa que não é como O Príncipe e o Mendigo*, que só mudam de lugar, mantendo seus corpos. E que é preciso tomar cuidado com as ações depois da troca. Quanto ao prazo de cancelamento de pacto, não preciso pensar nisso. Nunca vou querer cancelar.*

A princípio, ficou confusa quando Loki recitou os termos do pacto. Se ele era mesmo um demônio, não deveria mostrar a ela uma folha com ornamentos dourados, uma caneta-tinteiro com pena, sussurrando para fazerem um pacto? Ao perguntar isso para Loki, ele rebateu com uma pancada:

— Acha que se tornou normal o ser humano saber ler? Até agora, se você prestar bem atenção no mundo, uma a cada dez pessoas não sabe ler. Antigamente era pior ainda. Se alguém colocar uma folha com texto na sua frente, falando que é um demônio, é golpe. Em pactos com demônios, a voz é o básico.

Ela se arrependeu, pois podia ter deixado passar sem toda essa explicação. O problema não era o tédio. O maior problema era outro.

— Caso concorde, deverá repetir a seguinte frase: Eu, Hyuna Chung, me tornarei uma Copycat.

— ...

O maior problema era que ela tinha que repetir essas frases vergonhosas, como em um anime de *Mahou Shoujo*.* Foi uma grande provação para Hyuna, que, mesmo quando criança, apenas mexia a boca quando suas amigas falavam palavras mágicas.

— Não vai repetir? Não vai fazer o pacto?

Ao ser pressionada por Loki, Hyuna finalmente abriu a boca, que até então

vinha mantendo fechada com força.

— Eu, Hyuna Chung, me tornarei uma Copycat...

— Boa! Pacto feito. Coma!

Hyuna engoliu em seco e pôs a colher na boca. Mastigava o frango desfiado, sentindo as fibras liberarem um caldo levemente adocicado, junto com o sabor dos grãos de arroz, enchendo sua boca. A canja que enchia sua boca desceu suavemente pela garganta.

Como esperado, ele cozinha bem.

O arroz frito e o macarrão gelado também estavam saborosos, tanto que ela pensou que isso sim devia ser a habilidade de um demônio. As colheradas de Hyuna ficaram cada vez mais rápidas e a canja de galinha, que antes enchia a tigela, agora revelava o fundo. Hyuna largou a colher e suplicou.

Por favor. Que dessa vez se realize.



— Você é uma mentirosa! Mentirosa malvada!

Puf. O travesseiro acertou o rosto de HyunA, que aparecia no monitor. O travesseiro caiu sobre as latas de cerveja que estavam na frente do monitor, derramando sobre o teclado a cerveja que restava em uma delas. Foi uma ação que não combinava com Hyuna Chung, já que normalmente cuidava muito bem de seu computador.

Quando estava prestes a completar quatro meses de isolamento em seu quarto, o teclado quebrou porque Hyuna havia derramado água sobre ele. Acabou tendo que comprar um novo porque não conseguia consertar por nada. A frustração que sentiu durante o período em que o teclado não funcionava foi um sofrimento indescritível. Não conseguia postar textos nas redes sociais, nem reagir a comentários que deixavam em suas postagens. Apesar de o impedimento ser sobre escrever, a sensação era de que sua boca estava costurada. Foi obrigada a usar a internet pelo celular enquanto aguardava o

novo teclado ser entregue. Como seu celular era um modelo econômico, que os pais haviam comprado para ela durante o ensino médio, a internet não pegava bem e o teclado era duro. Quando o teclado finalmente chegou, Hyuna soltou um grito de alegria ao sair para buscar a encomenda e deu de cara com sua família, todos sentados juntos na sala. Tanto a família, que estava sentada em círculo comendo frango frito, quanto Hyuna, que voltava do portão segurando a caixa da encomenda, ignoraram um ao outro. Ela entrou em seu quarto, sentou-se de cócoras abraçando a caixa da encomenda e se prometeu jamais estragar um teclado novamente.

Porém, não conseguia conter a raiva que sentia naquele momento. Culpa de um novo vídeo de HyunA que havia sido postado. No vídeo, HyunA diz: "A comida da minha vida? Claro que é *ramyun*. Quando os compromissos acabam tarde, mesmo sabendo que meu rosto vai inchar no dia seguinte, não consigo evitar". Ela havia sido convidada a participar de um programa de competição para criar novas receitas com *ramyun*.

Como assim, ramyun*? Da outra vez, ela disse que com certeza era canja de galinha. E, antes disso, que era o arroz frito que seu pai fazia como lanche da meia-noite!*

No dia seguinte ao que comeu a canja de galinha, mais uma vez, nada aconteceu. Reprimiu sua decepção dizendo para si que já não esperava muito e pegou o computador. Pensou até mesmo em enviar uma mensagem direta à HyunA para perguntar. Dizendo algo como: "O que quer comer antes de morrer?". HyunA era conhecida por ser uma famosa que respondia às mensagens de fãs. Porém, quando entrou no perfil do Instagram de HyunA, os comentários e as mensagens estavam bloqueados. Havia um comunicado dizendo que, como os comentários maldosos haviam aumentado demais, eles iriam bloquear comentários e mensagens por um tempo. Tais comentários maldosos incluíam os de Hyuna Chung.

Enfim, teria que buscar em programas que HyunA aparecera ou entrevistas em revistas para encontrar algo que poderia ser a receita da alma dela.

Procurou vídeos enquanto segurava a raiva que fervia dentro de si. Uma coisa que descobriu enquanto pesquisava sobre HyunA foi que a *idol*, ao contrário do que se esperava, não costumava falar muito de sua vida pessoal. Como ela fazia o tipo pastelão, imaginava que diria qualquer coisa, apropriada ou não, além de que seria obviamente fácil descobrir qual seria a receita de sua alma, mas não foi assim. A história sobre o arroz frito que seu pai fazia foi encontrada com dificuldade, em um artigo de revista que não dava nem dez linhas, bem no começo de sua carreira. Como HyunA, apesar de ter bastante exposição, não era popular o suficiente para ter entrevistas exclusivas em revistas ou ser a única convidada em programas de variedades, obter material só sobre ela era difícil como coletar estrelas no céu ou encontrar uma agulha no deserto.

E agora vem dizer que é ramyun*? Nada que você dizia ser o prato da sua vida era uma receita da sua alma! Tanto isso de dizer que gosta desses pratos, quanto as histórias que contava sobre eles, deve ser tudo mentira. Por que tenho que sofrer desse jeito por sua causa?*

Sabia que, racionalmente, não era culpa de HyunA. A probabilidade de Loki ter mentido era mais alta do que a de HyunA ter mentido. Desde o princípio, *Transfer* era uma coisa impossível. Porém, a cerveja que tomara havia sumido com a razão e deixado só a emoção.

Será que desisto? Uma idiotice dessa.

Hyuna fechou o vídeo na tela.

Que diferença teria isso tudo de acreditar que uma coruja chegaria com uma carta no bico? Como assim, demônio? Um demônio com avental cozinhando? Juntando receitas? Claro. Só fui na dele porque estava entediada. Não acreditei de verdade. Então vamos desistir. Vou desistir e...

A mão que compulsivamente atualizava as redes sociais parou. Hyuna segurou forte o mouse e olhou para o monitor com uma expressão vazia. Postagens continuavam a subir, mas nada entrava em sua cabeça.

O que você vai fazer se desistir?

Hyuna roeu a unha. Um anúncio, no meio das várias postagens que subiam,

chamou sua atenção. Era de emprego em um salão de maquiagem. Ao ler o texto, que dizia "O salão favorito de HyunA, Like Me, está à procura de maquiadores para se juntarem à equipe", o pedaço da unha que estava roendo se desprendeu.

Ela falou em um outro programa de TV. Que ela era muito próxima do pessoal do salão que frequentava. Que até chegou a comer junto com alguns deles. Isso. É isso! Mesmo que ela minta em programas de TV ou entrevistas, não deve mentir conversando enquanto come ou fofoca a sós.

Não havia outra opção senão conseguir um trabalho nesse lugar e se aproximar de HyunA para descobrir a receita de sua alma. Hyuna Chung clicou no link do post de divulgação. Uma nova janela se abriu com a página de inscrição. Pôs o cursor sobre o botão de solicitação de participação. Os olhares que a encaravam como um lixo imprestável fizeram com que Hyuna levantasse o dedo e não conseguisse clicar no mouse.

Mas. Mas. Mas. Hyuna Chung, após vários "mas", fez força na ponta de seu dedo.

Afinal, não se sabe se esta seria sua última oportunidade.

A única oportunidade de não precisar mais fingir plenitude ao passar pelos familiares enquanto comem frango frito. A oportunidade de não se magoar e ter uma vida feliz só de sorrisos. A oportunidade de ter alguém que sorria para ela quando as coisas estiverem difíceis.

Hyuna cerrou os olhos e apertou o botão do mouse.



— Mas...

No instante em que essa palavra saiu da boca do gerente, Hyuna sentiu que já havia sido desclassificada. A saia social apertou sua cintura. A roupa que vestira na formatura da faculdade ficara pequena depois de tanto tempo. No instante em que ela pisou no salão Like Me, o olhar do gerente, que a observou

da cabeça aos pés, se fixou em seu currículo.

Eu devia ter comprado uma roupa nova.

Não havia nenhuma experiência de trabalho anterior. Não conseguia pensar no que responder caso perguntassem coisas como: "Por que saiu desse emprego?". E ela não poderia responder com: "Porque meu chefe me perseguia". Era um mundo pequeno. Todo mundo conhecia todo mundo. Tendo apagado a experiência no trabalho anterior, parecia que Hyuna havia vivido como desempregada por três anos desde que se formara na faculdade.

— Você tem uma lacuna grande depois da formatura. Seu portfólio é só isso? O que fez nesse tempo?

O gerente colocou o currículo sobre os joelhos. O portfólio que Hyuna entregou era o mesmo que havia preparado quando procurou emprego pela primeira vez, então estava cheio de técnicas de maquiagem que já não estavam na moda.

— Fiz alguns bicos... e é isso — murmurou Hyuna, como se estivesse engolindo as palavras. Seu rosto ficou quente. O gerente fez algumas outras perguntas pouco significativas e então agradeceu.

A entrevista acabou. Hyuna pegou sua bolsa e o portfólio que havia levado e saiu desajeitada. Logo que abriu a porta, ela se agachou em um canto, sem forças. Sentia como se, assim como o portfólio que estava segurando em seu peito, ela mesma havia se tornado inútil. O crachá que havia colocado para a entrevista encostou em sua mão. Hyuna tirou o crachá do pescoço e jogou escada abaixo.

— Que susto! Achei que era alguma coisa voando. Nossa! Por que meu nome está aqui?

Hyuna Chung se assustou e logo se levantou. Um rosto que já havia visto centenas de vezes pelo monitor agora olhava para ela, debaixo da escadaria. Era HyunA. HyunA levantou e balançou o crachá.

— Isso aqui é seu?

Hyuna Chung correu escada abaixo, desesperadamente. Passou

escorregando pelo lado de HyunA. Só quando chegou no portão principal do prédio que parou, ofegante, mas logo esbarrou no ombro de alguém. “Qual é? Que inconveniente!”. Hyuna Chung reconheceu imediatamente de quem era a voz irritada. Não tinha como não saber, pois era uma voz que ouvia todos os dias. Hyuna Chung levantou o rosto e olhou para a pessoa em quem havia esbarrado. Como esperado, era Ilwoo Yoo.

— O que é que está olhando? Não vai pedir desculpas?

— E-eu. Sou sua fã!

Sua emoção ultrapassou a razão, e ela simplesmente deixou as palavras escaparem. *Que loucura, Hyuna Chung!* Mesmo pensando assim, Hyuna esperou pela reação de Ilwoo Yoo. Seu coração estava agitado, assim como imaginava que alguém se sentiria enquanto espera por um elogio depois de entregar uma flor para seu primeiro amor.

— Qual é? Você é daquelas fãs perseguidoras? Se for, vaza daqui, porque é o que você merece.

Ilwoo Yoo mexeu as mãos como se espantasse uma mosca. Hyuna saiu do prédio, como se fosse empurrada por esse gesto. Dentro do ônibus para casa, ela tentava enterrar em sua memória a voz irritada de Ilwoo Yoo. Aquele não era o Ilwoo Yoo. Não podia ser. Assim que chegou em casa, soltou o botão da saia e se jogou na cama, por cima do cobertor.

Eu preferia virar essa poeira e desaparecer do mundo.

Estava deitada, observando sem expressão nenhuma a poeira que flutuava pelo ar, quando o celular bipou. Hyuna levantou o braço, que estava caído e sem força, para verificar a mensagem. Então levantou seu tronco em um salto.

Complemente seu portfólio e volte em quatro dias. Vamos fazer mais uma entrevista.

Hyuna Chung levantou da cama e abriu uma gaveta, apressada. A maleta de maquiagem que havia largado ali continuava do jeito que deixara antes. Uma maleta que nunca pensou que pegaria de novo. Sua chance estava ali.

O cotidiano de Hyuna era extremamente regrado. Depois que conseguiu o trabalho no salão Like Me, isso piorou ainda mais, a ponto de surpreender qualquer um que a visse. Acordava às seis da manhã, pegava um ônibus e em trinta minutos chegava ao salão para preparar os instrumentos e fazer o treinamento matinal. Sempre que surgia algum agendamento de madrugada, ela se oferecia como ajudante. Apesar de não haver clientes que a escolhiam diretamente, só de fazer as pequenas coisas de novata, como confirmar agendamentos ou realizar pedidos de delivery, passava seu horário de trabalho bem ocupada.

Não só Hyuna, mas todos do Like Me eram muito ocupados. O horário estipulado para saída era por volta das sete horas da noite, mas quase ninguém saía no horário. Por vezes, surgiam agendamentos tarde da noite e era comum haver pessoas se preparando para competições, o que fazia com que as luzes do salão de maquiagem não se apagassem até as dez ou onze da noite. Hyuna, mesmo não tendo agendamentos ou competições, ficava no salão para treinar sozinha. O gerente a elogiava por se esforçar em aperfeiçoar suas habilidades, mas o objetivo de Hyuna era outro.

— Tcharam! Hora do lanche! Comam primeiro, depois voltem ao trabalho!

Como era de se esperar, ela tinha ido naquele dia também. Depois que começou a trabalhar ali, Hyuna Chung descobriu que HyunA costumava ir ao salão entre as oito e as nove da noite. Sempre que ia, levava lanches, sentava-se na mesa perto da janela e fofocava.

Um dia, quando comentou:

— Parece que a HyunA é bem próxima do pessoal aqui. — Era uma chance. Se pudesse engatar uma conversa, poderia perguntar que tipo de comida ela gostava.

— É que a HyunA é quase que uma das fundadoras daqui. Graças a ela, que indicou nosso salão para tantos artistas que estavam com pressa, que ficamos

famosos. Por isso que nosso gerente também a adora.

O problema era que não dava para se intrometer naquele grupinho. As pessoas que rodeavam HyunA para dividir o lanche tinham, na maioria, muito tempo de casa. Quando Hyuna Chung olhava para o lado de HyunA, essas pessoas lhe lançavam olhares do tipo “nem se atreva a se intrometer aqui”. Hyuna Chung ficou esperando por uma oportunidade de puxar assunto com HyunA, enquanto passava o pincel pelo rosto do manequim de treino, calada.

— Ei, novata! Vem comer também! É choux cream!

Estava passando o pincel concentrada quando HyunA falou com ela. Antes mesmo de Hyuna Chung responder, os olhares ao redor de HyunA já viraram como lanças. Eram olhares carregados de pressão, como se dissessem “não importa como, só recuse”.

— Você também, HyunA. A novata ia ficar desconfortável com a gente.

— Verdade. Acha que ela ia conseguir comer? Depois a gente cuida direitinho dela. Não se preocupa.

— Você cuida tanto dessa novata, HyunA. Foi você que pediu para o gerente fazer uma nova entrevista com ela, não foi? Por que fez isso? Vocês por acaso se conhecem?

Que história era aquela? Hyuna Chung fingiu se concentrar no manequim à sua frente enquanto, na verdade, prestava total atenção no que ouvia.

— Não é isso. Eu a encontrei por acaso, e ela parecia muito triste por não ter ido bem na entrevista. Imaginei que ela trabalharia bem, já que queria tanto essa vaga. Por isso que falei com o gerente. De resto, ela passou porque se saiu bem.

— Você realmente gosta de se intrometer, HyunA.

Ao que a conversa parecia ter pausado por um instante, um vento gelado passou pelo pescoço de Hyuna Chung. Parecia que alguém havia aberto a janela.

— Aquele não é o Ilwoo Yoo? HyunA, acho que ele veio te buscar. Como pode ser tão gentil?

— HyunA, acho que vai ter que ir agora. Seu namorado está esperando, vai lá.

Vozes animadas começaram a falar. Hyuna Chung olhou de novo para a janela em que HyunA estava sentada. As pessoas estavam todas de pé, perto da janela, olhando para fora. Davam empurrõezinhos nas costas de HyunA, que foi andando em direção à porta, com passos muito lentos.

— Mas eu quero ficar mais aqui.

O sussurro de HyunA foi tão baixo e suave quanto a maçaneta que ela girou. Tirando Hyuna Chung, que estava olhando diretamente para HyunA, ninguém mais parecia tê-la ouvido. HyunA saiu do salão.

Quer dizer que ela pediu para eu ter uma nova entrevista? A HyunA? Por quê, afinal?

Lembrou da imagem de HyunA, pegando o crachá na escadaria no dia em que havia fracassado na entrevista. Havia apenas passado por ela rapidamente, mas por quê? Não conseguia entender de jeito nenhum. A HyunA que via pelo monitor não era uma pessoa assim. Não tinha pensamentos, era leviana, não se importava com os outros, era arrogante, uma princesa bonita e burra. HyunA tinha que ser assim. Só assim Hyuna Chung poderia odiar HyunA à vontade.

— A HyunA deixou a necessaire aqui. Pior que ela disse que não ia passar aqui amanhã porque ia direto para a filmagem.

— Alguém leva para ela. O carro do Ilwoo Yoo ainda está na frente do prédio.

A preguiça das pessoas paradas perto da janela era visível. Hyuna Chung, pensando que essa era sua chance, se ofereceu.

— Querem que eu leve?

Ninguém recusou. Hyuna Chung pegou a necessaire e saiu do salão atrás de HyunA. Com sorte, poderia perguntar sobre o prato que ela gostava. E quem sabe ver Ilwoo Yoo também. Depois que começou naquele trabalho, não conseguiu mais procurar vídeos ou fotos de Ilwoo Yoo. Estava ocupada, cansada e... Hyuna Chung balançou a cabeça. Se quisesse, daria. No metrô, não

importava se no caminho do trabalho ou de casa, antes de dormir, rapidinho, se quisesse, daria para procurar. Porém, não fazia isso porque, não importava onde olhasse, a imagem de Ilwoo Yoo gesticulando como se espantasse moscas se sobrepunha. Hyuna Chung não aceitava essa realidade. Ilwoo Yoo tinha que continuar sempre como o *ultimate* dela.

Está ali. O que será que está fazendo? Não vai sair?

O que Hyuna Chung viu ao descer do elevador foram as costas de HyunA, de cócoras atrás do portão do prédio. HyunA estava olhando para fora com o pescoço esticado, como se analisasse o exterior. Hyuna Chung se aproximou por trás de HyunA.

— Com licença, sra. HyunA.

Hyuna Chung cutucou levemente o ombro da *idol*. Naquele instante, os ombros de HyunA se voltaram para dentro, como um tatu-bola que se enrola para proteger o corpo. Hyuna Chung estendeu a mão com a necessaire por cima do ombro de HyunA.

— A senhorita esqueceu isso.

HyunA foi de tatu-bola para humana de novo.

— Que susto. Você é a novata. Obrigada! Mas, então, pode me chamar só de HyunA. Pode parar com as formalidades. Também quero falar sem formalidade. Quero ficar próxima de você!

— De mim? Por quê, senhorita?

— Ai, ai, falei para deixarmos de formalidades! Você tem o mesmo nome que eu. É fascinante. Vamos parar de formalidades, ok? Quando eu contar *um, dois, três* a gente para. Um, dois, três!

— Bem, então... beleza. Vou ficar de boa.

Não tinha motivo para recusar a proposta de HyunA. Se pararem com as formalidades, provavelmente irão se aproximar mais rapidamente. Assim, sua chance de descobrir a receita da alma de HyunA aumentaria.

Deve ficar meio estranho se eu perguntar o prato que ela gosta, né?

Contudo, fora esse exato momento, não parecia que viria outra chance de

estar a sós com HyunA. No tempo em que Hyuna Chung titubeou, a porta do prédio se abriu. Uma longa sombra, projetada pelas luzes da rua, se estendeu sobre HyunA.

— Pensou mesmo que eu não acharia você se escondendo aqui?

Ilwoo Yoo mal entrou no prédio e já agarrou HyunA pelo braço, levantando-a bruscamente. HyunA saiu do prédio forçada por Ilwoo Yoo, balançando a mão para Hyuna Chung.

Por que será que enxerguei assim?

Por que será que, por um instante, a sombra de Ilwoo Yoo parecera engolir HyunA?

Hyuna Chung sabia de uma sombra parecida com aquela. A sombra que a perseguia. O terror paralisante. Por conta disso, decidiu parar de pensar no assunto. Não pensaria em nada mais, apenas no objetivo de descobrir a receita da alma. A corda que HyunA estendeu era muito mais vívida do que qualquer outra que lhe haviam estendido por meio dos muitos comentários das comunidades e, se não se mantivesse firme, sentia que poderia acabar agarrando-a em um piscar de olhos.

Mas não poderia fazer isso.

Ilwoo Yoo continuava tendo que ser o *ultimate* de Hyuna Chung, e HyunA era a namorada de Ilwoo Yoo.



Era possível ver as veias em seus olhos. Hyuna Chung os lavou, esfregando-os com força. O rímel se espalhou, pintando a região de preto.

É a pior coisa, sério!

Foi um dia em que tudo deu errado. Tinham feito uma reclamação porque ela confundira os horários de duas clientes. Havia feito o pedido errado dos produtos e derramara suco na roupa de uma cliente. Até então, a bronca do gerente ainda tinha um pouco de risada no meio. Porém, quando Hyuna raspou

metade da sobrancelha de uma cliente, esse riso desapareceu por completo da voz dele. O gerente deu uns tapas no ombro dela e gesticulou para que ela saísse de lá. Ela se lembrou do que aconteceu no trabalho antigo e, nisso, lágrimas começaram a escorrer violentamente. Hyuna saiu correndo para o banheiro do prédio, que ficava fora do salão. Pelo jeito, acabaria levando mais bronca ainda se desse de cara com algum outro funcionário enquanto chorava no banheiro do salão.

Acho que não sirvo para isso. Será que devo me demitir daqui também?

Os pensamentos negativos, assim como uma cobra hibernando enrolada, repentinamente se esticaram e engoliram Hyuna. Ela estava encarando sem expressão a água que saía da torneira, quando a porta do banheiro se abriu. Ela logo fechou a torneira. A pessoa que entrou era HyunA. Ao ver Hyuna Chung, a *idol* parou imediatamente, como se ela tivesse ordenado. Tzum. O som de um celular vibrando se espalhou pelo banheiro.

— Você comeu? — perguntou ela, do nada.

A atendente estranhou a pergunta, do nada, mas gesticulou com a cabeça, dizendo que não. HyunA, com passos cuidadosos, se aproximou da pia e segurou o braço de Hyuna Chung.

— Então vamos comer. Eu pago.

— Ainda não deu meu horário de saída.

— Pode deixar que falo com o gerente. Vamos, sim?

Hyuna Chung saiu do banheiro atrás de HyunA. Pegaram o elevador juntas e por todo o tempo em que desciam para o estacionamento, que ficava no subsolo, o celular continuava vibrando. Entrou no carro de HyunA e, usando os produtos que estavam na necessaire que a *idol* lhe ofereceu, retocou a maquiagem que havia se desmanchado. Mesmo nesse momento, o som de celular vibrando continuava de algum lugar. Só quando estava finalizando sua maquiagem foi que Hyuna Chung descobriu o epicentro dessa vibração.

Era de dentro da bolsinha de HyunA, que estava jogada no banco de trás do carro.



— Duas refeições completas tipo A. Adicione salada de tomate seco ao sol. Uma garrafa de vinho também, por favor. Sem separar entrada do prato principal. Pode trazer tudo de uma vez.

Estavam no restaurante. Sentindo muita sede por causa do nervosismo, Hyuna Chung continuava tomando água. Não era porque o ambiente ou HyunA não lhe deixassem confortáveis. Acima de tudo, era o som que deixava Hyuna Chung ansiosa. O celular vibrava incessantemente.

Mesmo enquanto estavam sentadas fazendo o pedido, o celular dentro da bolsa de HyunA continuava vibrando. Em vez de um sinal de que deveria atender, era um som violento, como se fosse um aviso de que, se não atendesse, algo horrível aconteceria. Toda vez que a vibração do celular fazia o couro fininho da bolsa de HyunA se mexer, Hyuna Chung ficava arrepiada. Mesmo sabendo que esse som não tinha nada a ver com ela, se sentia assim. Era a sensação de estar sentada à frente de uma bomba que poderia explodir a qualquer momento.

Sem sequer ligar para o nervosismo de Hyuna Chung, HyunA, a dona do celular, estava com o olhar concentrado no cardápio, e sequer olhava para a bolsa. Porém, Hyuna Chung via que toda vez que o alerta tocava, as mãos de HyunA que seguravam o cardápio ficavam com as veias, já azuis, saltadas. HyunA foi lendo bem lentamente, sílaba por sílaba, o cardápio e finalizou o pedido. Quando o atendente levou o cardápio, HyunA cruzou os dedos e fechou as mãos. A vibração voltou e, ao ver que agora as longas unhas de HyunA se fincavam em suas próprias mãos, não havia mais como se segurar.

— Continuam ligando para você. Tudo bem não atender?

Só então, quando Hyuna Chung falou, que a *idol* olhou para a bolsa que havia deixado na cadeira ao lado. Por um instante, Hyuna Chung se assustou. O perfil de HyunA, que perdeu completamente o sorriso, parecia uma folha de

papel ressecada. Apesar de ser uma expressão que nunca havia visto no rosto de HyunA, que sempre estava sorrindo, era uma expressão familiar para Hyuna Chung. Por todo o tempo que passara isolada no quarto, seu rosto refletido no monitor era assim. Hyuna Chung, sem perceber, passou a mão no rosto, da bochecha até o queixo.

— Vou fazer uma ligação rapidinho, já volto.

HyunA se levantou segurando fortemente o celular em uma mão. Só quando Hyuna sumiu na área da sacada que Hyuna Chung reparou que seu celular também estava vibrando. Notificações de mensagem estavam subindo uma atrás da outra. Apertou para verificar. A maioria vinha de grupos de conversa ou das comunidades de fãs de Ilwoo Yoo.

Espera aí. O que é isso? Exclusividade Dispatch: Ilwoo Yoo era, na verdade, um stalker?

Os toques na tela ficaram mais agitados. Com as mãos trêmulas, Hyuna Chung clicou no link do artigo. Talvez por conta do sinal fraco do wi-fi, a imagem que estava no topo da página se abria lentamente, como se rolasse de cima para baixo. No instante em que a imagem carregou, ela cobriu a boca.

Não. Não pode ser. Impossível.

Nas imagens reveladas naquele quadrado, Ilwoo Yoo estava segurando o cabelo de HyunA e levantando o punho contra ela, que estava de joelhos. HyunA estava com os braços cruzados em frente ao rosto, como quem tenta impedir os socos que estavam por vir. O batom, a carteira, o frasco de remédio, tudo estava caído para fora da bolsa dela. As coisas espalhadas pelo chão mostravam que aquilo se passava depois de uma briga corporal.

Hyuna Chung, ainda com a mão cobrindo sua boca, respirou fundo e começou a ler o artigo.

Será que Ilwoo Yoo e HyunA são realmente um casal? Um namoro que surgiu de repente. Nossa equipe investigou com exclusividade a verdade sobre esses idols *que parecia manter um relacionamento amoroso tranquilo...*

A essência do artigo era assim: Ilwoo Yoo e Hyuna não tinham um

relacionamento normal e o motivo era que Ilwoo Yoo stalkeara HyunA por muito tempo. Depois, foi dito que HyunA já prestara queixa de danos por perseguição três vezes e haviam sido apresentadas provas de que o culpado era Ilwoo Yoo. Dentre as provas, havia também algumas fotos que outrora haviam feito Ilwoo Yoo parecer um romântico. Fotos dele na frente da casa de HyunA, esperando que ela saísse. O artigo dizia que boa parte das fotos haviam sido tiradas antes os dois namorarem, além de mencionar que havia até um áudio de HyunA implorando para que ele parasse de ir até a casa dela.

Este artigo é uma confissão do jornalista que o escreve, motivado por sua consciência. A vítima pediu inúmeras vezes ao jornalista para que fosse sua testemunha. Porém, como jornalista do meio das celebridades, tomar uma decisão que o torna inimigo de alguma produtora não é fácil. Nisso, o namoro deles foi revelado e foi considerado que tudo havia se resolvido. Porém, o que o jornalista fotografou foram as imagens de violência acima. Por conta disso, ele entrou em contato com HyunA. Ela planejava denunciar Ilwoo Yoo, porém desabafou que estava pensativa porque sua empresa tentava dissuadi-la. Nesse tempo, foi anunciado que os dois namoravam e as produtoras de cada um lançaram notas confirmando o namoro, apenas para benefício próprio. HyunA revelou que nada disso fora por vontade dela. Essa revelação das produtoras fez com que o stalker pudesse invadir o espaço pessoal de HyunA, impedindo-a de se defender. No momento em que as fotos acima foram tiradas, HyunA estava pedindo para que Ilwoo Yoo saísse de sua vida. Este artigo está sendo publicado com a permissão de HyunA, e este jornalista irá apoiá-la qualquer seja a decisão que ela venha a tomar futuramente.

A mão escorregou lentamente do queixo e caiu sobre o joelho. Hyuna Chung, apertando firmemente com o polegar para fechar a janela do artigo, relembrou um dia. A imagem de HyunA, encolhida ao final da escadaria, quando havia descido para entregar a necessaire que a *idol* havia deixado no salão. A longa sombra de Ilwoo Yoo que surgiu diante de HyunA. Foi o dia em que pensara que aquela sombra parecia que iria engolir HyunA. A essa imagem se sobrepôs a própria lembrança de ficar um longo tempo andando entre as

gôndolas da loja de conveniência, fugindo de seu gerente, que a perseguia no caminho de volta para casa.

Mas. Mas. Mas...

Não tinha como Ilwoo Yoo fazer isso. Ele não podia ser assim. Porque Ilwoo Yoo, o Ilwoo Yoo tinha que ser o meu *ulti*... O resmungar de Ilwoo Yoo no dia em que ela esbarrou no ombro dele, que se esforçava em fingir que não a estava escutando, agora ficava em sua cabeça. A voz que falava "Que inconveniente!". Nesse meio tempo, mais mensagens continuavam subindo na tela de Hyuna Chung.

Parece que é showzinho dela.

Tadinho do nosso Ilwoo, caiu nas mãos de uma oportunista.

Por que Ilwoo iria perseguir uma garota tipo a HyunA?

Parece que ela combinou com o jornalista. Para aumentar as visualizações.

Não estaria tentando arrancar dinheiro?

Olhem só as fotos de quando anunciaram o namoro. Que stalking o quê, se até a HyunA também está sorrindo.

Que tipo de vítima de stalking está sempre sorrindo na TV? Para de mentir...

As mensagens que apareciam na tela do celular eram muito parecidas com as que Hyuna Chung ouvira em seu primeiro trabalho.

O que Ilwoo Yoo é para mim? Ultimate. *Mas e eu... por que gostei dele?*

A hipnose se quebrou tão facilmente como quando foi feita. O atendente trouxe o carrinho com os pratos e parou ao lado de sua mesa. HyunA, que antes havia sumido pela sacada, voltou para a mesa.

— Foi mal. Tem muita ligação desnecessária vindo.

Quando HyunA se sentou à mesa, os pratos foram postos. As entradas e os pratos principais, até a salada extra que havia sido pedida, fizeram com que a mesa espaçosa parecesse apertada. HyunA, de forma brincalhona, bateu palmas baixinho.

— Eu queria tanto comer uma mesa cheia assim hoje. Come! Não. Vamos primeiro brindar com um vinho e depois comer?

Hyuna Chung pegou a taça de vinho que HyunA lhe deu. O sorriso de

HyunA estava tão parecido com o usual que sentia que deveria fazer tudo que ela lhe dissesse. Por isso Hyuna Chung se empenhou em comer e beber. O primeiro bife que comeu estava saboroso a ponto de ela ficar emocionada. A harmonia entre o molho e a suculência, que acariciava a língua e depois descia pela garganta, explodia como fogos de artifício. Era um sabor que faria qualquer um ignorar a vibração do celular no bolso. Foi então colocado outro prato sobre aquele que Hyuna Chung estava quase esvaziando.

— Come o meu também. Estou vendo que gosta de carne, né?

— Não sabia que gostava, mas aparentemente gosto, sim.

— O que é isso? Se bem que eu também não sei direito o que gosto. Me perguntam toda hora na TV. Perguntam qual é o meu prato favorito. Sempre que perguntam, não sei o que dizer.

O garfo escorregou da carne.

— Teve uma vez que li um artigo na revista. Lá dizia que você gostava do arroz frito do seu pai quando era criança.

— Nossa, você leu aquilo? Era bem no comecinho da minha carreira, de quando debutei. Foi mal, aquilo era mentira. A produtora definiu os conceitos de cada membro do nosso grupo. Meu conceito era uma princesa que cresceu em uma família feliz, recebendo muito amor. Até essa resposta foi a produtora que me mandou falar. Na realidade, meu pai nunca fez arroz frito para mim. Fui *trainee* desde os quinze anos. Antes disso também, eu só levava bronca sempre que comia alguma coisa, porque iria engordar. Tanto meu pai quanto minha mãe eram muito rígidos. Enquanto outros familiares comiam frango frito, só eu comia salada. Eu era muito triste naquela época.

Entendo esse sentimento. Pensou Hyuna Chung, mas fechou a boca.

Você é mesmo uma mentirosa.

Uma mentirosa. A ligação que vinha sem parar devia ser da produtora. Deviam ter visto o artigo e ameaçado cancelar o contrato com ela ou tomar medidas legais. Mesmo para uma pequena produtora, era fácil enterrar um artista daquele meio. Bastava não dar mais trabalhos. Celebridades precisam

ser expostas ao público para existir como celebridades. Mesmo assim, HyunA falava que as ligações não eram nada demais e continuava rindo. Afinal, por quê? Essa pergunta estava na ponta da língua de Hyuna Chung.

— Um conhecido meu disse que o que você lembra logo antes de morrer é o prato do qual você realmente gosta...

— Nossa, faz sentido. O prato que quer comer logo antes de morrer.

Hyuna Chung enfiou o garfo no último pedaço de carne. Enquanto mastigava a carne que HyunA havia lhe dado, ficou ainda mais curiosa. Por quê? Afinal, por quê?

— Tem! Tem uma! As garotas do nosso grupo, que já havia sido dissolvido, fizeram uma festa de aniversário para mim, sem que meu empresário soubesse. Era o primeiro aniversário que eu faria desde que debutei. Na época, lembro de ser muito vigiada para manter o peso. Mesmo assim, a *unnie*,* que era líder, comprou em segredo uma caixa de Choco Pie, empilhou eles como um bolo e colocou uma vela em cima. E como aquilo engordava muito, dividimos um entre as cinco. A gente riu que nem maluca, pois estava uma visão engraçada. Estavam todas chupando até o que restava nos dedos. Fiquei feliz de verdade.

A voz dela mudava quando estava realmente alegre. Mesmo tendo visto tantos vídeos, nunca havia visto HyunA falando com essa voz.

— Nosso grupo não aguentou um ano sequer e foi separado. A produtora que separou. Aí agora estamos todas espalhadas. Fiquei um bom tempo sem receber trabalhos e, toda vez que me senti perdida, pensando no que fazer, eu aguentava firme lembrando daquele dia que comemos Choco Pie. Então eu, se tiver que comer uma coisa antes de morrer, quero comer Choco Pie. Vou orar enquanto como. Na próxima vida, que possamos cantar juntas, com todas as integrantes do mesmo jeitinho. Que tenhamos muito sucesso e possamos chegar à Billboard.

A carne desceu suavemente pela garganta. Hyuna Chung pôs para fora a frase que continuava sondando a ponta de sua língua.

— Por que resolveu me pagar comida hoje?

Por quê? Não conseguia entender, não importava o quanto pensasse. Aquele dia não seria o pior da vida de HyunA? Que tipo de motivo haveria para alguém pagar uma refeição para outra pessoa em um dia desses? Após ouvir a pergunta de Hyuna Chung, HyunA ficou um instante revirando a salada que estava à sua frente.

— Achei.

O que HyunA mostrou foi um tomate seco que estava na salada.

— Gosto disso porque chamam de tomate seco ao sol. Sei que não secaram ao sol de verdade. Mas "seco ao sol" parece que está iluminando pelo sol.

HyunA pôs o tomate na boca.

— É que sou egoísta. Por isso não consigo desejar a felicidade de todas as pessoas do mundo. Mas quero desejar a felicidade dos outros. Por isso também, às vezes, suplico pela felicidade das Hyunas, as muitas Hyunas que devem existir pelo mundo.

Mastigando lentamente o tomate para então engolir, HyunA continuou.

— Hoje foi um dia muito difícil para mim. Um dia triste e difícil. Por isso desejei que pelo menos você, que tem o mesmo nome que eu, fosse feliz. É só isso.

Seco ao sol. Hyuna Chung pôs essas palavras sob sua língua e ficou mexendo-as em círculos, lentamente.



Era o último dia.

Seis da manhã. Hyuna Chung estava parada em frente ao Restaurante Copycat. Era o dia em que completava exatamente um mês desde que descobrira o Restaurante Copycat. Como lhe foi dito que, depois de um mês que o pacto for firmado, não seria mais possível encontrar o restaurante, aquele parecia ser o último dia em que poderia negociar uma receita de alma. Ela ficou

com o olhar fixado na maçaneta por um bom tempo.

Restaurante Copycat. Por que o nome é justo Copycat?

Copycat. É um termo usado para se referir a produtos que imitam produtos realmente famosos. No mundo dos esteticistas, não havia uma palavra mais degradante para o ego do que aquela. Por mais que alguém fosse um bom maquiador, se não tivesse uma técnica exclusivamente sua, era difícil escapar de pessoas dizendo coisas como "afinal, era só um copycat". Hyuna Chung lembrou-se do que os funcionários de seu antigo trabalho haviam comentado sobre uma nova atriz. "Ela é uma completa copycat da Shin Min-Ah!" No mundo do entretenimento, pessoas também eram produtos. Aparentemente, o público também pensava assim. Caso contrário, se reconhecessem que a celebridade do outro lado do monitor também era humana, lhe parecia improvável que alguém pudesse fazer comentários maldosos como os que faziam. Hyuna Chung, até aquele momento, tirava momentos para apagar os comentários que havia postado contra HyunA. Ver comentários maldosos sobre a *idol* agora não eram mais uma alegria para ela, mas uma dor. Depois de expor o caso de perseguição de Ilwoo Yoo, HyunA declarara que iria pausar suas atividades temporariamente. Hyuna Chung saiu das comunidades de fãs de Ilwoo Yoo. Apagou as contas das redes sociais também. Não sabia se acabaria querendo voltar caso sentisse vontade de fugir. Queria fugir quando foi pedir desculpas ao gerente e, até aquele momento, sempre que fazia algo errado, queria fugir. Então tinha que cortar as cordas de uma vez por todas. O amor de uma época. A salvação de uma época. Porém, ela agora conseguia se manter de pé mesmo sem se sustentar pelas cordas que desciam desses lugares.

Talvez a HyunA não saiba. Mas já tentei roubar a vida dela.

Quase havia se tornado uma copycat. Julgara uma pessoa que mal conhecia, com base apenas no que via por fora e quase a pusera para viver a sua vida. Como teria sido se tivesse conseguido? Será que a vida que havia roubado teria se tornado completamente sua? Hyuna Chung observou o reflexo fraco de sua silhueta. Quando descobriu aquele restaurante, estava com seis latas de cerveja

no capuz, mas agora estava com a maleta de maquiagem em sua mão. Isso já era o suficiente.

Caso eu o encontre novamente, eu direi. Que o nome Inferno do Kimbap era melhor.

Às seis horas, seis minutos e seis segundos. Hyuna Chung virou de costas. O Restaurante Copycat desapareceu, como se alguém o tivesse apagado com uma borracha.

* É comum artistas prestigiarem outros artistas em momentos especiais enviando para o local de gravação alguma forma de *food truck*. Muitas vezes fornecem café, tornando-se *coffee trucks*.

* Literalmente "garota mágica". Refere-se ao gênero de anime/mangá cuja protagonista tem poderes mágicos.

* *Unnie* é a forma carinhosa de uma mulher chamar outra mulher mais velha. Literalmente, significa "irmã mais velha" para mulheres.

Omelete enrolado que não deu para fritar

Entre a caneta Montblanc Meisterstück 149 18C OB Nib, produzida em 1960, e o relógio Cartier Santos Galbée XL, estava encaixada a foto de uma mesa bem-organizada. Três fotos na horizontal. Abaixo disso, o mundo era perfeito dentro daquele *feed* de quadrados que se estendia conforme os toques dos dedos. Tinha seis mil novecentos e noventa e dois seguidores. Como faltavam apenas oito seguidores para completar sete mil, verificava o número de seguidores todos os dias. Lamentava quando alguma das mulheres que lhe mandavam fotos nas DMs, falando que queriam conhecê-lo, era de seu agrado. As muitas fotos que postou no Instagram. Quão bom seria se tudo aquilo que estava nas fotos fosse realmente dele?

— Manjin Byun, enviou a inspeção do material de instruções do setor de vendas que haviam pedido?

O supervisor Lee bateu na mesa de Manjin Byun com o documento que estava segurando em mãos. Sorrateiramente, Manjin guardou o celular no bolso e fingiu olhar para o monitor.

— Verifiquei, mas ainda não consegui finalizar. Envio ainda hoje.

Não era uma completa mentira. Ele até verificara, só não vira do que se tratava o conteúdo. Já tinham se passado quatro dias desde que decidira que faria no dia seguinte, pensando que verificar erros em um material de instrução seria coisa rápida.

— Por isso que toda proposta de negócios que você cria é recusada. Aprende um pouco com o exemplo do Kisang Chung. Vê se faz pelo menos metade do que o cara que entrou no mesmo ano que você está fazendo.

Manjin Byun ficou de boca fechada, sem retrucar, até que, quando o supervisor Lee saiu do escritório, levantou-se e foi em direção à copa.

Supervisor Lee, seu desgraçado. Não tem nada em que é melhor do que eu, mas fica se achando porque entrou na empresa um pouco antes de mim.

Manjin entrou na copa, pegou três ou quatro pacotes de bolacha e sentou-se na poltrona que ficava ao lado da geladeira. Como a parede da poltrona era recuada, ninguém que entrava na copa conseguia vê-lo, possibilitando que ele

descansasse confortavelmente, sem que fosse pego. Manjin abriu um pacote de bolacha.

— Viu aquela hora? O supervisor Lee parecia que estava muito bravo.

Quando estava quase terminando o primeiro pacote de salgadinho, a porta da copa se abriu. Era a voz de Yoona Park, de que Manjin gostava muito. Ele então passou a respirar baixo e se concentrou na conversa.

— Quando você vê o Manjin Byun trabalhando dá para entender. Ele entrou na mesma época que o Kisang Chung, mas são tão diferentes. Ao que parece, essa proposta de lançamento do Kisang também será aprovada. Daí serão duas propostas que ele terá em seu nome em menos de um ano de empresa, é impressionante.

— Mas você tem que fazer uma comparação justa, né?! Um parece que saiu de um desenho romântico e outro de uma comédia romântica.

— Comédia romântica? Não está sendo generosa demais? Qual é? Yoona, você está interessada no Manjin?

Fala que sim, logo! Manjin Byun agarrou com força o pacote de bolacha e esperou pela resposta de Yoona. Bastava ela dizer que sim. Já seria suficiente para perdoá-la por tê-lo comparado com Kisang Chung.

— Como pode falar uma coisa dessas, mesmo que de brincadeira?

A copa, que até então estava agitada, ficou silenciosa.

— Que climão que você criou com essa cara. É que protagonistas de comédias românticas às vezes são bonitos também. Aí você me fala que o Manjin Byun é de comédia romântica...

— Nunca falei que era protagonista. Como ele poderia ser um protagonista?

— Então?

— Me referia a coadjuvante. Nesse gênero sempre tem um assim, não? Um cara muito mal perdedor, que vive perseguindo e incomodando a protagonista.

Explodiram em gargalhadas. Manjin Byun não conseguia rir. Sentiu vertigem, como se tivesse levado um tapa forte na nuca. “Que maldade, Yoona

Park!"; "Maldade nada. Você que foi malvada, *sunbae*!";* "Verdade. Não sabia que você gostava do Kisang. Gosta?"; "E tem alguma mulher aqui que não gosta do Kisang Chung?". As frases que seguiam continuavam a dar socos em Manjin Byun. Ouviu-se o som da porta se abrindo e fechando, a copa tornou a ficar silenciosa. Manjin agarrou os encostos de braço da poltrona e fez força para se levantar. A poltrona balançou perigosamente, e ele caiu de lado, com o traseiro ainda preso na poltrona. *Droga!* Manjin apoiou-se no chão com as mãos para levantar, soltando palavrões. O pacote de bolacha que estava segurando estourou, sujando sua mão com farelos e creme. Abriu até o final a torneira da pia que ficava na copa e lavou as mãos na água que saía aos montes. A água espirrou em sua camisa e em sua calça, mas ele não ligou para isso. Parecia que, se não lavasse aquela coisa escorregadia de suas mãos, as palavras que zombavam dele continuariam grudadas.

Vaca. Você com certeza gostava de mim. Por que me deu uma toalha na festa de boas-vindas aos novos funcionários? E por que ficou perguntando se eu queria mesmo frappuccino quando íamos pedir café em grupo para o pessoal do escritório? Era para falar comigo mais uma vez, obviamente. Você fazia isso e agora já me trocou pelo Kisang Chung?

Manjin saiu da copa chacoalhando a água das mãos. Kisang, que estava em frente à copiadora, se aproximou de Manjin, tirou um lenço do bolso e deu ao colega.

— Você está todo molhado. Teve algum problema na torneira da copa?

Não era razoável, pensou Manjin enquanto pegava o lenço. Não era razoável que o comparassem só porque entrou na mesma época que Kisang Chung.

Desde o princípio, nossos pontos de largada foram diferentes. Esse cara e eu.

Não seria Kisang Chung o filho de algum diretor da empresa? Era o boato que corria entre os novatos. Esse boato tinha crescido de pouquinho em pouquinho desde os tempos de estagiário. Em meio aos estagiários, que costumavam cometer erros parecidos, Kisang Chung era uma presença de

destaque por demonstrar que estava acostumado com o trabalho. Não só se saía muito bem, como também conhecia muito bem a estrutura da empresa e seu sistema. O fator decisivo fora que um dos diretores falou "Finalmente você entrou na empresa!" para Kisang. E como ele não falava muito sobre si, os boatos haviam se consolidado como verdade entre os novatos.

Se eu tivesse bons pais como esse cara, não seria tratado assim.

Se seus pais fossem diretores daquela empresa, não teria precisado passar três anos se esgoelando para conseguir um emprego lá. Também não teria ganhado vinte quilos pelo estresse dos preparativos para os processos seletivos, nem levaria bronca caso fizesse algo errado no trabalho. Não seria a aprovação do projeto de Kisang Chung graças aos pais dele? Com o lenço na mão, Manjin Byun sentiu um espinho agudo surgir em seu estômago.

— Kisang Chung, vamos tomar uma hoje! — disse Manjin, secando com o lenço a água em sua camisa. Mesmo odiando Kisang, precisava preencher as fotos de sua galeria.

— Bebida hoje não. Tenho que estar em casa até às oito.

Desde que entrara na empresa, Kisang nunca ia junto quando todos saíam para beber. Até mesmo nos *happy hours* do setor inteiro, só dava as caras no começo e sumia antes das oito. O diretor, que se fosse outro novato teria dado uma bronca, dizendo que estava sendo relaxado, não falava nada para Kisang Chung, somando ainda mais provas para a teoria do "Herdeiro Chung".

— Assim fico chateado. De funcionários novos, no nosso setor, só tem você e eu de homem. Você, como colega, não consegue me acompanhar para tomar uma? Tenho tantas preocupações com o trabalho, mas ninguém para desabafar.

— Então vamos jantar e beber só de leve, para acompanhar. Vou tentar fazer com que eu possa voltar uma horinha mais tarde. Em troca, eu pago o jantar. Que tal?

Deu certo. Manjin Byun acenou com a cabeça, muito satisfeito.

Se é um lugar que Kisang Chung frequenta, não deve ser um lugar mais ou menos. Devo conseguir umas boas fotos, hein? Até agora não tinha nenhuma foto de

jantar. Vou pedir para bebermos vinho. Vinhos devem sair melhor nas fotos do que espumantes.

Manjin dobrou delicadamente o lenço que ficou úmido e então pôs em seu bolso.

— Vamos, sim. O lenço eu devolvo lavado.

Voltando para seu lugar, Manjin matutou algum jeito de ir à lavanderia que ficava em frente à empresa, no horário do almoço, sem que Kisang o visse. Tirar uma foto do lenço sobre um banco devia ficar bem bonito.



O *doenjang jjigae** posto no meio da mesa ainda borbulhava.

Parece o que eu estou sentindo.

Com raiva, Manjin Byun espetou o palito de metal no olho do peixe grelhado que estava em seu prato. Quando Kisang Chung, que havia prometido pagar o jantar, falou para irem ao "Beco do arroz", pensou que não podia ser, mas, quando abriram a porta para entrar, era verdade. Como podia? Um arroz com sopa, de seis mil wons? Perdeu totalmente o apetite.

— Ô, chefe, adiciona um omelete enrolado, por favor.

Antes mesmo de Kisang, que estava sentado de frente com ele, terminar a frase, o omelete estava na mesa.

— Sou um cliente fiel daqui, e o omelete deles é absurdamente bom.

Sem nem fingir interesse no que Kisang dizia, Manjin pôs soju nos copos.

— É que eu gosto de omelete enrolado. Sabe quando a gente fazia aula ao ar livre no fundamental? Não lembro se foi no quinto ano. Naquela vez, minha mãe falou que ia me fazer *kimbap*, então acordou de madrugada e fez a maior bagunça preparando os ingredientes. Normalmente era a senhora que ia em casa trabalhar que fazia minha comida. Minha mãe não sabe cozinhar. Ela punha a folha de alga na forma, abria o arroz por cima e a gente até fazia uma

oração para que ela conseguisse enrolar direito.

Manjin virou o copo de soju. Só a parte em que Kisang havia dito que "a senhora que ia em sua casa trabalhar que fazia sua comida" se fixou em seu ouvido.

— No final, falhamos em enrolar os *kimbap*. Todos estouraram na lateral. Por isso, minha mãe picou todo o recheio e fez um arroz frito com aquilo, depois juntou tudo com ovo e fez um omelete enrolado. A única coisa que minha mãe sabe fazer é omelete enrolado. E, contra todas as expectativas, aquilo foi um sucesso entre meus colegas. Eu estava meio isolado na época porque no quinto ano mudei de escola. Mas, graças a essa marmita que levei, pude me aproximar bastante dos colegas. Depois desse dia, eu comia omelete enrolado quando acontecia algo triste e comia omelete enrolado quando acontecia algo feliz. Minha mãe até riu perguntando se eu ia querer comer omelete enrolado logo antes de morrer também.

Manjin pôs o copo de soju na mesa, de forma grosseira.

— Não gosto de omelete enrolado. Coma você, bastante.

O álcool do soju que havia virado seguidas vezes subiu para a ponta de sua cabeça em um instante. O álcool fez com que os espinhos que preenchiam o estômago de Manjin subissem.

— Por que a vida é assim, hein? Kisang Chung, gente como você não entende o quão exaustivo é. Ir e vir do trabalho de Ilsan até Gangnam demora quase duas horas de trajeto. Ainda que eu queira arranjar uma casa perto do trabalho, não tenho grana. Não queria nada chique, um estúdio seria suficiente! Tinha um muito legal, por vinte milhões de wons de garantia e um milhão e meio de wons de aluguel, sabia? Mas meus pais disseram que nem isso dava para pagar para mim. Não é absurdo? Onde que uma pessoa que acabou de entrar na sociedade vai ter vinte milhões de wons? E se eu pagar um milhão e meio de aluguel, como vou juntar dinheiro? Então não é óbvio que os pais é quem têm que pagar? O que meu pai falou foi ainda mais absurdo. Disse para arranjar um lugar que não pede garantia e que cobra quatrocentos mil wons de

aluguel. Era uma casa fedendo a mofo, longe do metrô e sem condição alguma! Eu devia saber desde o momento que me deram um carro Avante usado, falando que era presente pelo primeiro emprego. Pais muquiranas! Como pode, pais que têm dó de gastar dinheiro com os filhos? Você não sabe como é frustrante isso, já que não viveu com pais assim, né? Ei, mas que carro você dirige? Bentley? Audi? Por que não bebe? Para voltar dirigindo?

As palavras foram saindo sem controle.

— Não tenho carro, Manjin. Acho que você precisa maneirar na bebida.

Deixa. Deixa! Não estou bêbado. Repetindo essas palavras, Manjin acabou sozinho com uma garrafa de soju. Ele estava prestes a gritar "mais uma garrafa de soju!", quando o celular de Kisang tocou.

— Manjin, tenho que ir para casa agora. Chefe! Esse aqui é meu amigo. Chama um táxi para ele, por favor!

Kisang Chung saiu apressadamente do restaurante. Manjin Byun ficou sentado sozinho à mesa, sem jeito, até que saiu do restaurante e entrou no táxi. No momento em que o motorista o chacoalhou pelos ombros, dizendo que haviam chegado, Manjin podia sentir que o álcool ainda não havia passado.

Não interessa se estava ocupado, como pôde ir embora no meio da bebida? Realmente, esse cara, Kisang Chung, está claramente me subestimando.

A imagem de Kisang em um *wine bar*, rodeado de seus amigos ricos, contando sua história como acompanhamento para a bebida e rindo do colega de trabalho embriagado, passou pela cabeça de Manjin. A imaginação, que veio junto com a dor de cabeça, se tornou realidade em sua mente. No breve instante em que subiu de elevador, Manjin ficou enfurecido de pensar no *wine bar* que não pôde ir e em Kisang caçoando dele. Enraivecido, apertou o teclado da porta de casa.

— Você veio! Nossa, que cheiro de álcool. Falei para não beber enquanto toma *Hanyak*.*

Veio a bronca de sua mãe, que estava vendo TV sentada na sala.

— Quem mandou comprar esses remédios? Que raiva! — bradou Manjin, entrando em seu quarto e fechando a porta bruscamente. Jogou-se na cama, se mexeu um pouco e pegou o celular.

Qual é? Ainda não deu sete mil.

O número de seguidores no Instagram estava parado havia dias, sem qualquer sinal de que iria subir.

Seu id era JJIN_REAL. Manjin começou no Instagram havia dois meses. No mesmo dia em que deram uma festa para comemorar que o projeto de lançamento de Kisang Chung havia sido aprovado. O gerente dera um buquê de flores para Kisang, e todos os outros funcionários haviam aplaudido. Menos Manjin. Mais que aplaudir, queria receber aplausos. Pensara que, para receber aplausos, não teria opção senão tornar-se Kisang Chung. Por isso criara a conta do Instagram. Manjin pôs uma foto de costas de Kisang como foto de perfil. A primeira postagem era uma foto do buquê de flores que o colega havia recebido. A próxima postagem era a foto da mesa de Kisang, onde aparecia o cardigan que Kisang havia deixado sobre o encosto da cadeira. Depois foram os sapatos de Kisang. Houve comentários e surgiram seguidores. Conforme os seguidores aumentavam, Manjin foi se tornando Kisang Chung no Instagram. Pelos comentários, Manjin descobriu que os objetos que Kisang usava com frequência, e até mesmo os ternos que vestia, eram de grifes vintage.

Tlim. Tocou o som da notificação de nova DM. Manjin, que abriu a mensagem sem pensar, arfou de susto.

> Kisang Chung? É você, né? Não sabia que usava o Instagram. Vou te seguir. Estou enviando mensagem porque não sei se você ficaria incomodado de ter pessoas do escritório postando comentários. Nos vemos na firma amanhã!

Apressadamente, Manjin apertou na foto de perfil da pessoa que mandou a mensagem.

Quem é? Quem é, afinal?

A dona da conta era Yoona Park. Manjin sentiu um misto de desespero e

alívio.

Como a Yoona Park gosta de mim, se eu falar direitinho, vai dar certo. Falar que JJIN_REAL não é Kisang, e, sim, eu. E que é para manter essa conta em segredo do resto do pessoal da empresa.

A respiração que estava segurando saiu de uma vez. Talvez pelo efeito do álcool ou pelo nervosismo ter passado, ficou com muito sono. Deitou-se de lado e fechou os olhos.

Quem diria? Yoona Park encontrou minha conta. Realmente fomos destinados um para o outro.

Não seria essa uma revelação dos céus para que tentasse a sorte com Yoona? Manjin pegou no sono profundo, completamente satisfeito.



Qual teria sido o problema? Ter dormido demais de manhã? Ter tomado um banho pensando que precisava pelo menos se lavar? Demorou ainda mais porque perdeu o foco com seu pai dando pitaco sem necessidade. Ainda por cima, aquele maldito *Hanyak*. Se sua mãe não o tivesse segurado para tomar o *Hanyak*, ele teria chegado pelo menos cinco minutos mais cedo no escritório. Daí não teria ficado preso levando bronca do supervisor Lee, dizendo que era um absurdo alguém se atrasar quinze minutos, fora que também teria conseguido impedir que Yoona fosse falar com Kisang. Manjin fechou os punhos com força, por baixo da mesa. As palmas de suas mãos estavam molhadas de suor.

— Então essa conta não é mesmo sua, Kisang Chung?

— Não, eu não uso nenhuma rede social.

— Estou arrepiada. Então essa conta é de alguém se passando por você?!

Quando Manjin foi pego pelo supervisor Lee, a bagunça já estava feita. Uma frase que Yoona disse começou a bagunça:

— Obrigada por me acompanhar de volta ontem.

— Acompanhar? Eu não fiz nada disso — respondeu Kisang, deixando a expressão facial de Yoona petrificada instantaneamente. Várias pessoas, percebendo o clima estranho, se juntaram ao redor dos dois.

Alguém estava se passando por Kisang Chung nas redes sociais. Essa notícia logo se espalhou por todo o escritório. As pessoas foram, cada uma, passando pela mesa de Kisang para falar alguma coisa.

— Pelo feed, deu para ver que tiraram fotos de todos os seus objetos, Kisang. Significa que é alguém da empresa.

— Kisang Chung, está tudo bem? Tem que denunciar essas coisas.

— Mesmo denunciando, dizem que a conta não é suspensa na hora. A pessoa que denuncia tem que mandar a identidade para provar que é ela mesma, o processo é complicado, no final.

A cada vez que alguém ia falar com Kisang, Manjin fechava o punho cada vez mais forte.

Denunciar? Suspender a conta? Absurdo! Já, já chego em sete mil seguidores!

O que deixou Manjin ainda mais desesperado foi a reação de Kisang. Ele apenas deu uma olhada no Instagram pelo celular de Yoona para depois simplesmente responder que estava tudo bem, que não importava o que os outros dissessem. Logo que deu o horário do almoço, Manjin foi correndo até Kisang.

— Ontem eu exagerei na bebida, né? Desculpa. Voltei bem graças a você.

Ao dizer isso, Manjin sugeriu que eles almoçassem juntos. Kisang concordou e levantou-se de seu lugar. Indo em direção ao refeitório, Manjin sondou Kisang.

— Ouvi aquela hora. Tem alguém se passando por você no Instagram? Está tudo bem?

Kisang Chung, por um breve instante, fitou o rosto de Manjin e acenou com a cabeça.

— Aham, está tudo bem. Dei uma olhada, e só haviam postado fotos. Não pareciam estar usando para algo ruim.

— As pessoas seguiram porque gostaram das fotos. Não sente que alguém te roubou seguidores?

— Não ligo muito para essa coisa de seguidores.

A fala indiferente de Kisang se transformava em espinhos afiados, que espetavam as entranhas de Manjin. Mesmo enquanto comia, sentado no refeitório, não sentia o gosto da comida.

Essa coisa de seguidores? Essa coisa? Queria eu ter essa coisa, nem que fosse me passando por você. Mas quer dizer então que, para você, não é nada demais.

Será que significava que ele não precisava mendigar corações no Instagram porque conseguia quantos corações quisesse na vida real? Manjin ficou lançando olhares para Kisang enquanto bebia a sopa de pasta de soja.

Odiava Kisang Chung.

Tanto quanto odiava, queria se tornar Kisang Chung.

A dor desse sentimento contraditório deixava Manjin Byun ainda mais miserável.



— Esse mundo sujo! Só quem já é rico enriquece. Não é justo. O ponto de largada é diferente por causa dos pais. Como vou superar isso?! Argh! Onde é que estou? Cadê aquele desgraçado do táxi? Se aceitou um cliente tinha que deixar na frente de casa direitinho. Como pôde me largar no meio da rua e sumir assim?

Quatro da madrugada. Os berros de Manjin Byun se espalhavam pelas vielas do distrito de Jongno. Manjin cambaleou até que se sentou largado na frente de uma loja de conveniência fechada. Lembrava-se apenas até a parte em que havia passado por uma barraquinha para beber depois de sair do trabalho, pensando que beber apenas um copinho ajudaria a melhorar a angústia, o que virou uma garrafa, depois duas. No final, não lembrava quantas garrafas havia bebido, como saíra da barraquinha, quem chamara o táxi nem o porquê de o

motorista do táxi tê-lo arrancado do carro, enfezado. Manjin se encostou no portão de aço da loja de conveniência e começou a fungar, sentindo um cheiro.

— Mas o quê? Que cheiro é esse? Quem sujou minha roupa com isso? Ou não? Será que fui eu quem vomitou?

Manjin riu. O hálito que misturava álcool e vômito derretia pegajosamente, naquele ar quente de início de verão, naquela rua residencial de madrugada. Talvez pelo álcool ter subido junto com o calor, os olhos de Manjin ficaram pesados. Em sua visão turva, enxergou a fachada de um estabelecimento do outro lado da rua. Mesmo embriagado, conseguiu enxergar claramente aquele texto escrito em vermelho sobre fundo preto.

— Inferno do Kimbap? Que nome é esse? Os clientes sairiam correndo.

Se bem que... inferno não é lá grande coisa. Minha vida agora já é um inferno. Os olhos de Manjin, que estava falando sozinho, se fecharam completamente. Quanto tempo teria se passado? O que o despertou de seu sono foi uma voz desconhecida.

— Um cliente. Levante-se. Realmente, humanos não têm boas maneiras ao beber, diferente dos demônios.

Manjin levantou suas pálpebras pesadas. Avistou um teto de mármore preto. Esfregando os olhos, ele se endireitou e se sentou. Por um instante, pensou que havia sido teletransportado para outro mundo. Quanto mais observava os arredores do estabelecimento, sentado no chão, mais parecia que estava em algum lugar que não era normal. A começar pela estante em espiral, que ficava no meio da loja e que parecia que iria atravessar o teto. A luz com cores da aurora que saía de lá preenchia todo o lugar e pintava até o rosto de Manjin com cores vibrantes.

— Que lugar é esse? Eu tinha certeza de que havia dormido do lado de fora.

— Eu trouxe você para dentro porque deixar um cliente do lado de fora não seria educado.

Manjin levantou-se, desajeitado, e olhou para a direção de onde vinha a voz. Havia um homem do outro lado do balcão. Era uma figura misteriosa. Com

certeza era um rosto familiar, mas era um rosto que nunca vira em nenhum outro lugar. Aquele homem, que não dava para dizer se era um homem ou uma mulher, mas que tinha um ar misteriosamente amigável, acenou para Manjin.

— Sente-se, freguês. Eu sou o Loki. Você?

— Manjin Byun. Mas eu sou um freguês?

— Sim. Bem-vindo ao Restaurante Copycat. Tem uma vida que você quer roubar, né?

Como que em um transe, Manjin se sentou no banco em frente ao balcão. Uma taça de vinho foi posta na sua frente. Ele não tinha como recusar o convite daquele homem que sorria, segurando em suas mãos uma garrafa de vinho que, já à primeira vista, parecia cara.



O vinho tinto encheu novamente a taça. Manjin Byun pensou que aquilo era realmente um sonho. Não ficar bêbado mesmo depois de beber três garrafas de vinho? Não importava o quanto tomasse, ficava bêbado o bastante para ficar de bom humor, com a mente lúcida. Ainda por cima, o vinho que aquele homem lhe dava claramente saía da mesma garrafa, mas o sabor era diferente a cada taça. Além disso, os sabores eram perfeitos para o paladar de Manjin, como se alguém tivesse analisado os gostos dele.

— Você é intrigante. Parece que não é nem homem nem mulher. O rosto é meio redondinho, lembra um fantasma ovo.* Mesmo você tendo olhos, nariz e boca, por que será que me lembra isso?

Pensando que aquilo era um sonho, aquele homem do outro lado do balcão, Loki, lhe era uma companhia ainda mais confortável.

— Se você me enxerga dessa maneira, essa é a fonte da aprovação que você quer receber. Porque sou o chef da cozinha do inferno. Um prato não está completo se não tiver alguém que aprove seu sabor. Por isso sou também o

demônio responsável pelo desejo de aprovação. As pessoas me enxergam pela imagem daqueles de quem querem receber aprovação. Aparentemente, você, meu freguês, quer a aprovação das pessoas em geral, em vez de uma pessoa específica. Visto que eu pareço ter esse rosto ovalado aos seus olhos.

— Lá vem você com essas estranhezas de novo. Onde já se viu, um demônio? Roubar vidas, trocar almas, essas histórias também são um absurdo.

— O que tem de absurdo nisso?

Manjin balançou as mãos, segurando a taça em uma delas, e respondeu:

— Finge que esse *Transfer* funciona mesmo. Daí você, Loki, o que ganha com isso? Receita da alma? Que tipo de valor teria isso?

— Para um cozinheiro, não tem nada mais valioso do que uma receita.

— Essas receitinhas têm aos montes em livrarias!

— Já te falei. Receitas de almas são histórias. Têm de ser receitas contendo histórias para que eu possa usar no inferno. Você não sabe quão bem são recebidos os pratos feitos usando receitas cheias de emoções humanas. Já que as receitas do inferno são todas bem mais ou menos, desinteressantes.

— Mesmo assim, não faz sentido. *Copycat*? Você falou que aquele que quer roubar uma vida é chamado de *Copycat*, certo? Finge que o *Copycat* descobre a receita de uma pessoa e te conta. Então você e o *Copycat* realmente têm algo a ganhar. E a pessoa cuja vida é roubada? Ela perde involuntariamente a vida dela por causa de um pacto feito entre duas pessoas que não têm nada a ver com ela. Você que disse. Que não poderia fechar um pacto demoníaco e por isso não poderia me enganar, daí tinha que usar as palavras exatas. Mas em um pacto entre três partes, se ele é posto em prática sem o consentimento de uma delas, o que seria senão uma enganação? Então significa que tem um erro na sua lógica.

Manjin Byun se perguntou o que o demônio achara de sua fria análise. Ele observou a reação de Loki, enquanto bebia um gole do vinho.

— Muito observador. Você é bem inteligente, meu freguês.

Loki bateu palminhas leves. Os lábios de Manjin, encostados na taça de

vinho, abriram um sorrisinho. Era o som do aplauso que tanto queria ouvir. A aprovação daquele estranho entrou junto com o vinho em seu corpo e derreteu-se docemente.

— Mas, nesse pacto entre três partes, é considerado que a pessoa que perdeu a vida já tenha concordado de antemão. Então não é enganação.

— É considerado? Por quê? O demônio aparece no sonho para ler os termos do pacto?

— Não. É porque o *Copycat* sabe o nome e a história da pessoa. Deixar seu nome e história nas mãos de outra pessoa é o mesmo que dar a autonomia para a outra pessoa assinar por ela. Essas são regras dos demônios. Nesse sentido, não estou quebrando nenhuma regra.

— Só porque contou o nome... não é como se houvesse muita gente que não fala seu nome completo por aí.

— Por isso que eu digo que humanos são tolos. Humanos contam seu nome muito facilmente para os outros.

Manjin afastou a taça de sua boca. *Como assim, tolos? Eu não sou tolo*. Os lábios que se mexiam de bom humor agora se fecharam firmemente, em linha reta.

— E o que ganha? Se participou no pacto tem que ter algo a ganhar!

— É nesse ponto que digo que você é observador.

Havia vencido. Os lábios de Manjin se relaxaram novamente.

— Tem, sim, algo a ganhar. Até mesmo aquele que tem a vida roubada. Aquilo que chamo de "montante". Isso, veja bem, é algo que o *Copycat* tem que pagar. Quando acontece o *Transfer*, o *Copycat* perde uma parte da alma. Claro que, como não se trata de um pacto demoníaco, é uma parte que não afeta a essência do ser humano.

— Montante? Essência? Qual a diferença?

— Montante é como flores nascidas em uma árvore. Mesmo que se arranque algumas flores, a árvore não morre desde que não se corte ela por completo. Mas se a árvore não der nenhuma flor, também não poderá deixar

nada.

— Não consigo entender o que está querendo dizer.

— Não tem lá muito problema se não entender. De qualquer forma, parte do "montante" fica para mim e o resto vai para aquele que tem a vida roubada. Não afeta a vida de imediato, mas, se você acumular um grande montante, aquilo pode ser aplicado de forma positiva no julgamento após a morte. Já que ter um grande montante significará que a pessoa viveu uma vida proporcionalmente farta. Há algumas diferenças de pessoa para pessoa, mas o montante que se receberia pelo *Transfer* de uma pessoa daria... o suficiente para uma pessoa que, nos termos de Dante, deveria ficar no oitavo círculo, ir para o nono.

— Oitavo círculo? Nono círculo? O que é isso?

Ao ouvir a pergunta de Manjin, uma sobrancelha de Loki levantou-se como se aquilo fosse inesperado.

— Não leu *A divina comédia*?

— Quem que leria aquilo tudo esses dias? O livro é grosso e chato.

— Entendo. Pelo visto, os tempos mudaram de novo. Antigamente esse livro era um best-seller. A moda entre os humanos muda muito rápido, é difícil de acompanhar. Bem, simplificando, significa que a pena é atenuada.

— Então o *Copycat*, que perdeu parte do montante, tem a pena agravada quando morrer.

— Exatamente. Você é inteligente. Muito bom. Vale observar que o montante total de cada um é diferente. Há casos de pessoas que têm um grande montante, possibilitando quantos *Transfers* ela quiser.

— E se não tiver montante, o pacto fica impossível?

— É impossível. Porque a pessoa não vai enxergar esse restaurante. A condição mínima para enxergar esse restaurante é ter montante. Apesar de que até para isso há exceções.

— Exceções?

— Para pessoas que estão em posse de objetos do restaurante, ele ainda fica

visível. Acabam podendo vir sempre que quiserem. Mas não recomendo. Porque têm de pagar o preço proporcionalmente.

O que significaria estar em posse de um objeto do restaurante? Manjin estava curioso, mas vendo a expressão de Loki ficar assustadora ao dizer a palavra "preço", não perguntou. Em vez disso, perguntou outra coisa.

— Mas e se o *Copycat* se arrepender da troca? Tem como reverter essa transação?

— Tem, sim. É simples. Basta a pessoa que teve a vida roubada vir ao restaurante e comer o prato feito com a receita da alma usada no pacto. Ela está reavendo sua história. Então a transação é cancelada, o *Copycat* e a pessoa voltam para seus lugares originais. Mas tem que vir dentro de um mês. Um mês desde que o pacto foi consolidado. Depois desse período, é impossível cancelar.

Manjin bebeu, em goles grandes, todo o vinho que restava na taça.

É uma transação que não tem nada de ruim, não é mesmo? Virando um Copycat, *tudo que você perde é uma parte da alma que nem afeta na vida de agora, esse negócio de montante. Mesmo que minha pena no inferno seja agravada, não cometi lá muitos pecados. Eu matei ou agredi alguém? Pelo contrário, fiz muitas boas ações. Até cheguei a fazer trabalho voluntário na época da faculdade. Não fazia bagunça na escola e até consegui um emprego na lata, então é como se tivesse até honrado meus pais. No meu patamar, eu não deveria ir para o céu? Aí nem serei julgado no inferno. Não tem nem como aumentar ou reduzir minha pena. Fora que dá para cancelar também.*

Ele poderia roubar uma vida sem nenhum custo. Bastava saber a receita da alma da pessoa.

Havia, sim, uma vida que ele queria roubar. A vida de Kisang Chung. Uma vida chique, como uma marca de grife vintage. Lembrou-se do omelete enrolado, gordinho e misturado com cebolinha picada. Manjin Byun pôs a taça no balcão.

— Farei o pacto. O que preciso fazer?

Loki estreitou os olhos em uma meia lua.



Sua cabeça latejava como se alguém estivesse batendo pratos dentro dela. Soltando um gemido por causa da ressaca que sentia, Manjin Byun abriu os olhos e percebeu que algo estava estranho. Suas costas, que normalmente estariam encharcadas de suor, não estavam sequer úmidas. Tinha hiperidrose, que depois de engordar, não melhorava por nada, fosse trocando o cobertor ou ligando o ventilador antes de dormir. A sensação do cobertor macio nas costas foi tão boa que, por um instante, parecia que até mesmo a ressaca havia ido embora. Claro que foi um engano. Assim que ergueu seu tronco, sentiu uma ânsia de vômito que o fez sair correndo para o banheiro.

Qual é? Cadê o banheiro?

Não estava lá. Não estava no lugar que o banheiro deveria estar. Olhando ao redor, desesperado, viu o banheiro em um lado do corredor vindo da porta da casa. Não tinha muito tempo para pensar a fundo no porquê de a estrutura da casa ter mudado. Até por estar a um fio de vomitar no meio da sala. Entrou no banheiro, segurou na privada e por um momento refletiu sobre os próprios atos.

Se beber de novo assim, eu sou um cachorro, um cachorro.

Levantou-se com dificuldade, abriu a torneira ao máximo e lavou o rosto. Depois de enxaguar a boca com água gelada, parecia que havia voltado a viver.

Que horas são? Será que estou atrasado? Droga, o que minha mãe estava fazendo em vez de me acordar?

Com a tardia preocupação com o horário do trabalho, seu olhar ficou aborrecido instantaneamente. Pegou uma toalha, secou o rosto agressivamente e, como de costume, se olhou no espelho. Seus olhos aborrecidos estavam mais juntos. Ficou rente à pia e olhou fixamente para o espelho.

Kisang Chung estava dentro do espelho.

Com a mão direita, Manjin bateu levemente em sua bochecha. Quando

Manjin puxou sua orelha, Kisang também o fez. Na boca de Manjin, que ficou um bom tempo na frente do espelho se mexendo como se estivesse dançando, formou-se um sorriso de felicidade.

— Não foi um sonho. Não foi um sonho!

O estabelecimento estranho e seu dono com um ar misterioso. A taça de vinho que não parava de se encher. E o *Transfer*. Ter contado a história que ouviu de Kisang sobre o omelete enrolado ao descobrir que era possível roubar almas, o dono do lugar ter dito alguma coisa e depois falado para ele repetir em voz alta. Tudo aquilo não fora um sonho. Manjin riu, segurando a toalha com força. Com receio de que a sorte que havia encontrado fosse embora se risse alto, riu por um bom tempo segurando na pia.

Blém.

Sua risada parou por causa de um sino. No começo ignorou, mas o som do sino ficou cada vez mais escandaloso. Blém-blém-blém-blém... Por causa do som insistente do sino, saiu do banheiro. A primeira coisa que viu foi o papel de parede velho. O papel de parede cafona de florzinhas, com marcas claras de uma limpeza agressiva, de esfregões tentando tirar o mofo, o deixou constrangido.

O que é isso? Não tem como aqui ser a casa de Kisang Chung.

Manjin passou pelo corredor e foi para a sala. Era uma sala vazia, sem TV, mesa ou qualquer outra coisa, apenas com um corrimão instalado nas paredes. Era pequena, a ponto de ser possível ir de um lado ao outro em quatro passos largos. A geladeira, que pôde ver através da porta corrediça que separava a sala da cozinha, era daquelas pequenas e amareladas, que Manjin via na casa de sua avó quando era pequeno. Ainda havia casas com aquelas coisas. Manjin observou a geladeira sem expressão nenhuma. Muitas informações chegavam a ele pela visão, mas nenhuma lhe ajudava a entender a situação. Onde estaria? Por que ele acordara naquele apartamento velho em vez de na casa de Kisang Chung? Perguntas sem resposta deixaram Manjin confuso. Blém-blém-blém. Enquanto isso, o sino continuou soando pela casa. Voltou-se para a direção de

onde vinha o som. Um quarto à esquerda da cozinha. O som do sino continuava vindo de lá.

Será que aqui é uma casa de xamãs ou algo assim?

Nos filmes, a pessoa que abria a porta do lugar de onde vinha o som era a primeira a morrer. Manjin acalmou a respiração e se aproximou da porta do quarto. Além de ter acordado como outra pessoa, abrira os olhos em um lugar completamente inesperado, diferente do que deveria ser, e ainda havia o som de um sino misterioso. Parecia ter se tornado personagem de algum filme do tipo, o que o impedia de achar que aquilo era real. Abrir ou não abrir? Manjin encostou os ouvidos rente à porta do quarto e ponderou. Se aquilo fosse um filme, poderia haver três coisas do outro lado da porta: um xamã, um espírito mau, ou o personagem principal. Só então pensou que ali poderia ser a casa da namorada de Kisang, e seus pensamentos foram à loucura. Seus ombros, que estavam fortemente encolhidos, se abriram um pouco. Não tinha como ficar parado na frente da porta para sempre. Então tomou a decisão e girou a maçaneta. Ao abrir a porta, um cheiro azedo emanou de dentro dali.

Blém.

Havia uma mulher deitada na cama. O cabelo ressecado e a saliva seca nos cantos da boca, a mão inchada que balançava o sino. A mulher, ao ver Manjin, gemeu e estendeu os braços. Manjin recuou. A imagem daquela mulher, que parecia uma massa de farinha inchada, estendendo os braços em direção a ele, parecia saída de uma cena de filme de terror.

O trabalho. Primeiro vamos para o trabalho.

Desesperado, Manjin se vestiu de qualquer jeito e saiu correndo de casa. O sino continuou tocando, mas ignorou. Apenas a vontade de sair daquela casa movia seu corpo.

Tenho que perguntar a Kisang Chung. O que era essa casa, o que era aquela mulher.

A mulher parecia estar em seus cinquenta ou sessenta anos. Então não tinha como ela ser uma namorada. Será que era a filha secreta de uma família

chaebol?* Começou a lembrar de todo tipo de história maluca de *chaebols*, que só aconteciam em novelas matinais.

Foi só quando saiu da casa que Manjin descobriu que aquele lugar era um conjunto habitacional, e não um apartamento, já que não tinha elevador. Descendo os quatro andares de escada, pegou o celular e tentou chamar um táxi. Não tinha tempo para procurar o carro de Kisang Chung. Mas no celular de Kisang não havia aplicativo para chamar táxis.

Será que é porque ele nunca precisaria chamar táxi por conta própria?

Reclamando, Manjin baixou o aplicativo. Estava fazendo o cadastro de usuário quando parou um instante para observar a mão. A palma era larga e os dedos, longos. Havia calos na pele. Ao ver mãos completamente diferentes das suas, sentiu que realmente havia se tornado Kisang Chung.

Então Kisang virou eu? Se eu encontrar Kisang Chung vou fingir que eu também não sei o que está acontecendo. Tenho que agir como se eu também fosse uma vítima. Porque se ele descobrir que fui eu quem causou isso, vai ficar bravo.

Manjin bolou seus planos no táxi e, antes de entrar no escritório, respirou fundo. Estava ansioso, pois não sabia se os outros também o enxergavam como Kisang.

— Você se atrasando, Kisang Chung? Aconteceu alguma coisa?

Perguntou o supervisor Lee de forma suave, assim que entrou no escritório. Era uma expressão e um tom completamente diferentes de quando Manjin se atrasava. Com essa reação do supervisor Lee, o nervosismo de Manjin se desfez por completo. Para todo mundo ele era Kisang agora. Manjin murmurou qualquer coisa depois de começar com "acabou que..." e olhou ao redor do escritório tentando encontrar Kisang. Em seu lugar original, no lugar onde Kisang, agora transformado em Manjin Byun, deveria estar sentado, não havia ninguém.

— Senhor Lee, Manjin Byun ainda não veio para o trabalho?

— Manjin Byun? Nem me fale! Ligou de repente pela manhã e pediu folga.

Um mês, ainda. Quando falei que só poderia dar quinze dias de férias remuneradas, ele disse que iria tirar férias não remuneradas.

— Férias? Por um mês? Por quê?

— Disse que precisava passar um tempo com os pais ou algo assim. Não deu detalhes. Ele disse que folgaria mesmo que precisasse fazer isso sem ser pago, não tinha o que fazer. Eu permiti.

Manjin Byun, estando ou não ali, não era de muita ajuda. Não sabia nem como uma pessoa dessas passou no estágio. Ficou chateado com o que o supervisor Lee disse em seguida, mas Manjin se esforçou para se manter calmo. *Agora não sou mais Manjin Byun. Sou Kisang Chung. Daqui para frente continuarei sendo Kisang Chung*. Pensando "então não é para mim que ele está dizendo aquilo". Manjin foi até o lugar de Kisang e sentou-se.

Por que será que Kisang tirou férias? Um mês, ainda. Será que ele sabe do Transfer?

Um mês. Era o mesmo tempo que Loki dissera ser o limite para cancelar o pacto. Tinha sido coincidência? Manjin fez uma pesquisa com as palavras-chave "Inferno do Kimbap". Leu os resultados, mas não encontrou nada relacionado àquele homem que ele, ainda como Manjin, havia encontrado ou seu restaurante. Depois, pesquisou por "Restaurante Copycat". Apareceram apenas histórias de plágio em empresas.

Faz sentido. Se um restaurante estranho desses fosse visível para qualquer um, seria o caos. As pessoas iriam todas tentar roubar de quem está bem de vida. Quem ficaria satisfeito com a própria vida? Todos vivem com inveja de alguém que tem uma vida melhor. Opa, que texto é esse?

Estava prestes a fechar a janela da internet quando um texto chamou sua atenção. Um texto com o título "Conhece a história de terror de um restaurante em Jongno?". O local em que Manjin havia bebido também era em Jongno. Clicou no texto.

Vou contar a história da vez que encontrei um restaurante estranho em Jongno. Tenho vinte e sete anos e sou agente de limpeza urbana. Estou satisfeito com meu emprego, mas algumas pessoas

ao meu redor me criticam e, por isso, fico com raiva. Ah, isso não é o importante. Desculpem. A história perdeu o rumo. De qualquer forma, fui trabalhar de madrugada. Umas seis da madrugada? Como sempre, passamos pelo mesmo trajeto, não há como eu não conhecer as lojas que existem por ali. Mas naquele dia tinha uma fachada que eu nunca tinha visto. Um painel preto com letras em vermelho, dizendo "Inferno do Kimbap". Enxerguei facilmente, mesmo estando pendurado no caminhão. Inferno do Kimbap é um nome meio assim para uma empresa, não acham?

Por isso falei para meu colega mais velho para ver aquilo, perguntando que raios seria um inferno do kimbap e ele começou a me olhar com uma cara muito estranha. "Do que você está falando? Onde está esse painel?" Foi o que ele disse. Até mesmo enquanto ele dizia aquilo, eu enxergava aquele painel. E continuei, continuei enxergando. O caminhão de limpeza continua andando, né? Mas eu enxergava esse painel mesmo no meio de outros painéis, como se me perseguisse. Foi muito assustador. Daí eu, sem nem pensar, falei por dentro. *Me perdoa, Deus! Não sei o que fiz de errado, mas me perdoa!* Então o painel sumiu de repente.

Se for para inventar, que se esforçasse mais! Chama isso de história de terror? E não uma pregação? Está com insolação? Não tem graça. De comentários, só havia três ou quatro, todos com uma reação não muito boa.

Mas Manjin sabia que aquela história não era invenção. O formato do painel descrito no texto era igual ao que ele mesmo havia visto. Havia uma outra pessoa que vira o Restaurante Copycat. Então existia a possibilidade de Kisang também tê-lo visto. Se Kisang soubesse do Restaurante Copycat, não teria tentado reverter o *Transfer* assim que percebesse que havia sido alvo de um? Mas por que Manjin ainda estava no corpo de Kisang? Se não fosse o caso, por que tirara um dia de folga? Como poderia perguntar sobre aquela casa, aquela mulher e onde era a verdadeira casa dele, se ele não estava? Todo tipo de preocupação recaiu sobre ele, não deixando-o trabalhar. Enviou várias mensagens para Kisang. *Onde você está? Está tudo bem? Eu levei um susto. Não acha que precisamos nos encontrar e conversar?* Verificava as mensagens. Porém, o sinal do lado das dezenas de mensagens não mudava para "visto".

Por fim, Manjin levantou-se de seu lugar e foi para a copa. "Kisang Chung saindo do lugar no meio do trabalho?"; "Você também é gente como a gente, Kisang Chung! Isso, descansa um pouco!". Não conseguia escutar nada do que as pessoas ao redor falavam. Assim que entrou na copa e trancou a porta, ligou para Kisang. Ouviu o aviso de que aquele número havia sido temporariamente -

bloqueado.

Temporariamente bloqueado? Kisang bloqueou meu celular? Por que raios?

Havia algo de errado. O som do sininho que se espalhava pela casa pequena reviveu nos ouvidos de Manjin. Uma casa pequena. Uma mulher de meia-idade que parecia estar doente. Um repentino pedido de férias feito por Kisang como Manjin Byun. O celular bloqueado. Justo no instante em que ia tentar ligar novamente para Kisang, com as mãos trêmulas, tzum. O celular em sua mão vibrou. Na tela apareceu o nome "Dra. Heejin Kim". Como era um contato salvo, pensou que poderia saber algo sobre Kisang, então atendeu rápido. Ouviu uma voz bem alta e clara.

— Kisang Chung? Aconteceu alguma coisa? Quando cheguei aqui para trabalhar, a fralda da sua mãe não estava trocada e ela disse que nem comeu. E parece que ela não fez os exercícios matinais. Fiquei preocupada se aconteceu algo, porque você normalmente prepara lanches e até água para ela, tudo perfeito. A sorte foi que eu tinha um outro compromisso, daí resolvi passar aqui mais cedo para deixar tudo pronto antes de ir lá. Volto aqui às cinco de novo. Você volta para casa até as oito como sempre, né?

Pensou no que significava tudo aquilo. Mãe? Fralda? Manjin segurou o celular com força.

— Então, quem é? A senhora não ligou errado?

— Kisang Chung, sou eu, Heejin Kim. A ajudante. A cuidadora de idosos. Como pôde dizer que não conhece a pessoa que está responsável por sua mãe há cinco anos? Por acaso quem atendeu o telefone não é o Kisang?

Alô, alô! Os gritos do outro lado do celular foram cortados. Desligou a chamada e saiu da copa. Com um andar que beirava o correr, saiu do escritório e pediu um táxi. "Aonde vai, sendo que nem deu a hora do almoço?"; "Kisang Chung, hoje tem que trabalhar fora?". As vozes das pessoas do escritório sumiram para trás em um instante. Dentro do táxi, Manjin pegou a carteira de Kisang e revirou tudo.

Como assim? Por que só tem cartão de débito? E o cartão de crédito? Mesmo que

não fosse um cartão black, um do nível Noblesse deveria ter, não? O endereço na identidade dele. Isso deve ser...

Todas as coisas estarem diferentes do esperado o deixaram ainda mais confuso. O táxi parou, Manjin correu até o quarto andar. Quando abriu a porta da casa, estava extremamente ofegante, mas apressado. Não parou e foi para o quarto onde havia aberto os olhos naquela manhã. Revirou apressadamente os armários e os gaveteiros embaixo da cama.

— É isso! É isso! Tem um diário. Escreveu um diário, como o miserável que se empenha em coisas inúteis que ele é.

Manjin abriu o diário e leu desde a última página. A última data que havia no diário era de mais ou menos dois anos antes. Depois disso, havia apenas páginas em branco, mostrando que não havia escrito mais nada.

— Acabou o período de estágio. Recebi a proposta de efetivação, mas tive que responder que estava difícil no momento. Mamãe causou problemas na casa de repouso de novo. E eles disseram que não poderiam mais atendê-la. Sei que mamãe não gostava da casa de repouso. Mas não tinha como deixar a mamãe sozinha enquanto eu trabalhava, nem como eu parar de trabalhar. Quero voltar no tempo. Não precisa nem ser para o tempo de infância, quando eu era feliz. Bastava poder voltar para o tempo em que eu não sabia que pagar os custos hospitalares e funerários de meu pai com os bens que ele deixou poderia ser motivo para me impedir de desistir da herança. No fim, resolvemos trazer a mamãe de volta para casa. Havia decidido experimentar por cerca de meio ano para saber como seria possível viver com ela em casa. A sorte em meio a tudo isso foi que a empresa levou em conta a minha situação e disse que me daria uma nova oportunidade de estágio um ano depois. Foi graças a um dos diretores da empresa ter sido um conhecido do meu pai. Meu pai não me deixou apenas desespero.

A voz de Manjin, enquanto lia aquele último diário, tremia cada vez mais. Virou para páginas anteriores. As datas daquele diário estavam espaçadas, algumas com um ano de intervalo entre os registros. O derrame de sua mãe,

terem se mudado para aquele conjunto habitacional com a ajuda de um conhecido, ter passado a viver apenas com a mãe, o velório de seu pai, os negócios de seu pai terem ido à falência. Sua respiração foi ficando ofegante enquanto lia os eventos em ordem invertida. As muitas palavras do diário se resumiram em três frases que lhe vieram à cabeça.

Kisang Chung não é filho de uma família rica.

Não, era o filho de uma família rica que foi à falência quando ele tinha vinte anos.

Agora é apenas um cara endividado que tem que cuidar da mãe doente.

Manjin jogou o diário para trás e saiu correndo. Aquele quarto apertado, e a casa com marcas de mofo retirado com dificuldade pareciam que iam engoli-lo. Entrou novamente no táxi. O lugar que deveria ir, o único lugar que lhe vinha à mente, era sua casa de verdade. Ao chegar, inseriu a senha da fechadura eletrônica, mas a porta não se abriu. Ao inserir a senha errada muitas vezes, a fechadura parou de funcionar. Manjin apertou a campainha com uma mão, enquanto batia várias vezes na porta com a outra.

— Papai! Mamãe! Abram a porta! Sou eu, sou eu!

A trava fez um estalo e a porta se abriu cerca de um palmo. Pela fresta, o rosto assustado de sua mãe apareceu, olhando para fora. Manjin pôs as mãos para dentro e tentou afastá-las. Mas a porta não se mexeu.

— Mamãe. Sou eu, sou eu. Manjin! Abre a porta. Estou falando para abrir!

— Quem é você? Como assim, é o Manjin? Como pode? Acho que esse jovem que parece tão saudável está louco. Rapaz, afaste-se. Senão vou chamar a polícia!

— Polícia? Do que está falando?! Como que uma mãe não reconhece seu filho? Olha direitinho. Eu sou o Manjin! Meu rosto só mudou um pouquinho. Mãe, eu te explico tudo. Quando eu falar, você vai entender.

— Falei para tirar as mãos da porta! Manjin! Ei, Manjin! Chama a polícia!

Ao ouvi-la dizer para tirar as mãos, fez ainda mais força. Se aquela porta se fechar, o único lugar para voltar seria aquela casa velha. Aquilo não era a vida que Manjin queria roubar.

— Mãe, o que está acontecendo?

Manjin Byun, o que estava segurando a porta com todas as forças, arregalou os olhos ao ver o homem que vinha andando atrás de sua mãe. Seu corpo real estava ali. Era Kisang Chung. Manjin encostou o rosto na fresta da porta e gritou.

— Kisang Chung, por que você não atende o telefone?! E por que bloqueou o número? Aqui, a senha também foi você quem trocou, né?!

Kisang não viu Manjin. Foi quando Kisang Chung se inclinou e murmurou algo no ouvido de sua mãe, e ela acenou com a cabeça.

— É essa pessoa? Quando você disse que ia tirar férias do trabalho, eu achei que você estava mentindo porque não queria trabalhar. Como assim, "stalker"? Nossa, o que essa pessoa que parece tão decente teria a ganhar com isso? Olha aqui. Afaste-se! Como se atreve a ameaçar meu filho! Manjin, vá para dentro. A mamãe resolve.

O Manjin Byun do lado de fora pôde apenas olhar enquanto sua mãe dava um empurrãozinho nas costas de Kisang Chung para que ele fosse para dentro, enquanto ela o encarava com uma expressão de medo, tirando as mãos que ele havia enfiado na fresta da porta. Manjin vira sua mãe fazer aquela expressão apenas três vezes em sua vida. Quando um amigo batera em Manjin no ensino fundamental I, quando o professor incriminara Manjin de ter colado no ensino fundamental II e quando Manjin, saindo dos estudos para se preparar para processos seletivos de emprego, fora golpeado na nuca por um ladrão. No momento em que a raiva, que era para proteger o filho dela, agora estava voltada para ele próprio, Manjin Byun percebeu.

Não importa para quem, ele era Kisang Chung. Não era mais Manjin Byun. Não tinha volta.

A porta se fechou com força. Sua mão ficou presa, e Manjin soltou um berro. Mesmo assim, a porta, sem piedade alguma, prensou ainda mais forte sua mão. Com dificuldade, tirou a mão da fresta da porta. Com a mão inchada agora caída, foi andando sem ânimo para o ponto de ônibus. Não tinha vontade

nem de chamar um táxi. Seu celular tocava sem parar em seu bolso, mas ele não atendeu. Quando voltou para a empresa, já havia passado das três horas da tarde.

— Kisang Chung, o que está acontecendo, afinal? Nem o telefone atendeu.

Assim que Manjin entrou no escritório, o supervisor Lee foi falar com ele, em tom de preocupação. Manjin apenas se curvou de qualquer jeito e foi sentar-se em seu lugar.

É golpe. É golpe isso. Kisang Chung, esse desgraçado, me aplicou um golpe.

Cerrando os dentes, Manjin entrou no Instagram. JJIN_REAL continuava parado, do jeito que ele deixara quando havia postado pela última vez. Havia planejado postar à vontade como o verdadeiro JJIN_REAL, uma vez que se tornasse Kisang Chung. Estava também pensando em responder à mensagem de Yoona Park. Dizendo "Na verdade eu sou, sim, Kisang Chung. Eu estava tímido na hora". Assim ficaria de paquera com Yoona, seria reconhecido na empresa, se casaria... sua expressão, que estava rígida e agressiva, relaxou suavemente.

Agora já sou Kisang Chung. Isso, sou Kisang Chung.

Não ser filho de uma família rica era uma fatalidade. Mas Kisang Chung era Kisang Chung. Era o Kisang Chung que, por mais que sumisse de repente no meio do trabalho para voltar depois, recebia preocupações em vez de broncas. Era o Kisang Chung que já estava liderando o projeto de um lançamento e de quem Yoona Park gostava. Era o Kisang Chung que ouvia pessoas dizerem que, se continuasse daquele jeito, poderia se tornar a pessoa mais nova a se juntar à diretoria da empresa. Era o Kisang Chung que, tão capaz, conseguia levar na brincadeira e rir até quando colegas invejosos diziam que ele poderia muito bem ir para uma empresa melhor, assim que tivesse um pouco de experiência na empresa em que estavam.

Aquela mulher velha é só deixar quieto. A ajudante ou sei lá, aquela senhora vem e troca as fraldas e tal, então eu não vou ter muito trabalho. No diário, disse que existem casas de repouso também. Ela causando problemas ou não, vou mandá-la

para a casa de repouso. Se ela se matar lá é ainda melhor. Então eu fico livre. Afinal, a capacidade desse cara é garantida. Tem boa reputação também. É só aguentar as pontas por um tempo. Boa. Primeiro tem esse lançamento do qual estou encarregado. Vou fazer dele um grande sucesso.

Manjin segurou sua emoção e ligou o monitor. Avistou a pasta do projeto na área de trabalho. O futuro que sonhava, que Kisang Chung havia deixado pronto, estaria ali.

Você ousa fugir de mim? Está bem. Que você viva bem como Manjin Byun. Logo vai ver como a vida de Manjin Byun é insignificante. Enquanto eu estiver tirando onda por aí depois de alcançar o sucesso sendo Kisang Chung, você vai se trancar no quarto, como um lixo humano, se arrependendo de ter recusado minhas ligações.

Abriu o arquivo.



Fechou o arquivo.

— Kisang Chung. O que acontece com você ultimamente? Não sabe quão importante é o documento base? Ainda bem que descobrimos na etapa de validação, porque se tivéssemos vendido com esses termos teríamos levado a empresa à falência. Falência! Por que você, que antes fazia até simulações mesmo antes de eu pedir, agora, de repente, trabalha com tanta má vontade?

O tom do supervisor Lee estava áspero. Manjin, sem dizer nada, abaixou a cabeça. A manga dobrada em sua camisa estava muito feia, então a cobriu com as mãos. No dia seguinte, faria um mês vivendo como Kisang Chung. A aparência de Manjin ficava mais deplorável a cada dia.

— A nova proposta de lançamento...

— Essa é pior ainda! Veja bem, antes, quando você criava uma nova proposta, fazia um estudo de mercado tão meticuloso que a gente ficava impressionado, mas por que as novas propostas estão essa porcaria? Como pode, uma proposta que deixa na cara que você ficou o dia inteiro só sentado

na mesa fuçando na internet? Até parece que foi o Manjin Byun que a escreveu. Seus pontos fortes eram uma visão ampla e a dedicação, mas as duas sumiram. Fora que ultimamente a sua atitude no trabalho também está um tanto problemática.

Ao ver que Manjin não dizia nada, o supervisor Lee, que até então estava falando com a voz elevada, levantou-se, suspirando. A voz do supervisor Lee, agora mais baixa, penetrou os ouvidos de Manjin.

— Entendo que a situação na sua casa é de dar dó. E é por isso que a empresa está sendo compreensiva com você. Falei para você da segunda vez que veio fazer estágio aqui. Que por isso deveria trabalhar ainda melhor para dar resultados. Que senão haveria pessoas que iriam tentar te atacar.

Se esforce, está bem? O supervisor Lee deu dois tapinhas em suas costas e foi embora, mas Manjin continuou de pé, parado, como se estivesse pregado ali.

Por quê? Como acabei assim?

A estampa bagunçada dos azulejos do escritório parecia ser o próprio sentimento dele. Manjin foi até a copa, cabisbaixo. Afundou seu corpo na poltrona e, como se estivesse escondendo-se de alguém, ficou sentado, mastigando o biscoito, sem expressão. Havia escutado alguém reclamar no dia anterior que os biscoitos da copa estavam acabando muito rápido, mas não ligou. Não tinha tempo para se preocupar com essas reclamações. Os farelos do biscoito caíram sobre sua barriga, que agora estava protuberante. Havia engordado notavelmente em um mês. Não estava comendo direito. Bastava acordar de madrugada com o sino que tocava, cuidar da mulher e já era hora de ir para o trabalho. Não havia tempo para coisas como tomar café da manhã. Nem por isso podia deixar de cuidar da mulher.

Nos primeiros três dias, Manjin calmamente misturava seu cereal com leite e saía para o trabalho, independentemente de o sino bater ou não. No horário do almoço daquele terceiro dia, Heejin Kim ligou para ele. Bradando como uma labareda, ela disse:

— Não sei o que acontece, mas isso é um absurdo. Isso é negligência, maus

tratos. Se eu não tivesse visto o que você fez por cinco anos, eu já teria te denunciado por maus tratos a idoso! A partir de amanhã, recomponha-se e faça direito!

Ele ficou com medo ao ouvir a palavra denúncia. Não queria aparecer no jornal com a manchete "Negligência com idosa doente". No dia seguinte, passou a cuidar da mulher, mesmo fazendo cara feia. Ficava com ânsia de vomito toda vez que trocava suas fraldas e fazia de tudo para que, quando levava comida à boca dela, não pegasse saliva em sua mão. Pelo menos até chegar o aviso de recusa da casa de repouso, estava conseguindo aguentar. Porque era um pesadelo que acabaria assim que ela entrasse em uma casa de repouso, qualquer que fosse. Haviam ligado para avisar que a entrada dela só seria possível depois de um ano e meio, porque não havia vagas no momento. Ele não conseguiria pagar o preço de uma casa de repouso privada. O pesadelo não acabou e engoliu Manjin.

Os problemas não paravam por aí. Como Manjin nunca havia feito nenhum tipo de trabalho de casa, não sabia quando deveria lavar as roupas para ter roupas limpas todos os dias. Mesmo sabendo que era melhor passar as roupas antes de dormir, acabava adiando para o dia seguinte por causa do cansaço. Ter pensado que o trabalho de casa seria fácil, porque até ao exército já havia ido, fora um erro. Lavar roupas e fazer faxina como seu trabalho principal, dentro de regras dadas por outra pessoa, era um problema totalmente diferente de ter um outro trabalho como principal e precisar dividir o tempo para fazer essas tarefas. Em uma semana, as camisas passadas e suas roupas de baixo sumiram. Os restos de marmitas que se acumularam na lixeira intensificavam o cheiro azedo. Deixou as camisas na lavanderia. Achou que a lavanderia naturalmente levaria suas camisas lavadas até sua casa. Isso porque, quando vivia como Manjin Byun, era assim. Mas as roupas não voltaram, mesmo depois de uma semana. Quando foi reclamar, já irritado, levou uma bronca, pois ele devia saber que, como o prédio dele não tem elevador, não era feita entrega ali.

Estranho. Que estranho. Eu sou Kisang Chung. Como pode a proposta de negócio

do Kisang Chung não ser aprovada. Por quê?

Quando o projeto de lançamento que Kisang Chung originalmente estava preparando foi recusado, pensou que era porque não tinha sido ele mesmo que o fez. O conteúdo em seus arquivos era muito vasto e estava cheio de números e estatísticas difíceis de entender. Por isso criou um novo projeto de lançamento. Porque seria muito mais fácil se pudesse controlar desde o início. Achou que este seria aprovado imediatamente, já que era um projeto de Kisang Chung, mas como assim "parece que foi Manjin Byun que escreveu"? Pôs mais uma bolacha em sua boca. Como faltava mais ou menos uma hora para acabar o expediente, pensou em descansar mais um pouco antes de sair. Pegou mais um pacote de bolacha e estava prestes a abri-lo, quando a porta da copa se abriu.

— O Kisang Chung, por que será que ele tem agido daquele jeito ultimamente?

— Sei lá. Parece uma pessoa totalmente diferente. Viu que ele limpou o nariz e largou o papel na mesa na hora do almoço? Até achei que era Manjin Byun. Ele costumava limpar direitinho o lugar onde se sentava. Por que será que está assim agora?

— Sem brincadeira, parece muito que o Manjin Byun o possuiu. Aquela hora você ficou muito irritada, não é, Yoona?

Aquela hora? Vasculhou sua memória para encontrar o que poderia ter sido. Não havia nada. Mesmo tentando relembrar, não havia feito nada que poderia ter irritado Yoona Park. Depois de ter se tornado Kisang Chung, Manjin Byun estava se empenhando em desenvolver sua relação com Yoona Park. Naquela última semana, estava expressando seus sentimentos ainda mais abertamente porque havia chegado à conclusão de que a única coisa que poderia obter depois que se transformou em Kisang era Yoona.

— Deu para perceber? Que fiquei irritada? Como ele pôde dizer que a saia de hoje era bonita porque revelava minhas curvas? Quase meti a pasta que estava segurando na cara dele. Como alguém muda daquele jeito tão de repente? Parece o Manjin Byun.

— Manjin Byun, por sinal, pediu folga de repente, não é? Será que os dois trocaram de alma? É uma história tão clichê em filmes!

— Ah, se fosse assim, ou os dois teriam tirado folga juntos ou viriam juntos para o trabalho. Para um poder vigiar o outro. Se fosse um filme, esse seria o formato padrão.

— Se não trocaram de alma, então por que de repente Kisang Chung virou essa cópia exata do Manjin Byun? Será que os dois eram próximos?

— E a camisa dele, você viu? Parecia que não estava lavada. Será que aconteceu algo em casa? Do jeito que ele parece que desistiu da vida, será que aconteceu algo muito traumático?

— Será que perdeu todo dinheiro tentando fazer algum investimento? Tem muita gente assim ultimamente, né?

O som de passos sumiu e a copa ficou silenciosa. Manjin levantou-se, pegou todo o restante das bolachas na gaveta da copa e comeu desesperadamente, na frente da pia. Pôs para dentro os doces para tentar empurrar para baixo os pensamentos que não paravam de vir à mente. Até mesmo depois do expediente, na hora de sair do escritório, ao subir no ônibus, ficou mastigando freneticamente com a boca cheia de chicletes. Não queria ir para casa. Aquele lugar não era uma casa, mas um pesadelo. Porém, se não voltasse para casa, aquela mulher iria tocar o sino novamente. Se os vizinhos escutassem o sino e contassem para Heejin Kim, ela iria ligar para ele de novo, falando de denúncia e tal. Então não havia opção senão ir.

Manjin abriu a porta de casa com os ombros caídos. Não fazia cumprimento* algum quando voltava para casa. Afinal, não havia ninguém que pudesse responder. Quando foi para a cozinha deixar a sacola de coisas que comprou na loja de conveniência, Manjin abriu a porta corrediça e, ao entrar, deixou a sacola cair no chão, espalhando seu conteúdo.

— O que é isso...? O que está fazendo?

A mulher estava sentada de cócoras no chão da cozinha, em frente à

geladeira. O cabelo, a bochecha, as duas mãos e diversas partes de sua roupa estavam sujas de ovo, além de haver vários ovos quebrados pelo chão da cozinha. Parecia que ela havia deixado cair a bandeja de ovos inteira que estava na geladeira. O cheiro espetava as narinas ao se juntar com o cheiro azedo do ambiente. Os olhares de Manjin, que estava com a mão tapando o nariz, e da mulher se cruzaram. A mulher esticou os dois braços em direção a ele. No instante em que viu a clara de ovo que escorria grudenta da ponta do cabelo da mulher, Manjin deu um grito. Junto com o chiclete que estava mastigando, os pensamentos que estava reprimindo saltaram para fora da boca.

É um fracasso. A vida de Kisang Chung é um fracasso. Ter roubado essa vida foi um fracasso.

Manjin saiu correndo da casa enquanto ainda gritava. Pegou um táxi e foi para casa, para sua casa de verdade. Mesmo esperando pelo elevador depois de descer do táxi, o grito continuou circulando por seu corpo. Manjin bateu desesperadamente na porta.

— Abre! Kisang Chung, sei que está aí! Sei que está ouvindo minha voz! Eu errei. Até amanhã, a gente consegue voltar ao lugar original! Você consegue ter seu corpo de volta! Te imploro. Sua vida, leva ela de volta. Seu vigarista maldito! Porra, por que raios você agia como filho de família rica sendo que, na verdade, é só um mendigo, para me confundir?! Não. Ei, eu que errei. Por favor, me devolve meu lugar. Sua mãe está louca! Está caduca! Quando voltei para casa ela estava rindo enquanto quebrava ovos! Ei, você não vai lá ver sua mãe antes que ela morra caduca? Kisang Chung!

Mesmo gritando por tanto tempo, a porta continuou firmemente fechada. Bateu e bateu na porta até que seus punhos ficassem vermelhos, parecendo que iam estourar, finalmente deu as costas. Andou com um olhar desfocado, a passos largados. Não queria pegar nem táxi, nem ônibus, nem nada. Parecia que continuar andando seria melhor que voltar para aquela casa que parecia um pesadelo.

Quando chegou em casa, já havia passado das dez da noite. A mulher estava

dormindo no chão, como se tivesse desmaiado. Dando a entender que havia tentado se arrastar para fora da cozinha, havia marcas grudentas de mãos sujas de ovo. Com uma risada desesperançosa, Manjin ficou olhando para a cena até que se deitou no chão, com braços e pernas abertos. Estava cansado. Estava extremamente cansado, a ponto de querer desistir de tudo. Fechou os olhos. Preferia que continuasse daquele jeito, que nunca mais tivesse que abrir os olhos.

— Manjin.

Manjin acordou porque alguém chamou seu nome. Uma voz familiar, mas estranha. Foi estranho ouvir a própria voz através de outra pessoa. Manjin arregalou os olhos. Kisang Chung estava ali, na sua frente. Kisang havia entrado em algum momento e estava sentado ali, no chão da cozinha que agora estava limpa e a mulher, que antes estava deitada no chão, agora dormia serenamente no colo de Kisang. Era uma expressão confortável, que Manjin nunca havia visto. Kisang, sem olhar na direção de Manjin, manteve o olhar para frente e deu leves tapinhas nas costas da mulher. Manjin observou o perfil de Kisang. Apesar de ser o seu próprio rosto, o de Manjin Byun, pelo menos naquele momento pareceu ser o rosto de Kisang Chung. Era o rosto de Kisang, que só ficava sentado no escritório, olhando para frente, com um olhar reto. Na casa silenciosa, ouvia-se apenas o som dos tapinhas de Kisang nas costas da mulher.

— Descansei bem durante um mês, graças a você. Agora vamos voltar cada um para seu lugar. O que tenho que fazer?

Ao ouvir essas palavras, Manjin chorou aos prantos.



Manjin Byun levantou-se rapidamente. O teto familiar, o cheiro familiar, a estrutura familiar do quarto. Até suas mãos gordinhas e a gordura da barriga, tudo estava do jeito que era antes. Ficou com medo de aquilo ser, por azar, um sonho. Ter procurado desesperadamente o Restaurante Copycat antes que

desse seis da manhã, Kisang ter comido o omelete enrolado que Loki preparara, sem dizer nada, até o fato de o restaurante ter desaparecido como fumaça assim que saíram dele. Havia pegado no sono depois de muito sofrimento, temendo que fosse acordar como Kisang mesmo depois de dormir aquela noite como Manjin. Havia até orado para que dormisse eternamente se não fosse para acordar em sua verdadeira casa, no seu verdadeiro quarto.

— Pronto. Agora acabou. Não posso ficar parado assim. Preciso ligar para o escritório primeiro. Dizer que vou para o trabalho amanhã mesmo. Kisang, aquele maldito. Que direito você tem para me fazer folgar sem receber?

Manjin esticou a mão e pegou o celular que estava ao lado da cama. Havia um símbolo mostrando que havia mensagem no Instagram. Clicou. A conta JJIN_REAL apareceu na tela. Fotos que expunham belamente um recorte do cotidiano de Kisang Chung. As fotos continuavam bonitas e, embaixo delas, as pessoas continuavam postando comentários elogiando-as.

Será que tenho mesmo que apagar essa conta?

Enquanto estava no corpo de Kisang Chung, cerrava os dentes pensando em apagar a conta assim que voltasse a ser Manjin. Porque aqueles objetos na imagem eram símbolo não de riqueza, mas de enganação. Porém, depois de voltar, de fato, ficou com pena de perder os comentários que estavam ali. Manjin abriu a tela de mensagens.

Olha embaixo do seu porta-relógios, na segunda gaveta do gaveteiro ao lado da cama.

Não havia nada na imagem de perfil da pessoa que enviou aquela mensagem. Mas ele sentia que sabia quem a havia mandado. Era uma mensagem que apenas quem vira o que havia no gaveteiro poderia mandar. Abriu a gaveta e, ao levantar o porta-relógios, avistou um bilhete dobrado quatro vezes. Abriu o bilhete.

Manjin Byun, fiquei muito indeciso sobre escrever ou não esta carta. Não sei se você lerá isso. Tudo bem se não ler. Já que deve estar bravo comigo. Mesmo assim, estou escrevendo. Porque este momento, o momento em que escrevo esta carta, será o último que passo nesta casa como Manjin Byun. Pode pensar nisso também como um diário.

A princípio, quando percebi que havíamos trocado de corpo, fiquei assustado. A primeira coisa que pensei foi o que aconteceria com a minha mãe sem mim. Estava perdido, pensando "preciso encontrar o Manjin para descobrirmos logo como voltar ao normal". Mas sua mãe entrou no quarto com o *Hanyak*. Dizendo "Manjin, você tem que tomar isso". Naquele instante, senti uma vontade que não deveria ter alimentado. De viver como filho dessa família por apenas um mês. Por que um mês? Já te digo que, até antes de você vir aqui, eu não sabia. Que havia um jeito de voltar, nem que esse prazo era de um mês.

Só um mês. Eu ter decidido assim deve ter sido mais porque é algo que eu queria desde sempre. Aos meus vinte anos, a minha família foi à falência. "Ir à falência", eis uma expressão que muitas pessoas falam. Essas pessoas só conseguem falar assim porque nunca faliram de verdade. Quando se vai à falência de verdade, não se consegue mais usá-la tão fácil. Não se trata de alguma coisa simples dar errado. Não é um pequeno erro. É o fim. É ser impedido de voltar para o estado anterior. Sua vida fica dividida entre antes e depois de ir à falência.

Não lembro da minha vida antes de fazer vinte anos. Com certeza eu era muito amado, usufruía de muita coisa, mas os dez anos de sofrimento encobriram essas memórias. Minhas memórias passadas estão gravadas apenas nos poucos objetos que meu pai deixou para mim. O terno, o relógio, a caneta-tinteiro com suas iniciais etc. Os pais do meu amigo me elogiavam. Diziam que eu era um bom filho por cuidar e apreciar a herança de meu pai. Jamais! Preferia que me tirassem essas coisas e que as dívidas diminuíssem. Culpava também os amigos do meu pai. Eles não ajudaram em nada enquanto eu, ainda novo, preparava o velório do meu pai. Se pelo menos uma pessoa tivesse ajudado na época, eu teria seguido o procedimento certo para desistir da herança. Sabia disso? Para desistir de uma dívida herdada. Não se pode fazer nada com a herança que seu pai te deixou. Eu paguei os gastos do velório com o cartão do meu pai, além dos gastos com o hospital. E por isso o tribunal não aceitou minha desistência da herança. Disseram que não se podia considerar que eu tinha vontade de desistir da herança a partir do momento em que usei a herança do meu pai.

Se bem que, de que adianta reclamar agora? Assim, aos meus vinte anos, a minha família foi à falência e meu pai deixou esse mundo. Acabei me tornando o líder da família. Minha mãe e eu passamos a viver cuidando um do outro. Mesmo assim, antes de minha mãe adoecer, estava tudo bem. Sabe? Minha mãe é uma pessoa forte e muito incrível. Manjin, você precisa saber disso. Ela foi uma pessoa muito incrível.

Era o dia seguinte ao meu retorno do exército, aos vinte e seis anos, o dia em que minha mãe desmaiou. Ela costumava ser bem saudável. Mas ela desmaiou, de repente, como se tivesse tido insolação. Chamei a ambulância. Disseram que havia sido um derrame. Você também viu, né? Ela não consegue falar direito. Também tem muita dificuldade para se movimentar. Até que anda, mas quase não consegue usar as mãos. Não pode ficar sem um cuidador.

Desde então se iniciou uma vida em que eu era obrigado a cuidar dos outros. Eu me tranquilizava pensando que, quando era criança, ela cuidava de mim, então seria óbvio que, a partir daquele momento, eu deveria cuidar dela. Decidi viver agradecendo ao mundo à minha volta, me lembrando de que, apesar de ter me deixado dívidas, foi graças ao meu pai que tive boa educação, recebi ajuda mesmo que tardiamente e que havia arranjado uma casa para dormir. Não tinha como aguentar se eu

não pudesse ao menos me convencer de que estava sendo um bom filho e uma boa pessoa. Mesmo assim, em um canto do meu coração, eu sempre quis ser cuidado por alguém por pelo menos um mês. Queria receber aquele amor incondicional que meus pais me davam, só mais uma vez. Desejava uma voz que me dissesse que estava tudo bem mesmo quando eu não conseguisse fazer tudo direito.

Foi por isso. Por causa dessa vontade que desisti de procurar descobrir o motivo disso tudo ter acontecido. Mudei o número de telefone e a senha da porta e pedi folga. Menti para os seus pais, dizendo que uma pessoa da empresa estava me incomodando e me perseguindo, que por isso queria descansar um tempo.

E então começaram meus dias como Manjin Byun. Fui à loucura de felicidade. Quando abria os olhos, sua mãe me chamava para ir comer. Ela ria até quando eu fazia piadas infames. Seu pai me falava que estava tudo bem descansar. Mesmo sabendo que aquelas palavras de consolo não eram para mim e, sim, para o verdadeiro Manjin Byun, eu chorei. Cada dia foi feliz demais, então eu empurrava para baixo a preocupação e a ansiedade que viriam depois disso tudo. Quando dormia, eu escutava o som de um sino vindo de algum lugar, sem parar. O som da minha mãe me chamando. Eu fingia que não escutava. Talvez, se continuasse ignorando por um mês, alguma hora aquele som do sino sumiria de vez. Não seria nada mal continuar vivendo daquele jeito, como Manjin Byun. Estava pensando seriamente até que você veio correndo e ficou batendo na porta. Engraçado, né? Mas eu estava levando a ideia a sério. Se você não tivesse vindo, digo... se não tivesse dito aquilo, eu não teria ido te ver. Teria vivido como Manjin Byun.

Manjin, seu desgraçado. Minha mãe não está caduca. Ela estava tentando fazer omelete enrolado. Mesmo depois que ficou com dificuldades para se movimentar, ela tentava fazer o omelete enrolado quando eu parecia sem forças. Toda vez que isso acontecia, a cozinha virava um caos. Ela nunca chegou a conseguir. Mesmo assim, acho que ela queria tentar. Agora ela mal lembra a própria idade, mas não esquece que eu gostava de omelete enrolado.

Quando ouvi você gritando, logo me toquei. *Esse miserável nem olhou nos olhos da minha mãe. Se tivesse olhado, se tivesse entendido aquele olhar desesperado e amoroso, não conseguiria dizer aquelas coisas. Como será que esse miserável está lidando com a minha mãe?* Eu acreditava na bondade básica do ser humano. Achando que, mesmo que fosse a mãe de outra pessoa, você teria consideração por uma pessoa doente. Mas em cada palavra sua eu sentia um fedor. Se eu deixasse minha mãe com um cara como esse e fingisse que não sabia de nada, eu nunca mais comeria omelete enrolado. Porque eu escutaria o som do sino me condenando.

Vou te contar mais uma coisa. Aquela conta de Instagram, eu sei que é você. Porque já haviam postado a foto do lenço que te emprestei, sendo que eu ainda não o recebi de volta. E eu não falei nada porque considerava você como um amigo. Os objetos que você postou nessa conta, todos são herança do meu pai. O que você roubou não foram apenas algumas fotos, foi a morte do meu pai.

Que fique claro: você é uma pessoa deplorável, Manjin Byun.

Digo novamente: você é deplorável. Imprestável.

Deplorável e imprestável, Manjin Byun. Depois de escrever isso, estou indo te encontrar.

Da próxima, nos vemos cada um em seu lugar.

Manjin dobrou o papel e o pôs de volta na gaveta. Então pegou o celular. Na

tela, em algum momento os seguidores de JJIN_REAL haviam chegado aos sete mil. Era o número que tanto queria. Depois de encarar o número por um tempo, Manjin mexeu os dedos.

Excluir conta.

Apertou firmemente o botão.

* *Sunbae* é a forma que uma pessoa mais nova ou com menos tempo naquele meio chama seu veterano.

* *Doenjang jjigae* é um sopa tradicional feita com pasta de soja fermentada, tofu e outros ingredientes. Geralmente servida em panelas de pedra, costuma chegar à mesa ainda fervendo.

* *Hanyak* é um remédio da medicina oriental. Costuma ser caro e divide a opinião de muitas pessoas quanto à sua eficácia. Geralmente tem gosto amargo e é feito em forma de infusões.

* Personagem do folclore coreano, é uma fantasma de cabeça ovalada e sem rosto. É dito que quem o vê morre em poucos dias ou, se possuído, é de difícil exorcização.

* *Chaebol* é um grande conglomerado industrial administrado e controlado por uma família na Coreia do Sul.

* Culturalmente, coreanos falam algo como “Voltei” ao chegar em casa, mesmo que ninguém responda ou sequer esteja ali para ouvir.

O chá de limão e mel da cura

De fato, noites de outono são perfeitas para morrer. Sooah Kim olhou para baixo, vendo o rio Han através do corrimão da ponte. Um mês antes, também estava ali, em um dia de verão com sol forte. Estava tão quente que não tinha vontade sequer de morrer. Sentia que, se porventura fosse resgatada por socorristas, acabaria dizendo alguma besteira como “pulei por causa do calor”. Precisava ser um clima em que, mesmo que fosse socorrida, pudesse dizer com orgulho que havia feito aquilo porque queria morrer, para então pular de volta na água. Nesses termos, o inverno também não seria adequado. Estaria tão frio que não teria coragem de pular de volta. A primavera, a primavera estava muito longe. Além do mais, morrer na primavera, quando tudo renasce, parecia uma ofensa à primavera. Era o outono. Só lhe restava o outono. Na estação da colheita, a morte de uma pessoa que não colheu nada em sua vida seria lógico também para a natureza. Sooah fez força na mão que segurava a mureta da ponte. Apesar de alta, não era uma altura que uma adulta não conseguiria pular. Ainda mais com a força que Sooah tinha em seus braços após seis anos fazendo bico em restaurantes de carne. Ela fez força nos braços e esperou um instante. Foi quando uma bicicleta veio, fazendo trim-trim, e passou por trás de Sooah.

— Essas malditas bicicletas. Dá para morrer por causa dessas coisas.

Depois de falar esperando que a ouvissem, tirou as mãos da mureta. Atravessando a ponte, Sooah Kim refletiu sobre o motivo de não ter conseguido morrer e, em vez disso, ter se preocupado com uma bicicleta.

Sendo que não há nada de bom em continuar viva.

Queria tornar-se escritora. Roteirista. Sooah Kim era louca por dramas de TV. Aos seus vinte e tantos anos, quando trabalhava em fábricas e tentava juntar dinheiro, só aguentara passar por aquele período por conta dos dramas de TV. Consolava-se dizendo para si que o final de sua difícil realidade também seria belo como o final de um drama. Mesmo em feriados, quando outros saíam, ela se trancava em seu dormitório e devorava não só os dramas que estavam em progresso, mas também os já finalizados. Afinal, não tinha para onde ir aos feriados. Por culpa de ter dormido todo seu tempo na escola, já que

trabalhava meio período, não tinha amigos e seu pai, o único parente que tinha, havia sido enterrado depois de um velório comunitário. Sooah tinha dezessete anos quando recebeu a notícia que ele havia falecido depois de viver nas ruas.

Teria uma vida completamente diferente se tivesse virado uma escritora. Sooah Kim terminou de atravessar a ponte apalpando o ressentimento sobre seu sonho que sumiu por entre os dedos, como areia. Ia em direção à estação de metrô, mas acabou entrando em um *pojang-macha*.* Era o caminho de sempre. A noite de uma rua cheia de empresas de investimento era clara demais para uma pessoa decidida a morrer. Como não aguentaria prosseguir até a estação sem antes descansar um pouco em um lugar mais escuro, Sooah tornou-se uma cliente regular daquele *pojang-macha*. Ela entrou, sentou-se e pediu uma garrafa de soju com uma panqueca de cebolinha.

— Inferno do Kimbap? O que é isso?

— Estou te falando, é uma história de terror que tem circulado na internet ultimamente. Dizem que se você percorrer as ruas de Jongno por volta das seis da manhã, surge do nada uma loja chamada Inferno do Kimbap. Se você entrar lá, dizem que trocam sua alma com a de uma outra pessoa. Dizem que também chamam de Restaurante Copycat.

— E você acredita nessas coisas? Se é uma história de terror, que ao menos fosse assustadora. Trocar de alma com outra pessoa é tão clichê que nem em filmes estão usando essa ideia agora, não acha?

— Não é assustador? Alguém tomar conta do seu corpo e viver como você. Não é de arrepiar?

— Olha aqui. Se fosse para trocar de alma, tentariam trocar com alguém tipo Bill Gates. Acha que iriam querer pessoas normais como a gente?

As pessoas sentadas perto da entrada do *pojang-macha* falavam em voz alta. Sooah Kim, cortando a panqueca de cebolinha em pedacinhos, escutou a conversa como se escutasse um programa de rádio. Virando um copo de soju por vez, escutou a conversa e foi embora depois de apenas uma garrafa.

Pesquisou pelo celular por todo o tempo que estava no metrô a caminho de casa e, mesmo depois de chegar, sequer se trocou e ficou agachada na entrada de casa, continuando a pesquisar. *Restaurante que troca almas*. *Inferno do Kimbap*. *Restaurante Copycat*. Lia com os olhos arregalados cada texto que encontrava ao pesquisar por todo tipo de palavra-chave que usava. A luz que emanava do celular iluminava sua clara vontade.

Havia uma vida que Sooah Kim queria roubar.



Há pessoas que nascem com algo de especial. Beleza ou dons. São pessoas que possuem algo que, não importa o que seja, é especial e por isso são chamadas de gênios. Mando Lee era assim. Um gênio escritor que, indo e vindo entre gêneros, conquistava absoluto sucesso com tudo o que escrevia. Em tempos em que era difícil passar de 10% de audiência na TV aberta por culpa da enchente de plataformas de streaming, as obras de Mando Lee passavam de, no mínimo, 30%. O drama de comédia romântica que terminou de ser lançado passou dos 45% de audiência, sendo até apelidado de "herói da reascensão dos dramas da TV aberta".

— Até pouco antes, era minha filha quem ajudava a organizar meus papéis e as tarefas do dia a dia. Desde que ela entrou na faculdade e passou a morar em um dormitório, precisei contratar assistentes. Se você passar nesta última entrevista, se tornará minha sexta assistente.

Sentia cheiro de livros. Sooah Kim, com o olhar fixo em Mando Lee, que estava sentado do outro lado da mesa, mexeu o nariz de leve. Mando usava sua sala de estar inteira como biblioteca. Fora a parede de vidro, que ficava atrás da mesa, todas as três paredes tinham estantes sob medida, o que preenchia a casa com cheiro de papel. Enquanto falava, Mando não olhava para Sooah, que estava no meio da sala de estar, e sim para o papel nas próprias mãos. Tudo que Sooah enxergava era apenas o topo de sua cabeça, com o cabelo bem tingido.

— Sempre que publico um anúncio procurando por assistente, surgem candidatos como se fossem nuvens. Dentre eles há escritores também. Pessoas do tipo que lançam um *web drama* e saem por aí falando que debutaram. Chegam aos montes, tentando pegar carona na minha fama, já que seus próprios textos são insignificantes. Gentalha assim só quer prejudicar minha imagem. Buscam apenas uma oportunidade para roubar meu senso para escrita. Aqueles que ousam dizer que eu cometo plágio, esses também são do mesmo tipo.

Mando Lee e plágio. Por ser um assunto que se repetia toda vez que Mando lançava uma obra, agora já nem chamava atenção do público. A primeira vez que houvera suspeita de plágio foi quando havia lançado sua terceira obra. Mando, depois de não obter muito resultado com sua primeira obra, que havia sido considerada maníaca, conquistou o público com a segunda, que seguiu por linhas completamente diferentes. As pessoas aguardaram por uma terceira obra de Mando Lee, mas, por cinco anos, não veio nada.

No ano em que se completaria cinco anos, finalmente foi revelada a nova obra de Mando Lee. O drama, que contava com um elenco de elite, tratava de uma história de romance fantasioso. Enquanto a audiência crescia a cada episódio, um usuário da internet acusou o escritor de suspeita de plágio. Alegava que a história do drama era muito semelhante a um mangá japonês que nunca havia sido traduzido para o coreano. Essa informação se espalhou pela internet em instantes. A produtora do drama afirmou que eram acusações infundadas, revelando que processaria o usuário da internet que fizera a primeira acusação. Como eram poucos os que leram a obra original, as críticas na mídia logo desapareceram. Sobre a quarta obra, foi apontado que era similar a uma novela alemã. Como era uma novela que tinha alguns fãs assíduos, formando uma comunidade dentro da Coreia também, a crítica durou um tanto mais do que no caso da terceira obra. Porém, o resultado foi o mesmo. A quinta e a sexta obras também passaram por processos parecidos.

O maior problema foi a suspeita de plágio de dois anos antes. Uma

aspirante a escritora, que participara de um concurso em que Mando Lee havia sido jurado, acusara Mando de plagiar uma de suas obras. Foi a primeira vez em que alguém o acusou de plagiar uma obra própria, e não de um terceiro. Até mesmo pessoas que já sabiam que, sempre que Mando Lee lançasse uma obra, haveria acusações de plágio demonstraram interesse no caso. O apelo daquela aspirante a escritora se espalhou por vários cantos da internet e a mídia também foi bem receptiva em relação a ele. Pelo menos até Mando Lee lançar um comunicado dizendo ser a vítima ali. Mando rebateu as acusações dizendo que havia registros do projeto que trocara com a produção antes mesmo de haver o concurso e que poderia provar sua existência. Afirmou que essa aspirante estava querendo prejudicá-lo porque ficou ressentida de ter sido eliminada do concurso, além de propor que, caso suspeitem mesmo de plágio, publicassem as duas obras para que o público decida. Com essa nota de Mando Lee, a mídia estremeceu. Muitos marcaram que concordavam com opiniões dizendo que ele só poderia sugerir que comparem as obras porque não tinha nada a esconder. Havia também aqueles que sugeriam que algumas pessoas na internet haviam pegado gosto por acusar Mando Lee de plágio, já que em outros casos de acusações também houvera pontos exagerados.

O ponto decisivo foi o detector de mentiras. Um programa de televisão sugeriu que Mando passasse por um detector de mentiras. Ele aceitou essa sugestão. No dia em que foi ao ar, o texto que dizia “A pessoa examinada acima respondeu de forma afirmativa (sim) para as perguntas de teste R1, R2 e R3 do parágrafo 5 e, avaliando suas respostas fisiológicas verificadas pelo detector de mentiras, foram julgadas como reações verdadeiras” preencheu a tela. Dizer que detectores de mentira não tinham poder comprobatório em processos judiciais não era uma questão importante para o público. O que importava era a prova de que as chances de Mando Lee estar mentindo haviam diminuído, só isso.

Por fim, o caso continuou até o tribunal. A lei, como de costume, não decidiu nada. Por mais de um ano, nenhum veredito foi dado e o público

perdeu o interesse. Em meio a tudo isso, veio uma proposta para comprar os direitos daquele drama, para fazer uma versão própria nos Estados Unidos, o que inflamou a mídia dizendo que aquele era o poder da "K-Culture". Independentemente do veredito sobre o plágio, Mando Lee tornou-se o maior escritor de dramas da Coreia do Sul.

— Sabe por que te escolhi dentre tantos candidatos?

Mando levantou o rosto e olhou para Sooah. A testa e a região da boca enrugadas, o grande nariz curvo e as bochechas magras transpareciam teimosia.

— Não sei.

— Foi porque apenas o seu currículo não demonstrava um orgulho ridículo sobre a escrita. Meus assistentes anteriores foram muito tolos. Só porque sabiam escrever um pouco, faziam de forma relaxada o trabalho que eu pedia e só teimavam pedindo que eu desse uma olhada em seus textos. Alguns até leram escondidos os meus rascunhos. Agora não consigo mais confiar em pessoas que escrevem. Vejo que no seu currículo diz que trabalhou em fábricas depois de terminar o ensino médio. A partir dos trinta trabalhou como funcionária em restaurante e se candidatou porque era fã dos meus dramas. Isso é tudo?

Preciso fazer direito. Consigo fazer direito. Sooah Kim havia vindo com todo tipo de informação sobre Mando Lee na cabeça. Pesquisara todos os artigos de revistas, procurara por todo canto vídeos de atores que dissessem algo sobre o escritor. O que Mando Lee gostava era de um quarto bem arrumado, respostas curtas, e comida coreana em vez de ocidental. O que não gostava era respostas malcriadas, desviar o olhar. Sooah acenou com a cabeça com força.

— Sim. Dramas salvaram minha vida. Então é como se o senhor tivesse me salvado.

— Quanto você recebia no restaurante? Salário de assistente não é de todo alto.

— Tudo bem. Tudo bem também se for por pouco tempo, pois só quero ser uma força para o senhor, que admiro tanto.

Sooah viu que Mando estava batendo com a ponta da unha no canto de sua boca. De acordo com o que vira em uma revista, aquilo significava que ele estava de bom humor. Mando pôs o currículo sobre a mesa.

— Certo. Então comece o trabalho a partir de amanhã. O horário de início é sete da manhã. Sobre os detalhes, vou te dar o regulamento, então trate de ler. Leia com atenção. Porque detesto aquilo que foge às regras. Qual é o seu nome, mesmo?

— Sooah Kim, senhor.

— Certo, Sooah. Então pode ir.

Virando-se para a porta, Sooah respirou fundo. O cheiro dos livros preencheu seu pulmão. Queria uma biblioteca assim. Estantes feitas com madeira de boa qualidade e uma escrivaninha iluminada pelo sol. Uma cadeira com encosto de couro, que parecia confortável. Como seria a sensação de ter um quarto separado para poder trabalhar? Ela reprimiu seu impulso de empurrar Mando Lee para poder se sentar em sua cadeira.

Preciso fazer direito. Consigo fazer direito. Já, já será meu.

Queria tornar-se escritora. Se pudesse fazer isso.

Sooah Kim abriu a porta silenciosamente.



“Sobre Mando Lee”, entrevistas com pessoas próximas 1

_diretor de dramas (solicitou anonimato)

Mando Lee? É um gênio. Pode ser difícil de trabalhar com ele, por ser muito excêntrico, mas tenho que admitir que ele é um gênio. Não tem muita gente que conhece as obras iniciais do Mando Lee, né? É porque todas fracassaram. Seu primeiro lançamento na TV aberta foi um drama especial, mas foi tão pouco popular que todos pensaram que esse escritor não daria certo. Observem que essa mesma pessoa agora salta de gênero em gênero a cada obra, acertando em cheio o que o público quer. Mudar de estilo desse jeito não é fácil. Ele deve ter feito um esforço de doer os ossos.

Não é que eu não entenda sua excentricidade. Quando foi mesmo que a esposa de Mando Lee morreu em um acidente? Não havia muito tempo desde que ele havia debutado. Verdade. Depois de lançar a segunda obra. Os dois tinham uma ótima relação. Mando Lee era veterano e a esposa era

caloura, acho. Tinham uns cinco ou seis anos de diferença. A esposa também era aspirante a roteirista de dramas. Ela também tinha um ótimo senso para escrita. Se ela tivesse lançado alguma obra, teria tido um sucesso, no mínimo, mediano. Daí quem sabe não teriam se tornado um casal com os dois igualmente famosos.

Mando Lee é órfão de nascença. Não sabe quem são seus pais nem tem parentes. Talvez, por isso, tratava bem demais sua esposa. Depois que sua filha nasceu, dizem que ele ligava várias vezes mesmo enquanto trabalhava meio período em estúdios. Era na época em que ele tinha que se virar para viver trabalhando aqui e ali, depois de fracassar com seu primeiro lançamento. Dizem que, mesmo sendo uma pessoa normalmente rígida e que não expressa suas emoções, morria de felicidade quando falava ao telefone com sua família. Mas a esposa se foi daquele jeito, em um acidente, então quem manteria a sanidade diante disso?

Deve ter sido um acidente de trânsito. Ela havia partido para visitar seus pais, porque estavam doentes, mas esse foi seu fim. Pelo menos, a sorte é que ela não levou a filha. O acidente ocorreu justo quando Mando Lee havia começado a ganhar dinheiro por conta da segunda obra. O início da felicidade ao fim do sofrimento, nesse momento sua maior felicidade foi pelos ares. Reparem como, depois disso, não se casou de novo e só criou sua filha com todo o carinho. Esse cara morreria facilmente por sua filha. Quando ela foi sua assistente, ele fazia escândalo se outra pessoa tocasse em seus roteiros, mas quando se tratava de sua filha, por mais que ela sumisse com um roteiro completo, ele continuava a chamando de linda. Lembro quão triste ele ficou quando soube que sua filha se mudaria para o dormitório da faculdade. Ninguém que acompanhou isso de perto pode criticar Mando Lee. Eu também entendo. Ele age de modo excêntrico.

Suspeita de plágio? Arf, isso é totalmente forçado. Quem diz que ele copiou desenhos e dramas é porque não entende o que é um clichê. É como um código. Quando o gênero é parecido, é natural que o código tenha semelhanças. Se fosse mesmo plágio, haveria alguma manifestação por parte do criador original. Se estou dizendo isso porque sou diretor? Pode até ser. Porque é natural que eu fique do lado de quem está no meu círculo. Tanto para os diretores quanto para os atores que trabalharam com Mando Lee, suas carreiras não seriam o mais importante? Passando de 40%, 50% de audiência, aquela obra se torna a obra de suas vidas, alguém ia querer que aquilo seja marcado como plágio? Ninguém. O mesmo vale para diretores e atores que ainda não trabalharam com ele. Se algum dia trabalharem com Mando Lee, teriam a chance de atingir um sucesso enorme, então querem proteger a imagem de um escritor assim.

Além do mais, nunca chegou a virar caso de justiça, não é mesmo? Ah, não. Teve um caso. Aquele aspirante a escritor. Como é que ficou esse caso mesmo? Deve ter sido decidido em primeira instância que não era plágio. Daí Mando Lee e a produtora do drama disseram que iam processar esse aspirante por difamação. A segunda instância ainda não deve ter saído. Isso porque, quando uma disputa por plágio vai parar no tribunal, vira uma briga longa e entediante. Juízes sabem das leis, mas como vão definir até onde é original e até onde é plágio em textos ou músicas? É difícil, afinal. Em artigos acadêmicos, pelo menos, dá para usar um programa, mas com o que vão julgar os romances e roteiros? Por que uma fala do diálogo é igual? Por que um cenário é parecido? A não ser que peguem a obra inteira e troquem só um ou outro nome, é difícil dizer se algo é plágio.

Isso é... se por um grande acaso for verdade. Vamos supor que era mesmo a obra daquele aspirante a escritor. Acha que teria obtido tanto sucesso se não tivesse o nome de Mando Lee? Acha que teria virado diretamente um drama? Mesmo que o mundo tenha mudado e tudo mais, ainda assim é um território em que o nome é o que conta. Não importa se roubou a ideia do outro ou a tenha imitado, se vendeu já era.



De fato, madrugadas de outono são perfeitas para se esperar por algo.

Preparar chá de mel e limão é bem simples. Lave bem o limão com a casca, corte em fatias finas e empilhe camada por camada em um jarro. Ao fazer as camadas, adicione açúcar ou mel. O topo sempre deverá ser coberto por açúcar. Só assim não estragará. O sabor doce do açúcar deve cobrir também o sabor amargo do desejo, que se acumulou junto com as camadas de limão.

O chá de mel ficou muito bem-feito desta vez. Bom trabalho.

Sooah Kim pôs em um copo portátil o chá que havia trazido na garrafa térmica. As madrugadas de outono eram frescas e pouco úmidas. Seis da madrugada. Quando o sol empurrou para o céu sobre as vielas de Jongno uma cor laranja em gradiente, o estabelecimento que esperava surgiu diante de seus olhos. Uma placa preta e cafona que dizia “Inferno do Kimbap” em uma estrutura quadrangular e moderna, que não combinava com tal cartaz. E um texto escrito em letras pequenas, dizendo “Restaurante Copycat”. Observando o Restaurante Copycat, Sooah bebeu lentamente seu chá de limão e mel. Depois de ter entrado no Restaurante Copycat pela primeira vez dez dias atrás, verificar a existência do restaurante toda madrugada tornou-se uma tarefa diária muito importante.

Durante esses dez dias, Sooah foi para a casa de Mando Lee todos os dias. Com uma camiseta que mostrava levemente a silhueta de seu corpo, uma saia longa e o cabelo amarrado para um lado. Não era um figurino confortável para trabalhar, muito menos do gosto de Sooah Kim, mas ela fazia assim. Isso porque havia descoberto que Mando Lee gostava desse estilo, a partir das

entrevistas de atores. Chegava no trabalho às sete da manhã e saía às nove da noite. Preparava três refeições, limpava a casa e organizava os papéis dele. No regulamento que Mando Lee havia lhe dado, havia três itens marcados com cinco estrelas vermelhas enormes. “A CONTRATADA (Sooah Kim) não poderá olhar o conteúdo ao organizar papéis”; “Não ir ao escritório enquanto o CONTRATANTE (Mando Lee) estiver presente nele, a fim de não o incomodar”; “Caso o CONTRATANTE esteja fora, jamais aproximar-se de sua escrivaninha”. Como o escritório de Mando era também a sala da casa, enquanto ele estivesse à sua mesa, Sooah não podia fazer nada a não ser ficar sentada na cadeira que ficava em um canto da área de serviço. Passando o tempo assim, Mando nunca chegou a puxar assunto com Sooah.

Não precisa se desesperar. A receita da alma de Mando Lee. Eu sei qual alimento é. O problema é a história. Para arrancar a história preciso fazer uma introdução.

Então, durante esses dez dias, Sooah preparou chá de limão e mel todos os dias, assim que voltava para casa. Comprava ingredientes de boa qualidade e aprendia a fazer a mistura, que, até então, nunca havia feito. No saco de shopping na mão de Sooah havia uma garrafa de vidro com chá de limão e mel.

O que Mando sempre deixava ao seu lado enquanto trabalhava. O que ele ficava bravo se não pusessem para ele quando estava em reunião. O único alimento do qual ele reclamava, dizendo que os que se vendiam por aí não eram lá muito bons. O alimento que aparecia em toda e qualquer entrevista relacionada a Mando Lee.

O chá de limão e mel.



— Se for trabalhar desse jeito ridículo, vai embora! Deixei claro que nessa obra não iria colocar propaganda de jeito algum. Você também acorde para a realidade. Precisa de capital para filmar drama? Está certo. Mas se a qualidade do drama cair porque estamos correndo atrás de anúncio, a audiência vai

desaparecer em um piscar de olhos. Sabe quão exigentes os telespectadores estão agora? Se formos colocar anúncios a torto e a direito, achando que é como nos tempos antigos, vai passar vergonha em público, meu amigo. Quanto que já escrevi? Eu falei! Você acha que vou escrever uma letra sequer antes que seja confirmado que não serão adicionados anúncios? Não falo da boca para fora. Se entendeu, vou desligar!

Os altos berros ecoaram pela casa. Sooah, que estava sentada na área de serviço, abriu uma fresta na porta e observou os arredores. Mando estava andando para lá e para cá pela sala, com passos irritados, enquanto falava ao telefone. Depois de desligar, ele jogou o celular no chão da sala e se jogou na cadeira.

— Sooah! Sooah Kim! Me traz a caixa de plástico que está na frente da porta de casa!

Sooah saiu da área de serviço e levantou a caixa que estava na frente da porta de casa. O que estava naquela caixa grande, que era necessário abrir os dois braços para segurá-la, eram as obras que foram entregues para participar de um concurso. Sooah deixou a caixa ao lado da mesa de Mando. Ele abriu a caixa e tirou um bolo de papel. Folheando página por página daquele bolo de papel, que estava dividido em partes com um palmo de espessura, Mando perguntou de repente:

— Sooah, o que pensa sobre reciclagem?

— Reciclagem?

— Sim. Escolher o que é inútil e transformar em algo útil. Textos também são assim. Olhando em geral, é lixo, mas, no meio desse lixo, tem algumas coisas úteis. Selecionar essas coisas e torná-las úteis não seria um ato de bondade para aquele texto? O que acha?

Preciso fazer direito. Consigo fazer direito. Repetindo essas duas frases em sua mente, Sooah Kim falou uma outra coisa com a boca:

— Não sei muito bem sobre textos, mas penso que seu julgamento está correto.

— Verdade. Realmente é isso. Eu estou sempre certo.

Os cantos da boca de Mando Lee, que até então estavam rígidos, se arquearam, desenhando uma suave curva. Sooah foi para a cozinha e tirou o chá de mel e limão do saco de shopping. Colocou uma colher generosa do chá de mel em uma xícara e despejou água quente.

Isso é a introdução. Preciso lançar a introdução direito.

Sooah pôs a xícara sobre um pires e levou para Mando. Deixou a xícara sobre a escrivaninha e foi para a área de serviço. Estava sentada na área de serviço, dobrando as roupas quando a porta se abriu. Mando balançou levemente a xícara em sua mão.

— Sooah. Esse chá de mel e limão, onde comprou?

— Eu que fiz. Para o senhor tomar sempre que estiver trabalhando. O caseiro é mais saudável do que o comprado, não é mesmo?

— Ah é? Bem que suspeitei, o sabor está diferente. É o sabor que eu procurava.

Sooah virou o rosto levemente de lado e deu uma risada tímida. Mando levou a xícara à boca e murmurou algo.

— Vejo que você é diferente. Diferente das assistentes anteriores. É isso, talvez no seu caso...

Mando levantou o rosto para beber o restante do chá de uma só vez. Então, depois de passar os olhos por toda a área de serviço, fez tsc, tsc.

— A propósito, você tem ficado em um lugar desses? Nem me dei conta. Por agora tudo bem porque é outono, mas no inverno deve ficar frio. A partir de amanhã trabalhe ali, no quartinho. Era o quarto de vestir da minha filha, mas agora está vazio. Precisamos também colocar uma mesa e uma cadeira para você ficar mais à vontade.

— Obrigada.

Sooah teve a certeza de que sua introdução fora bem lançada.

A partir desse dia, os dias em que Mando puxava assunto com Sooah foram aumentando. Para qualquer coisa, ele chamava Sooah, chegando até a instruí-la

a organizar papéis na sala enquanto ele escrevia. No dia seguinte ao que elogiara o senso de moda dela, entregou uma sacola de shopping dizendo que era presente. Dentro da sacola, havia uma saia longa que devia custar umas dez vezes o preço da saia que ela estava vestindo no momento. Sooah não perguntou o motivo do presente. Apenas aceitou dizendo "Obrigada!". Mando chegou a perguntar a idade de Sooah, e quando ela respondeu "Tenho trinta e seis", ele disse: "Seria bom se fosse um pouco mais jovem. Mesmo assim, você tem um rosto jovem". Sooah também não perguntou o que aquilo significava. Apenas sorriu, cobrindo a boca, como alguém envergonhado. Mando deu permissão para que Sooah lesse à vontade os livros de sua estante. Até o costume de pedir que Sooah voltasse para casa quando ele precisava sair, expulsando-a independentemente do que ela estivesse fazendo, mudou. Algumas vezes chegou a convidá-la para caminhar no parque e então parou de expulsá-la mesmo quando saía sozinho. No mercado que ficava no condomínio, onde fora para comprar mantimentos, Sooah ouviu pessoas sussurrando. "Ouvi dizer que aquele velho estranho arranjou uma mulher."; "Parece que tem uma grande diferença de idade. Será que ela grudou nele pela herança?". O olhar das pessoas fazia o mesmo trabalho que um selo postal dizendo que o alvo desses sussurros era ela. Como esses acontecimentos eram como frases clichê, porém necessárias após a introdução que Sooah havia lançado, ela aguentou como se as sublinhasse. *Preciso fazer direito. Consigo fazer direito.*

Contudo, não conseguia evitar de ficar desesperada com o passar dos dias. Para aliviar o desespero, o tempo em que ficava de pé na viela de Jongno, esperando que o Restaurante Copycat aparecesse, ficou um pouco mais curto. Loki havia dito. Conseguiria ver o Restaurante Copycat por exatamente um mês desde o dia em que consumira a *welcome food*. E que se não trouxesse a receita da alma até esse prazo expirar, o pacto seria automaticamente quebrado e ela nunca mais veria o restaurante. Podia também não consumir a *welcome food* e apenas sair do restaurante. Se não a consumisse, disse que poderia encontrar o restaurante apenas mais uma vez. Esse prazo era indeterminado.

Assim seu desespero talvez teria sido menor, mas também não teria se movido tão desesperadamente quanto estava. Sooah não se arrependia de sua escolha. A partir do vigésimo dia, fechava um dedo a cada vez que o Restaurante Copycat aparecia. Quando ela fechar todos os dez dedos, o Restaurante Copycat desaparecerá.

No dia em que ela fechou a mão direita inteira, Mando Lee saiu de casa dizendo que iria a uma editora.

— Esses malditos ousam me testar? Que eu não consigo mais escrever? Acabaram as ideias? Não pensam no que eles fizeram de errado e se atrevem a me acusar como um escritor que não consegue produzir uma linha? Eu não gostava desse lugar desde antes. Acham que não sei que ficavam do lado das pessoas que queriam me prejudicar. Sei também que ficaram do lado daquela escritora amadora e insolente. Retuitaram com a conta do próprio estúdio, descaradamente, o que aquela maluca escreveu.

Mando cerrou os dentes enquanto ajustava o chapéu, parado atrás da porta de casa.

— Estúdio Harim?

Ao ver que o olhar de Mando, refletido no espelho, estava apontado para ela, Sooah se tocou. Ela não podia demonstrar que sabia. Deveria ser apenas uma completa seguidora para Mando Lee. As linhas que se ligavam estavelmente depois da introdução podiam acabar sendo cortadas.

— Sooah, você também conhece essas pessoas? Nem é um lugar de todo famoso.

Precisava se acalmar. No breve instante em que ela entregava para Mando a bolsa que estava segurando, o pensamento de Sooah encontrou a reposta certa.

— Porque sou a maníaca dos dramas.

Respostas curtas. O regulamento, que havia decorado de cabo a rabo, lhe empurrou a resposta.

— Hum. Certo, então o que você pensa? Conhece esse caso, né? Me refiro à mulher que me caluniou.

Esse caso... Então era possível comprimi-lo nessas quatro sílabas. De repente, Sooah Kim olhou para Mando Lee. Aquele homem na primeira metade de seus cinquenta e tantos anos, que estava à sua frente. Aquele homem a intrigava. Desde seus vinte e poucos anos, desde a época em que esperava que os finais felizes de dramas também acontecessem na vida real, para Sooah, Mando Lee era um deus. Bom ou mau, um deus é um deus. A única pessoa que a fazia tanto exclamar "como consegue escrever algo assim?" e que ao mesmo tempo despertava sua ira. Durante as semanas que passou naquela casa, Sooah obteve sua resposta. Mando era uma pessoa que transformava até mentiras em verdades se ele acreditasse que eram verdades. Para ele, a verdade não era o ato de ajustar a bússola para encontrar a direção correta, e sim o ato de andar acreditando que apenas o ponto que ele definia era a verdade.

— Considero uns idiotas.

Era a verdade. Depois da resposta de Sooah, Mando virou seu corpo, que até então estava voltado para o espelho. O movimento de suas mãos ao receber a bolsa que Sooah lhe estendeu era suave.

— Hoje trate de fazer recortes. Não importa o horário, espere até que eu volte, não vá embora.

Sooah assentiu e Mando saiu de casa. A porta se fechou e ela olhou para seu rosto através do espelho do átrio.

— Idiota.

Falou mais uma vez em voz alta e virou-se. Olhou um pouco para a sala, que estava silenciosa, e aproximou-se da escrivaninha. Seu pé esbarrou na caixa de plástico. Será que Mando acrescentara algo nos papéis dessa caixa durante aqueles dias? Algo que desse para recortar, alguma coisa. Sooah se sentou na cadeira junto à escrivaninha, apoiando as costas no encosto. O toque do couro, macio mas firme, envolveu suas costas. Depois de ficar um bom tempo afundada na cadeira, ajeitou a postura, esticou as mãos e ligou o computador. Ao abrir a pasta de trabalho e puxar o arquivo mais recente, surgiu uma tela em branco, sem nada escrito. Olhou para o alto e deu um giro com a cadeira. Junto

com a cadeira, o teto e a sala giraram, envolvendo Sooah Kim.

Se me tornar uma escritora...

"Você não tem talento para virar escritora", dissera o professor do centro cultural para Sooah. "O cenário é infantil e os diálogos são péssimos. As emoções dos personagens são muito inconstantes. Se for para distorcer o clichê, que fizesse direito." A cada aula, as críticas vinham aos montes. Não gostava desse professor, mas gostava de ir ao centro cultural. A palavra gostar não era suficiente. Depois de trabalhar no restaurante de carne, na segunda-feira, que era seu único dia de folga, ir para aquele lugar era sua única alegria na vida. Por mais que fosse duramente criticada, ficava feliz só de ter alguém lendo seus textos. Mesmo depois de trabalhar das quatro da tarde às duas da madrugada para voltar para casa e dormir como se estivesse desmaiada, deixava o alarme programado para as nove da manhã, forçando-se a acordar para escrever. Pelo menos, enquanto escrevia, seu apartamento de um cômodo, cujo aluguel custava duzentos e cinquenta mil wons, se tornava um extravagante estúdio de trabalho. Não pensava coisas como "se me tornar uma escritora". Apesar de racionalmente saber que "escritora" é apenas uma classe de profissões, achava que ela não conseguiria exercer tal profissão por si só. Ainda mais ela, Sooah Kim, que aos vinte anos, logo que atingiu a maioridade, começou a trabalhar em fábricas, sabia mais do que ninguém como as profissões funcionam. Seja um trabalho que alguém faz por gostar, seja um trabalho feito apenas pelo dinheiro, uma vez que aquilo se tornar uma "profissão", é impossível estar sempre contente. Mas nem por isso queria continuar escrevendo apenas por hobby, como dissera o professor do centro cultural. Para tentar domar esses desejos conflitantes, escrevia e escrevia. Assim, acumulou três ou quatro roteiros longos que havia escrito. Enviou um deles para um concurso. Como não tinha grandes expectativas, também não precisou de grande coragem. Apesar disso, quando clicou no botão para participar no concurso, estava tão feliz que ficou rodopiando em seu lugar. Na sensação de ter conquistado algo, queria até dançar.

Não sabia que, depois disso, o mundo giraria tão caoticamente.

Sooah deu mais uma volta, girando a cadeira novamente. E mais uma volta. E mais outra. Girou e girou até começar a ficar tonta. A cadeira saiu da frente da mesa e foi em direção à varanda. Só quando a cadeira bateu no rodapé entre a sala e a varanda que parou de girar. Da varanda, enxergava o rio Han. O rio Han visto de cima da ponte tinha uma cor preta, parecendo que poderia engolir uma pessoa a qualquer momento. Porém, o rio Han que enxergava da varanda daquele apartamento parecia azul e translúcido como as asas de um anjo.

Se me tornar uma escritora, se me tornar uma escritora...

Como que em um transe, levantou-se da cadeira. Quando estava prestes a sair para a varanda, ouviu o som do teclado da fechadura. Sooah parou imediatamente e botou a cadeira de volta em seu lugar, à frente da mesa. Então, com os calcanhares, saltitou até o quartinho e fechou a porta. Escutou alguém tirando os sapatos ali fora e então a porta do quarto se abriu abruptamente.

— Eu vim sabendo que meu pai não estava, mas como vi alguém correndo, achei que fosse um ladrão.

Quem abriu a porta foi uma mulher jovem. Era claramente a filha de Mando Lee. O nariz curvado era igual, parecendo que alguém o havia copiado e colado ali. A mulher olhou fixamente para Sooah.

— Ô, tia, você que é a nova assistente?

Sooah não olhou diretamente para a mulher. Planejava evitar se envolver com pessoas ao redor de Mando. Era natural que houvesse pessoas sensíveis em qualquer lugar, de forma inesperada. Se a pessoa lembrasse do jeito de falar ou de algum pequeno hábito, podiam surgir problemas.

Preciso fazer direito. Consigo fazer direito.

Sooah colou os artigos que havia recortado no caderno de recortes, em silêncio. Mando a fazia imprimir todos os artigos relacionados a ele para juntá-los no caderno de recortes. Então, quando juntava um certo volume de artigos, os transformava em um livro. Em um canto do escritório de Mando havia vários desses livros enfileirados.

— Está vestida da cabeça aos pés do jeito que meu pai gosta. Tia, você está querendo meu pai?

A mulher entrou no quarto e se inclinou na direção de Sooah. A sombra arredondada da mulher cobriu o corpo de Sooah. Mesmo assim, Sooah não levantou o rosto. A sombra se aproximou um pouco mais, o cabelo da mulher passou por sua bochecha. Ouviu a voz da mulher perto de seu ouvido.

— Não há nada de bom em se aproximar desse ser, então por que não desiste?

A sombra da mulher desapareceu.

— Eu vim de propósito, pois ouvi do editor que meu pai não estava em casa. Vim pegar um pouco de dinheiro. Tia, você não vai contar para meu pai se eu pegar um dinheirinho, vai?

— ...

— Tia, você não sabe falar? Ou não quer falar comigo?

— ...

— Deixa pra lá. De qualquer modo, é bom lembrar das minhas palavras.

A mulher saiu do quarto. Só então as mãos de Sooah pararam. Dava para escutar o som alto do abrir e fechar das gavetas. Sooah observou o artigo que estava recortando. “Autor celebridade Mando Lee... em declínio? Adiaram o lançamento de sua nova obra. Harim declara que irá tomar providências legais por conta de quebra de contrato.” Tratava-se do adiamento por tempo indeterminado do lançamento do drama que estava planejado para ir ao ar no segundo semestre do ano seguinte, mas que Mando continuava quebrando os prazos acordados para a nova obra, usando as propagandas como desculpa. Mando estava enfrentando a empresa dizendo que ela estava exigindo propagandas forçadas. Havia também artigos mostrando entrevistas exclusivas com Mando Lee, dizendo que era necessário parar com esse costume, que reduzia a qualidade das obras.

> Mando Lee: Os escritores de hoje em dia precisam consertar os maus hábitos para que os jovens aspirantes a escritores possam trabalhar em um ambiente melhor. Em vez de se apoiar apenas nas

propagandas, é necessário criar um modelo de renda mais variado.

O papel se amassou em sua mão. Sua ira sempre vinha com a impotência. Sooah enxergava seu tempo em cada vinco da folha amassada. Enxergou seu desespero de quando olhava para baixo daquela ponte, enquanto dava uma volta completa por primavera e verão, outono e inverno. Quanto tempo será que ficou sentada, segurando com força aquele papel amassado? O que arrancou Sooah dos vincos do papel amassado foi um som parecido com o da chuva batendo na janela. O som ficou forte, como centenas de folhas de papel estivessem sendo amassadas de uma vez.

Sooah saiu do quarto. A chuva batia com força, a ponto de a parede de vidro ficar completamente embaçada. O vento também estava forte. Uma tempestade, que não surpreenderia se virasse um tufão, tomou conta do mundo janela afora. Sooah sentiu um impulso de abrir completamente a janela da varanda. Se abrisse a janela enorme, toda a chuva chegaria até a sala. Se fosse um tufão, então, seria melhor ainda. Se a tempestade arruinasse a mesa, as estantes, tudo daquela casa, seria muito, muito melhor.

Já havia imaginado algo parecido antes. Desejou que alguém fosse até a casa de Mando Lee e encontrasse algum rastro de sua incompetência para expor ao mundo. Desejava profundamente que surgisse um ladrão fantasma justiceiro, que se infiltra em um museu de arte em algum país poderoso, repleto de objetos roubados, para tomá-los e devolvê-los aos seus lugares de origem. Porém, tal ladrão fantasma não apareceu. Esse tipo de ladrão fantasma nunca existiu. Eles apenas roubam exclusivamente para seu lucro. Bens. Pessoas. Ou vidas de outras pessoas. Dons recebidos no nascimento. Pessoas chamadas de gênios. Se essas coisas se aplicam a seres que ultrapassam o senso comum de pessoas normais, Mando Lee era com certeza um gênio. Era um ladrão fantasma genial. Portanto, seria difícil surgir um ladrão fantasma capaz de enfrentar Mando.

Se não posso ter para mim, seria melhor se estragasse completamente. Mesmo

pensando assim, os dias em que não conseguia tirar os olhos dos dramas ainda giravam em sua cabeça. Fez força na mão segurando a janela da varanda. Porém, não a abriu. Mais rápido do que Sooah abriria a janela, a porta da casa se abriu.



“Sobre Mando Lee”, entrevistas com pessoas próximas 2

_4ª assistente A

É verdade. Fui assistente de Mando Lee. Ele, um gênio? Não sei quanto a isso. Por fora tem mesmo uma imagem assim. Já que toda obra que ele faz tem muito sucesso. Tem também o jogo de mídia que os diretores fazem por dizer que ele é um gênio. Porque o público gosta dessas coisas. Um escritor de dramas excêntrico e genial. Se anunciam que vão começar um drama com o roteiro de um escritor descrito desse jeito, todos irão assistir, falando que esse tem um cheque de garantia de sucesso ou sei lá o quê. Tirando gênio desse título, o que sobraria? É por isso que todos os envolvidos querem fazer com que ele mantenha a imagem de gênio.

Que eu pareço ter muitas reclamações sobre ele? É verdade. Não só eu, mas toda e qualquer pessoa que já foi assistente dele deve ficar enojada só de ouvir o nome Mando Lee. O tratamento era realmente de cão. Tem um negócio chamado Regulamento, ele fala para você decorar tudo que tem lá dentro. Quando organizar os papéis, fazer apenas com as etiquetas, sem olhar o conteúdo; ao fazer recortes, usar tal tipo de cola. Não, mas em que época estamos vivendo que ainda tem gente que imprime as coisas uma a uma para colar com cola? Não são nem artigos necessários para escrever, mas artigos sobre ele mesmo. Esse cara é completamente narcisista. Não são regras apenas para organizar papéis. Ao dobrar as meias, enrolar duas vezes; ao lavar pratos, sempre lavar da parte de baixo para cima. Tem disso também. Sim. Deixava até os trabalhos domésticos para a assistente. Não é um absurdo? Antigamente discípulos podem até ter sido assim, mas olha o ano em que estamos, como pode ser mandão assim? Ainda por cima, eram catorze horas diárias! Se desse um bom salário, tudo bem. Até o salário ele pagava exatamente o valor mínimo por hora. Como não teríamos condições de ter outro emprego, ele queria que a gente morresse de fome. O que esse cara queria não era uma assistente, era uma escrava.

Mesmo assim, quando descobri que eu havia sido aprovada como assistente, fiquei feliz. Porque eu ajudaria o trabalho do mais famoso autor de dramas da Coreia. Ajudando assim eu poderia aprender a escrever e, com sorte, receberia até uma recomendação. Não seria esse o pensamento que a maioria teve ao se candidatar? Então se ele só fosse mandão assim, teria me contido.

O mais difícil foi a personalidade de Mando Lee. Excêntrico? Isso não é suficiente para expressar. Como diziam mesmo? É uma espécie de doença que a pessoa acredita que tudo que ela pensa é verdade. Para os outros, é uma teoria da conspiração absurda, mas que a pessoa acredita ser verdade.

Lembrei. Mitomania. Era exatamente isso. Porque, olha, teve aquela história antes. Umas pessoas que se posicionaram dizendo que iam revelar a verdade, falando que uma celebridade mentiu ao dizer que havia se formado em uma universidade famosa dos Estados Unidos. Mesmo quando comprovavam que o cara havia sim se formado naquela universidade, tinha um homem que teimava que aquilo era uma farsa, que haviam subornado a universidade. Mesmo com a celebridade pedindo para ele parar, ele continuava mandando cartas com ameaças e perseguindo os familiares da celebridade. Pessoas normais não entenderiam isso. Pensamos por que ele age assim mesmo com provas, e ainda que não houvesse provas, pensamos se isso é assunto para ficar obcecado a ponto de acabar com o próprio cotidiano, quer ele tenha ou não se formado naquela universidade. Esse homem é um típico paciente de mitomania. No mundo desse homem, a ilusão de que "essa celebridade disse uma mentira" se tornou a verdade. Por isso sente que as pessoas que dizem que a verdade dele é uma mentira estão com más intenções, que estão tentando enganá-lo. Porque se as pessoas da realidade aceitarem suas ilusões, aquele mundinho dele poderá se manter intacto, sem desmoronar. O mundinho dele é o mais importante para ele, afinal. É por isso que cometia sem culpa até atos que no mundo real são considerados crime, como perseguição. Tudo para proteger esse mundinho.

Mando Lee me mandava levar suco batido de manhã, sem falta. Todo dia uma fruta diferente. Um dia, fiz suco de *decopom*.* Depois de beber, Mando Lee disse que o suco de laranja estava bom. Daí eu disse: "Isso é *decopom*". Não quis dizer nada demais. Simplesmente transmiti uma informação. Ele ficou muito bravo, dizendo que era impossível, que aquilo era suco de laranja. Disse para mostrar provas de que aquilo não era suco de laranja. Fiquei pasma porque ele ficou bravo com algo que não precisava ficar bravo. Daí fui para a cozinha e levei um *decopom* para ele e disse que foi com aquilo que preparei o suco. Perguntei se ele não gostava de *decopom*, e que, se não gostasse, da próxima eu faria de laranja e blá-blá-blá. Dei umas desculpas esfarrapadas. Então sabe o que Mando Lee respondeu? "Só porque falei que era laranja você me traz um *decopom* para negar isso! Você ter um *decopom* na mão não é prova suficiente para dizer que o que tem no meu copo é suco de *decopom*!" Fiquei sem palavras. Assim, que motivo eu teria para contar uma mentira dessas? Me senti injustiçada por ser acusada de mentirosa. Daí levei os restos que ficaram na batedeira para mostrar.... se não era casca de *decopom*. Mesmo assim ele não acreditou. Nem que o suco do copo na mão dele saísse de lá e voltasse à forma de *decopom*, ele teria acreditado. Na cabeça desse ser humano, o que ele tomou era suco de laranja e eu ter dito que era *decopom* foi só para tirar sarro dele, essa é a verdade.

Sim, é isso. Ele não teima por não querer admitir que está errado. Isso é a verdade para Mando Lee. No começo, também pensei que ele teimava porque não queria admitir que estava errado na frente de uma pessoa mais nova, mas não era isso. Descobri isso observando a mudança no tom e no olhar de Mando Lee todas as várias vezes que esse tipo de problema se repetia. O fato de que, para esse serzinho, apenas o que ele pensava era a verdade. Fiquei arrepiada. Esse tipo de gente não dá medo?

Sobre aquele caso de plágio. O caso em que questionaram se Mando Lee não teria plagiado um texto que havia sido entregue para um concurso em que ele era jurado. O que fez mudar a opinião da mídia foi o resultado daquele detector de mentiras. Me pergunto se podemos acreditar nisso. Faria sentido usar um detector de mentiras em uma pessoa que consegue transformar *decopom* em laranja?

Não. Não mesmo. Não estou dizendo que Mando Lee cometeu plágio. Sou apenas uma aspirante à escritora. Na posição de alguém que já tem que se preocupar se não irritou Mando Lee por ter deixado o trabalho de assistente, não quero fazer nenhuma afirmação que possa causar problemas. Apesar de não poder negar caso me perguntem se não vi nada. No mínimo, vi provas de que Mando Lee não era um gênio. Eu já disse que não posso contar o que é. A maioria das pessoas que foram assistentes devem ter uma reação parecida com a minha.

Falando nisso, ouvi dizer que a sexta assistente contratada completará um mês logo, logo. É impressionante. Normalmente os assistentes eram expulsos ou se demitiam em uma semana. Ouvi dizer que essa até faz caminhadas com Mando Lee. Sendo que conversar a sós com ele deve dar nos nervos. Ainda mais porque ouvi dizer que ela nem é aspirante a escritora, não é verdade? Sem um bom objetivo é difícil agir assim. Será que os boatos são verdade? Há muitos rumores de que essa assistente se aproximou dele desejando o lugar de esposa dele. Caso não, seria o momento perfeito agora, já que até a filha saiu de casa por causa da faculdade.

Mas por que estou falando essas coisas agora? E que lugar é esse? Lembro até a parte em que estava bebendo em um *pojang-macha* em Jongno... será que isso é um sonho? Ei, qual o seu nome? Você conhece Mando Lee? Você é parecido com meu primeiro amor.



A gota de água que bateu no ombro de Mando Lee voou e pousou na bochecha de Sooah Kim. Logo que entrou em casa, Mando tirou freneticamente as gotas d'água em sua roupa. A cada movimento das mãos dele, o cheiro do álcool, que espetava a ponta do nariz, se espalhava por todos os lados. Sooah recolheu a pasta que Mando havia largado e a pôs no lado da escrivaninha.

— Mundo podre. Todos estão me enganando.

Mando se sentou, largado, no meio da sala de estar. O rosto completamente vermelho e o corpo cambaleando, o cheiro pungente que emanava de seu corpo todo eram claros sinais de que ele estava bêbado.

— Sooah, você não deve saber. A sensação de todos te enganarem. Sabe por que não tiro fotos? Porque até câmeras me enganam. É óbvio que conheço meu rosto melhor que qualquer um. Mas as câmeras transformam meu rosto, fico uma pessoa completamente diferente. Não deve ser a câmera que é estranha, mas a pessoa que tira a foto. Essa pessoa que é o problema. Ela está tentando me enganar.

Sooah se dirigiu para a cozinha. Pôs água na chaleira elétrica e apertou o botão. Pôs duas colheres generosas do chá de mel e limão em uma xícara. O fio grudento que esticava do mel encostou na ponta de seu dedo. A água ferveu em instantes. Por trás de Sooah, o desabafo de Mando se lançou como vapor.

— Foi só uma pessoa... que não me enganou. Uma pessoa que acreditou em cada palavra do jeito que eu dizia. Minha esposa. Minha musa. Minha esposa foi uma pessoa que os deuses enviaram para mim lá de cima. Era uma presença que me inspirava. Minha primeira obra não teve a avaliação merecida. Pessoas tolas não reconheciam o valor real dessa obra. Se não fosse o encorajamento da minha esposa, eu teria desistido de escrever já naquela época. Minha esposa dava tudo de si para me encorajar. Ela não tinha muito talento para escrever, mas pelo menos para me inspirar tinha um talento perfeito. Depois que minha esposa deixou esse mundo, tenho estado sempre solitário. Todos ao meu redor são inimigos. Todos querem me enganar, estão obcecados apenas em tomar o que é meu! Esses trastes que encontrei hoje são a mesma coisa. Estão manchando meu sentimento sincero que deseja o bem das próximas gerações e a melhoria desse mercado.

Sooah lambeu o mel que estava na ponta de seu dedo. Era doce. Despejou a água quente na xícara, pegou uma fatia de limão e pôs na água do chá. Pôs a xícara sobre um pires, foi em direção a Mando Lee, que estava sentado com as costas apoiadas na estante, e sentou-se de frente para ele. Mando observou por um tempo a xícara que Sooah lhe estendeu. Os cantos da boca, que até então estavam tortos e expeliam saliva, se acalmaram e ficaram alinhados. Em um curtíssimo intervalo, Mando foi de um cavaleiro que expunha injustiças a um cavalheiro romântico de meia-idade.

— Foi na faculdade que encontrei minha esposa pela primeira vez. Me formei tarde na faculdade. Servi ao exército, tranquei o curso, juntei dinheiro e aí me atrasei. Foi difícil, mas ainda bem que fiz isso. Senão não teria encontrado minha esposa. Porque ela era oito anos mais nova que eu. Havia vezes que eu passava de um a dois meses comendo e dormindo na sala do

centro acadêmico da faculdade, porque não tinha dinheiro nenhum. Como todos sabiam da minha condição, faziam vista grossa. Um dia, estava escrevendo madrugada adentro quando peguei no sono. Eu tinha que dormir nem que fosse para esquecer a fome. Sonhei que uma mão doce, feita de açúcar, me acariciava. A doçura daquela mão, derretida com o calor do meu corpo, permeou a minha pele. Aquela sensação foi tão vívida! Parecia que tinha até um cheiro adocicado. Depois de despertar feliz, vi que minha esposa estava sentada na frente do sofá onde eu estava dormindo. Havíamos nos esbarrado só uma ou duas vezes, e como ela era uma caloura muito mais nova do que eu, nem éramos próximos. Fora que era uma mulher. No susto, me levantei e me sentei. Minha esposa riu e então me estendeu uma xícara. Uma xícara quentinha, com um cheiro adocicado. Ainda não esqueço aquela voz me dizendo: "É chá de limão e mel". Naquela época, eu não estava conseguindo escrever nada direito. Mas depois que bebi o chá de limão e mel que minha esposa me deu, eu conseguia escrever tão facilmente. Na época em que estava escrevendo minha primeira obra, eu bebia como água o chá de limão e mel que minha esposa preparava do zero. Ela brincou que a vida dela acabaria com ela ainda fazendo chá de mel e limão para mim. Daí eu disse para ela me dar a vida dela. E assim aconteceu. Minha esposa deu a vida dela para mim.

A mão de Mando se sobrepôs à mão de Sooah que segurava a xícara.

— Sooah, você faria chá de limão e mel para mim daqui para frente?

Sooah sorriu, Mando riu. Ele pegou a xícara da mão de Sooah. A garganta dele se mexeu lentamente.

— Por hoje, irei para casa.

— Está bem, bom trabalho. Não se esqueça que, a partir de amanhã, sua vida é minha.

— Claro.

Sooah se moveu vagarosamente. Deu as costas para Mando, foi para o quartinho, pegou a bolsa e saiu. Pôs os sapatos, girou a maçaneta da porta de casa e foi embora. Mesmo enquanto descia de elevador, ficou com os lábios

cerrados. Desejava o silêncio até que a alegria em seu corpo fervesse a ponto de explodir. Depois de descer do elevador e sair pela porta do prédio, o que atingiu os tímpanos de Sooah foi o som da chuva. Aquele som, que parecia engolir todos os outros sons em volta, inesperadamente trazia um silêncio.

Sooah andou em direção à chuva. Em instantes, sentiu a umidade, ficando molhada da cabeça aos pés. Conforme distanciava-se da casa de Mando Lee, sua roupa ficava mais e mais encharcada e, quando o tecido grudou em seu corpo, Sooah riu. No instante em que aquele ar saiu pelos seus lábios como um gemido, fazendo "haaa", já não conseguia mais aguentar. Correu pela chuva. Corria e girava, com os braços completamente abertos. Girava como se estivesse dançando.

— É isso aí! Minha vida é sua. Leve tudo para você!

Sooah voltou para casa molhada de chuva. Dez da noite. Faltavam oito horas até ser decidido se as frases que seguiram a introdução teriam criado uma história que fizesse sentido, se conseguiria pôr um ponto-final. Parecia que jamais poderia dormir nessas oito horas. Tomou um banho. Enquanto tomava banho, subitamente apalpou diversas partes de seu corpo. Não era de todo apegada a ele, mas sentia certa culpa. Era um corpo que nunca havia descansado direito na vida. Secando o corpo com a toalha depois do banho, Sooah olhou para seu rosto no espelho embaçado do banheiro. Ao passar a mão no espelho, o meio de seu rosto refletido se distorceu como em um redemoinho.

Você é a ganância em pessoa, minha cliente.

Lembrou do que Loki lhe havia dito no Restaurante Copycat.



— Faz tempo que um humano não enxerga meu rosto como uma fumaça preta.

Sooah Kim não conseguia tirar os olhos de Loki. Aquela presença do outro lado do balcão, preta e sem forma, parecendo uma fumaça densa. O Loki que

Sooah enxergava não era humano. A presença de Loki era inigualavelmente estranha, a ponto de sequer reparar na iluminação com as cores da aurora nem na estante em espiral.

— Quando alguém me enxerga como uma fumaça preta, é porque a fonte da qual o cliente quer receber reconhecimento não é uma pessoa. Você, minha cliente, quer que o desejo te reconheça.

— Mas todos que vêm para esse estabelecimento devem vir com algum desejo.

— Ter desejos e querer que o desejo te reconheça são coisas diferentes. Imagina que tem um gerador hidrelétrico. O objetivo é fazer o gerador funcionar. A força da água necessária para fazer o gerador funcionar, isso é desejo. Para que haja força da água, a água precisa cair. Quanto mais alto, melhor a água deverá cair. Por isso se tenta ir para um lugar mais alto, roubando a vida de outra pessoa. Mas para você o gerador pouco importa. Para você o importante é a água em si. Curioso. Qual seria esse desejo, forte assim?

O olhar de Sooah foi de Loki para as próprias unhas. Unhas rachadas de tão compridas, ásperas de tão ressecadas. Unhas que pareciam uma planta que havia secado até a morte por não receber nutrientes suficientes. Quando havia sido a última vez em que havia dormido direito? Se o único jeito de recuperar seu cotidiano, o mesmo em que pudesse dormir e comer, era afundar na água, que outra saída teria senão caminhar para dentro da água, mesmo sabendo que não poderia mais voltar?

— Eu tive minha vida roubada.

Sooah contou daqueles tempos em que sua vida girava sem rumo, dando voltas e voltas. De quando havia enviado seu texto para o concurso. E, depois, de quando havia esquecido daquilo por um tempo. Que havia pensado que tinha sido desqualificada, já que não a haviam chamado. Que havia esperado a nova obra de Mando Lee com o coração acelerado. Que ficara chocada ao ver o drama, sentindo que seu coração havia afundado. Contou tudo, incluindo o momento em que havia postado o texto na internet, depois de pensar e sofrer

por vários dias.

— De fala igual, teve apenas uma linha. O enredo e o perfil de cada personagem eram todos diferentes. Havia mudado as coisas ardilosamente, de forma que ninguém, a não ser a autora pudesse reconhecer. Foi em um nível que ele trocou o dono de um restaurante por um dono de uma loja de ferragens. Depois de postar o texto na internet, por alguns dias todos agiram como se estivessem do meu lado. Mas, depois que o programa do detector de mentiras com Mando Lee foi ao ar e um ator que estrelou o drama postou uma foto com ele, dizendo que acredita nele, o clima mudou. Não havia mais ninguém do meu lado. Pouco tempo atrás, saiu o primeiro veredito, e eu perdi. Mando me processou por calúnia, e a multa foi de quatro milhões de wons.

Lembrou-se então da primeira vez em que subira na ponte. Depois do trabalho, voltara para casa e assistira à TV, sem nenhum pensamento. Não queria fazer nada, então assistia dramas durante a madrugada toda.

— Não, não importava o drama que eu via. Não me animava. Minha vida girava completamente em torno de dramas. Eu só aguentava aquilo porque vivia sonhando comos finais felizes nos dramas. Mando Lee roubou essa minha felicidade. Essa vida não vai voltar mais.

Então queria roubar a vida de Mando Lee, de um jeito ou de outro. Para devolver o desespero na mesma moeda.

— É um caso interessante. Devo investigar um pouco sobre seu alvo também. Um humano que rouba vidas de outros sem nem ter um pacto. Às vezes, humanos são mais capazes do que demônios.

Sooah viu a fumaça preta balançar do outro lado do balcão. Observando seu desejo de rir, ela franziu com firmeza a testa.



Sooah Kim saiu do banheiro e se trocou. Apagou todas as luzes da casa e acendeu uma vela. Sentou-se na cama e observou a chama se mexendo. Quando

a vela terminasse de queimar, a madrugada teria chegado. Ainda não havia fechado todos os dedos da mão esquerda. Quando desse seis da madrugada, iria para frente do Restaurante Copycat, naquela viela de Jongno. Daquela vez, iria abrir a porta e entrar. Contaria a receita da alma e beberia o chá de limão e mel que Loki lhe daria.

Portanto, aquela escuridão era o velório de Sooah Kim, feito por Sooah Kim.



“Sobre Mando Lee”, entrevistas com pessoas próximas 3

_filha de Mando Lee

Não quero falar sobre meu pai. Se não gosto dele? Jamais. Odeio. Por causa do meu pai, meu mundo está todo distorcido. Se meu pai não cuida bem de mim? Papai coruja? É mentira. Não. Para o meu pai, não é mentira. Meu pai acredita que me ama. Mas não houve uma vez sequer em que conversou me olhando nos olhos, me abraçou ou fez algo do tipo. Não se preocupava se eu voltava tarde da noite nem se interessava em saber se eu havia comido ou não. Apesar de na frente de outras pessoas ligar para mim, falando que estava preocupado, que me amava. Ele sabe como deve agir para que o que ele acredita ser verdade se torne o que os outros também acreditam como verdade.

Se eu não gosto do meu pai porque não recebi amor? Jamais. Estou tranquila, quer meu pai me ame ou não. Pelo contrário, ainda bem que não me ama. Porque eu teria sofrido mais ainda. Eu não teria nem como odiar meu pai à vontade.

O motivo de eu odiar meu pai? É porque a verdade ficou bagunçada por causa dele. O que ele considera como verdade? Não. Acho que devo primeiro perguntar se você acredita que haja uma verdade absoluta nesse mundo. As pessoas confundem às vezes. Que há uma verdade absoluta. Isso não existe. Já que cada um enxerga os fatos de seu ponto de vista, existe apenas a verdade da pessoa.

Vou te dar um exemplo. Imagine uma garota de cinco anos. Essa garota vê seus pais escrevendo todos os dias. Nunca viu os textos que seu pai escrevia, mas via todo dia os textos que sua mãe escrevia. Porque a mãe cuidava da criança. Para a criança, o pai não era nada mais, nada menos que uma pessoa assustadora, que ficava enfurnada em seu quarto e só gritava. Para a criança, sua mãe era o mundo todo. Naquele momento, a verdade era justamente a mãe. A criança aprendeu a ler rapidamente graças à mãe. Mesmo os textos difíceis da mãe, ela conseguia ler uma ou duas linhas, de pouco em pouco.

Um dia, o mundo da criança desaparece. Quando acorda, dizem que a mãe dela morreu. A criança já sabia o que era morte naquela época. Que aquilo significava que nunca mais poderia encontrá-la. A criança não conseguia entender o porquê de sua mãe, que havia dado um beijo em sua bochecha antes de sair, dizendo que iria encontrar a vovó, tinha morrido. Ficava confusa até mesmo sobre ser verdade ou não que sua mãe estava morta. Seu pai não contava nada para ela.

Um ano depois, o texto que seu pai escreveu se tornou um drama e apareceu na TV. Todos elogiaram o pai. Além disso, o pai já não ficava mais enfurnado no quarto. A criança, sozinha em casa, assistiu o drama. Ficou chocada com aquilo. As frases que a criança lia nos textos da mãe estavam aparecendo todas na TV. Aquilo era o texto de sua mãe. Mas todo mundo dizia que o texto era do pai dela. A criança perguntou para o pai: "Por que falou que o texto da mamãe era do papai?". Ao que o pai não respondeu. A criança cresceu com o mundo distorcido. Percebeu que o pai era uma pessoa estranha. Uma pessoa que criava o próprio mundo e forçava a própria verdade. Então o pai da criança... era uma pessoa capaz de matar a esposa para realizar o próprio desejo e depois acreditar que não havia sido ele o culpado. Tudo isso é um exemplo. Porque não há prova em lugar nenhum de que isso aconteceu. A criança suspeita. Será que, talvez, seu pai teria roubado o texto de sua mãe? Será que, para roubar o texto da mãe, seu pai a matara? Não há como apagar a suspeita.

Será que a suspeita da criança é verdade? Ou não? Quem pode responder? Quer dizer que é verdade que você é um demônio? Pessoa engraçada. Está bem. Talvez seja. De qualquer forma, como você parece a minha mãe, parece que, pelo menos, dirá coisas próximas da verdade para mim. Se você é mesmo um demônio, por que não leva meu pai? Vai saber... Talvez mude alguma coisa se ele der uma voltinha pelo inferno.

O inferno do meu pai? Sei lá. Como é uma pessoa que considera como um inferno a época de escritor sem nome, tornar-se uma pessoa comum, que ninguém reconhece. Não seria esse o maior inferno para ele?

Por meu pai ser uma pessoa assim, eu passei a duvidar de tudo e ao mesmo tempo acreditar em tudo. Que você é um demônio? Acredito. Essa deve ser sua verdade. Porém, ao mesmo tempo, suspeito que você possa ser uma pessoa com mitomania. Os casos de plágio do meu pai também. Que meu pai não cometeu plágio? No mundo do meu pai aquilo deve ser verdade. A aspirante a escritora que expôs o caso. Ela afirmar que foi plagiada? Aquilo também é verdade. Na posição dela. Se não penso que meu pai normalmente está mentindo, já que conheço as tendências dele? É que meu pai é uma pessoa que acredita facilmente que mentiras são verdades. Então, veja bem. Onde há a certeza de que essa aspirante a escritora não é uma pessoa parecida com meu pai?

O que você acha? Consegue acreditar que tudo que disse é verdade?

Não existe verdade. Não existe em lugar algum.



— Claro, tudo bem. Fui teimoso demais, acabei prejudicando o estúdio. Sim. Iremos prosseguir com o Estúdio Harim como planejado, deixo em suas mãos, diretor. Já que talvez essa seja minha última obra antes de me aposentar.

— Não, como assim "aposentar"? Escritor Lee, do que está falando? O público também tem uma visão positiva sobre o senhor. Aquela vez que o

senhor deu entrevista, dizendo que era necessário mudar os costumes desse meio pelo bem das futuras gerações, teve uma boa reação. O assunto mais delicado para as pessoas com seus vinte ou trinta e poucos anos é justiça.

Era possível sentir o desespero na voz do outro lado do celular. Sooah Kim se apoiou no encosto da cadeira e deu uma volta. No instante em que viu sua silhueta refletida na janela da varanda, se assustou com a aparência diferente e então fixou o olhar na janela, com o celular ainda encostado na orelha. Um mês desde que havia roubado a vida de Mando Lee. Sooah ainda estava se adaptando. Em um corpo de outro sexo daquele em que vivera por trinta e seis anos, em uma casa enorme que tinha banheira, em uma vida em que não precisava se preocupar com aluguel ou custo de vida, em que as pessoas a chamavam de "professor". Como as comodidades haviam aumentado mais que os incômodos, não era difícil se adaptar.

— Não. Não é por isso. Simplesmente penso se não está na hora de eu descansar.

— Por acaso é por conta daquela mulher louca que vive aparecendo aí? A mulher que era sua assistente ainda vai? Não, mas... Essa mulher tinha que teimar com algo que faça sentido. Não é nem como se o senhor já tivesse falecido, mas ela insiste em dizer que ela é Mando Lee. Ouvi dizer que essa mulher era aquela lá, que até te processou dizendo que o senhor plagiou o texto dela, não? Naquela época, já achei estranho. A segunda instância ainda não saiu, né? Com esses acontecimentos de agora, a vitória deve estar garantida. Essa mulher deveria ir a um psiquiatra. Ouvi dizer que foi ao seu apartamento todos os dias durante um mês e fez o maior escândalo. Ainda é assim? Não seria melhor o senhor agir com firmeza?

— Não. Hoje ela não veio.

Sooah lembrou de Mando se debatendo na entrada do prédio. Parecia que ele não estava conseguindo se adaptar facilmente. O cabelo estava empelotado de sebo e suas roupas, sujas. Vendo a cena, Sooah só fez tsc, tsc. Ela havia deixado as roupas lavadas e o cartão sobre a mesa, para que fosse fácil de

encontrar. Com tamanha consideração, ele devia perceber logo a realidade e se adaptar. O que era aquilo? Ver aquele corpo, que fora dela por tanto tempo, vestido daquele jeito imundo, sendo arrastado para fora pelos seguranças, não fora lá muito agradável.

— Ainda bem. Pelo visto, finalmente voltou a si.

— Não seria que ela se deu conta de que morreria de fome se continuasse apenas vindo aqui todos os dias fazer baderna?

Sooah se levantou da cadeira. Atravessou a sala e foi para a cozinha. Pôs o chá de limão e mel na xícara e despejou água quente. O pote de chá de limão e mel, que estava cheio, agora mostrava o fundo.

— Se também não é por causa dessa mulher, então por que está falando de se aposentar? Me assustou.

— É porque estou pensando em viver minha segunda vida.

Sooah desligou, então levantou a xícara. *Se me tornar uma escritora*. Agora não precisava mais pensar nessas coisas. Pois já era uma escritora. Antes mesmo de roubar a vida de Mando Lee, muito antes disso, Sooah Kim era uma escritora.

Não precisarei mais fazer chá de limão e mel.

* *Pojang-macha* é uma barraca montada por ambulantes, onde se vende bebidas e aperitivos. Típico elemento visual de cidades coreanas.

* Fruta cítrica sem sementes, resultante da mistura entre as variantes kiyomi e ponkan, muito semelhante à tangerina.

O *chapagetti** da reviravolta

* Macarrão instantâneo sabor *jajangmyeon*, um macarrão servido com molho de soja fermentada.

— Cliente, se você comer isso, o pacto entra em vigor. Quer mesmo fazer o *Transfer* com essa pessoa?

Bada Seo observou o prato à sua frente. O que estava naquele prato luxuoso era *chapagetti*. Aquele *chapagetti* instantâneo, fácil de encontrar em qualquer lugar.

— Um demônio que se preocupa até com o outro lado do pacto. Que demônio mais bonzinho.

— Porque é a primeira vez que vejo um caso assim.

— Como assim? Só porque o alvo está em estágio quatro de câncer no pâncreas e vai morrer em breve?

— É que a possibilidade de aplicar o prazo de devolução pode virar um problema. Se mesmo assim você quiser, podemos criar um adendo e pôr em vigor. Mas estou curioso sobre o motivo de querer roubar uma vida que não te trará nenhum benefício.

Bada riu. Era uma risada pura, como o rosto que ainda mostrava resquícios joviais de alguém que acabara de sair do túnel da adolescência. Enquanto brincava com as pontas do garfo prateado, que estava ao lado do prato de *chapagetti*, Bada disse sem hesitar.

— Por amor.

Amor. Amor. O bendito amor.

Se não fosse isso, os absurdos do que acontece e não devia acontecer jamais existiria.



Dezembro tem que ser um mês bom na medida certa. Como é no final do ano, tem que ser um mês animado, no qual se finaliza as coisas. Um mês em que, mesmo que se tenha a triste sensação de que não se conquistou nada naquele ano, haverá bebedeiras e eventos para comemorar. Um mês em que, mesmo na loucura do trabalho, é possível mergulhar por um instante nos pensamentos

sobre o que se fará no Natal.

Jinhyuk Choi também desejava um dezembro assim. Pelo menos até receber o diagnóstico de câncer no pâncreas em estágio três. Impossível de operar. E mesmo com quimioterapia, as chances de sobrevivência eram menos de 15%. Porém, como ainda era jovem, tinha que tentar mesmo assim. "Mesmo assim", uma expressão que deixara Jinhyuk em desespero. Em outras palavras, se Jinhyuk não fosse jovem, era provável que sequer tivessem lhe sugerido a quimioterapia. Se arrependeu das vezes que havia deixado passar mesmo aquelas dores terríveis no abdômen, dizendo que era porque havia bebido demais ou comido algo apimentado. Ao ouvir o médico declarar que ele precisava passar por uma internação imediata, Jinhyuk disse que iria para casa pensar. E o médico complementou, dizendo que, como o câncer no pâncreas se espalhava rapidamente, não deveria enrolar. Jinhyuk voltou para casa e pesquisou sobre câncer de pâncreas. Mesmo tendo sucesso na quimioterapia, as chances de recorrência em cinco anos eram maiores que 50%, e, caso evoluisse para estágio quatro, as chances de sobrevivência eram de 10%. Porém, o que mais assustou Jinhyuk foram os relatos dos familiares de pessoas que haviam lutado contra o câncer de pâncreas. Os blogs pessoais e relatos postados em comunidades online mostravam de forma nua e crua que ele não conseguiria mais levar uma vida como a que tinha até então. Jinhyuk ficou ainda mais desesperado. Revirou a internet, vez após vez, questionando-se se não haveria possibilidade de o diagnóstico do hospital ter sido errado, ou se não haveria um método para melhorar milagrosamente.

O que é isso? Restaurante Copycat? Um restaurante que te possibilita roubar a vida de outra pessoa. Surge no número 108.5 no bairro Inseok, no distrito de Jongno, e apenas pessoas que desejam roubar a vida de outra pessoa conseguem encontrá-lo. Que época é essa em que estamos para uma história de terror fajuta dessas ainda está circulando? Nem tenho tempo, li para nada.

Mesmo reclamando, leu todo o texto que aparecia no monitor. Queria viver. Mesmo roubando o corpo de uma pessoa saudável, queria viver.

Mas, se me tornar outra pessoa, eu teria que viver como familiar de pessoas que nunca vi na vida. O ambiente também mudaria completamente. Se roubasse a vida de alguém que vive melhor do que eu, até que não ligaria para esses detalhes, mas quais as chances de isso acontecer?

Contudo, Jinhyuk não queria desistir da própria vida. Das muitas coisas que usufruíra por ter nascido em uma família da classe média. Todas as coisas das quais reclamava de não conseguir usufruir melhor porque não havia nascido na classe alta agora lhe pareciam muito preciosas.

Normalmente em filmes também, nessas horas, o que vive bem troca de lugar com um que vive mal. Todos concordariam que sou o que vive bem. Riqueza dos meus pais, o apartamento e a loja que vou herdar, como poderia deixar alguém totalmente alheio a mim pegar tudo isso para si vestindo meu corpo?

Jinhyuk balançou a cabeça e apertou o botão de voltar no navegador. Saindo daquela breve imaginação, a realidade se aproximou ainda mais duramente. Estava preocupado como contaria aquilo para seus pais naquele momento. O que deveria fazer em relação à empresa, se deveria mesmo se internar etc. O câncer era uma dura realidade e havia uma pilha de coisas para decidir, mas essas coisas não lhe vinham com um senso de realidade. Não conseguia se imaginar deitado como os pacientes internados para tratamento.

— Filho, vem jantar.

Escutou a voz da mãe vindo pela porta do quarto. Era uma voz alegre, como se cantasse. A mãe de Jinhyuk Choi o amava tanto que era capaz até de fingir morrer se ele pedisse, já que o nascimento do filho havia dado um fim aos maus tratos de seus sogros, que já duravam seis anos. A família dos pais de Jinhyuk ficara rica de repente depois da valorização do terreno que tinham nos arredores de Seul e, desde os tempos de seu tataravô, criava e forçava o cumprimento de todo tipo de regra, afirmando que “a família dos Choi é uma família de nobres por gerações”. E “ter um filho para continuar a linhagem” era, obviamente, a regra número um. A avó de Jinhyuk maltratava a nora usando a riqueza como isca. Até mesmo a mãe de Jinhyuk, que ria pelo nariz dizendo que

ninguém seguiria essas regras insignificantes, acabara aderindo completamente a elas depois de seis anos de maus tratos. Não havia dúvidas sobre a importância do papel desempenhado pelo pai de Jinhyuk, que mesmo dizendo respeitar a vontade da esposa, sequer tentava impedir que sua mãe ligasse para ela mais de dez vezes por dia. O mais recente desejo dos pais de Jinhyuk Choi, que receberam uma generosa quantia pelo nascimento dele, era que ele se casasse o quanto antes para lhes dar um netinho.

— Fiz um *bulgogi** porque meu filhinho veio mais cedo, por algum motivo.

Sentou-se à mesa e, olhando para seus pais, Jinhyuk pensou. Como deveria tocar no assunto? Se descobrirem que ele estava com câncer, seus pais poderiam até desmaiar. Será que conseguiria aguentar os prantos de seus pais, sendo que não estava conseguindo lidar nem com a própria tristeza? Jinhyuk ficou remexendo o *bulgogi* que sua mãe pôs sobre seu arroz.

— Pai, mãe. Se por um acaso... se eu pegasse alguma doença mortal, tipo, câncer... o que vocês fariam?

Acabou precisando por a rede de segurança do "se por um acaso" para introduzir o assunto sutilmente.

— Câncer? Doença mortal? Que tipo de pergunta azarada é essa? — perguntou o pai, fechando a cara e pondo a colher sobre a mesa. Sua mãe lhe deu um tapa no ombro.

— Mas você também, querido. Para que fechar a cara assim sendo que ele só está brincando? Mesmo assim, filho, não diga coisas como essa nem de brincadeira. O coração da mamãe despenca.

— Não, é que... o pessoal do trabalho tocou no assunto sobre ressentimentos se algo do tipo acontecesse. É que está na moda esses dias. Escrever testamento e tal. Daí fiquei curioso sobre o que vocês pensam também.

Jinhyuk pôs o *bulgogi* na boca e murmurou uma desculpa qualquer.

— Para que jovens estão escrevendo testamentos? Realmente, a juventude

de hoje é estranha. Se um filho meu estivesse com uma doença mortal, eu não pensaria em ressentimentos. Mamãe não tem nada disso.

Como esperado de sua mãe. Jinhyuk ficou comovido, mas esse sentimento não durou nem um minuto.

— Eu teria — disse o pai, solene e firme. — Pelo casamento, claro. Se meu único filho não se casa, não me dá um neto e deixa o mundo, quem vai continuar a linhagem dos Choi?

— Casar? Mesmo estando com uma doença terminal? Quem casaria com um homem assim? Além de tudo, se eu estivesse casado, vocês teriam que cuidar da minha esposa viúva.

Jinhyuk pensou que seu pai estava brincando.

— Claro que sim! É preciso ter um filho. Não, não precisa que seja filho. Filha também está tudo bem. Hoje em dia mulheres também passam seu sobrenome para os filhos e tal. De qualquer modo, é só engravidar. Mesmo que você morra, a gente dá a herança da família para ela e, se a nossa nora quiser, viverá feliz conosco.

Porém, com aquelas palavras Jinhyuk entendeu que seu pai estava falando a mais pura verdade. O seu apetite, que já era pouquíssimo, foi para zero. O *bulgogi* que estava mastigando agora parecia areia.

Ele pensa em casamento mesmo se o único filho estiver com uma doença terminal? Sabia que o papai considerava importante dar continuidade à linhagem, mas não sabia que seria a esse ponto.

Baseado naquela reação, caso contasse que estava com câncer, parecia que os pais o fariam casar nem que fosse por contrato. Mesmo assim, ele jamais faria isso, nem obrigado. Jinhyuk revirou o arroz com a ponta dos palitos.

Só a mulher que casaria comigo se daria bem. Eu morro de forma dolorosa e ela, só porque está grávida de mim, receberia a herança e viveria feliz e alegre.

Os palitos pararam. Jinhyuk ficou ali parado, piscando, com os palitos na mão.

— Filho, o que foi? — perguntou a mãe.

— Por que parou de comer e está com essa cara? — acrescentou o pai.

A voz de seus pais batia nas curvas da orelha de Jinhyuk Choi e caíam na mesa, uma vez que ele estava tomado pelo pensamento que lhe veio à cabeça.

Havia, sim, um jeito de manter sua vida atual mesmo roubando a vida de outra pessoa.



Um refrigerante em lata com um bilhete grudado foi posto sobre o caixa. Jinhyuk Choi observou Bada Seo pegar a lata e ler o código de barras. Observava cada detalhe com um olhar apaixonado. Os olhos com finas pálpebras duplas no rosto sem maquiagem, o cabelo preto amarrado descendo até a altura do ombro, as mãos magras com veias visíveis.

— Deu mil e duzentos wons.

Jinhyuk tirou de sua carteira uma nota de mil wons e duas moedas de cem wons e estendeu para Bada. Já fazia um mês desde que começara a andar com dinheiro em espécie para aquele momento. Para que, pelo menos uma vez, sua mão esbarrasse na mão dela.

— A bebida fica para você, Bada.

Naquele breve intervalo, o texto no bilhete ficou com um canto borrado por causa da água que condensara sobre a lata. Antes que todas as palavras — "Gosto de você" — ficassem borradas, Jinhyuk se virou e saiu da loja de conveniência.

— Entregou hoje também? — perguntou Minsu Kim, seu colega do mesmo setor, que estava fumando do lado de fora. Jinhyuk fez que sim com a cabeça e Minsu apagou seu cigarro, soltando tsc, tsc.

— É sério isso? Você gosta mesmo dela?

— É verdade. Mas ela não abre o coração. Não aceita flores nem presentes. Mesmo quando falo que fico preocupado de o trabalho dela terminar tarde e que daria carona, ela finge que nem me ouviu. É uma mulher difícil mesmo.

Jinhyuk Choi, do time de planejamento, estava apaixonado pela funcionária de meio período da loja de conveniência no térreo do prédio da empresa. Era o boato que havia se espalhado pela empresa inteira em menos de um mês. Jinhyuk não negava os boatos. Pelo contrário, continuava apenas aumentando seus gestos de cortejo em direção a Bada Seo.

— Ela é conhecida por não ter *aegyo*.* Do que tanto gosta nela, afinal? Tirando o fato de ser bem nova, ela é bem normal. Honestamente, não chega ao nosso nível.

— Que nível o quê? É uma garota dedicada.

— Deve ser dedicada, sem dúvidas. Já que deve ter uma vida em que não conseguiria viver se não se dedicasse. Ela é uma completa colher de barro,* né?! Ouvi dizer que até a faculdade que ela faz é uma qualquer aí. Pelo menos trancou o curso por agora.

A voz alta de Minsu Kim ecoou pelo saguão da empresa. As pessoas ao redor, que já haviam almoçado e estavam juntas em grupos de três ou cinco, aproveitando o momento do cafezinho, olharam brevemente na direção aos dois. Jinhyuk bateu de leve, tuc, no ombro de Minsu.

— Para com isso. Não existe essa coisa de nível entre pessoas. Meu sentimento é verdadeiro.

Era verdadeiro. Haveria algo tão verdadeiro quanto aquele sentimento desesperado? Por mais que Minsu não dissesse nada, Jinhyuk já sabia tudo sobre Bada. Vinte e dois anos, no segundo ano da faculdade, mas trancara o curso. Crescera em um orfanato e agora vivia sozinha em um apartamento de um cômodo no bairro Daerim. Das sete da manhã às duas da tarde, trabalhava meio período em um restaurante de massas de uma estação de metrô, e das quatro da tarde às onze da noite trabalhava na loja de conveniência. Até aquele momento, namorara três homens e o tempo de namoro fora em média de três meses, nada longo.

— Por quê, afinal? O que viu nela?

— Tudo é perfeito.

Jinhyuk lembrou da primeira vez que vira Bada. Fora um mês antes, no dia em que finalmente encontrara o número 108.5, que não aparecia em mapa nenhum, depois de várias madrugadas seguidas perambulando pela altura do número 108.5 no bairro Ikseon. Aquele restaurante surgira à sua frente como uma miragem. Jinhyuk ouvira com atenção absoluta o que Loki dissera, como um vestibulando escuta a aula de um professor super detalhista. Então saíra sem tocar na *welcome food*. Assim, poderia ver o Restaurante Copycat apenas mais uma vez após aquele dia.

Desde então passara a matutar. Mesmo em meio ao trabalho, sua cabeça estava tão cheia com aquele pensamento que não conseguia se concentrar. Enfim, não conseguiu terminar um relatório e teve que fazer hora extra. Olhando para o monitor até às nove da noite, ficou com sono e com fome. Riu, inconformado. Como sempre, se ficasse sem dormir, ficava com sono, e se não comesse, ficava com fome. A questão era que naquele corpo agora cresciam células cancerosas. Depois de seu diagnóstico de câncer no pâncreas, não tivera nenhum outro sintoma em específico fora algumas dores abdominais, o que o impedia ainda mais de ter uma noção verdadeira da situação. Sentia-se até mesmo frustrado, pois caso houvesse algum sintoma gritante, teria mais chances de procurar outras formas de controlá-lo.

Aquele emaranhado de incertezas poderia explodir a qualquer momento, vivendo como parasita em seu corpo. Por isso, Jinhyuk queria reduzir a níveis mínimos a incerteza sobre todas as outras coisas.

O problema que o deixava matutando uma solução era este: a incerteza.

A pessoa de quem o *Copycat* roubou a vida. O problema estava na cláusula que dizia que, se essa pessoa encontrasse o Restaurante Copycat dentro de um mês, o pacto seria revertido e as pessoas cujas almas foram trocadas voltariam para seus respectivos lugares. Se, depois de roubar um corpo saudável, voltasse para o corpo repleto de células cancerosas espalhadas, seria quase que literalmente estar no inferno.

Precisava encontrar uma forma de eliminar essa incerteza.

A única chance que obteve por não ter consumido a *welcome food*. Precisava preparar tudo perfeitamente antes de fazer uso de tal chance. Assim como um plano de investimento analisado minuciosamente, do início ao fim, ele precisava criar uma estratégia para aquilo.

Eram quase onze e meia quando terminou o relatório de qualquer jeito. Estava indo para o estacionamento quando pensou em, pelo menos, tomar uma caixinha de leite de soja, então mudou seu curso para a loja de conveniência. Do lado de fora, uma mulher estava sentada junto a uma mesa dobrável, bebendo. A imagem do perfil da mulher observando o céu, com uma expressão vazia e uma lata de cerveja à sua frente, parecia triste e solitária.

— Não preciso de ninguém para me apoiar. Vou conseguir sozinha, de uma forma ou de outra.

O monólogo da mulher voou e penetrou os ouvidos de Jinhyuk, que entrou na loja de conveniência, pegou uma caixinha de leite de soja e parou em frente ao caixa. A mulher foi para dentro da loja de conveniência. Jinhyuk olhou para o crachá que estava no peito dela. Bada Seo. No rosto daquela mulher pouco amigável, Jinhyuk lembrou de um cachorro que encontrou quando criança. Era um cachorro de rua. Depois que lhe jogou o pão que estava comendo, ele passou a segui-lo onde quer que fosse. Mesmo quando, de saco cheio, jogou pedras contra o animal, continuava a segui-lo. Aquela lealdade incondicional. Jinhyuk segurou firme a caixinha do leite de soja e saiu da loja de conveniência.

É isso. É exatamente isso.

No dia seguinte, Jinhyuk contratou um investigador para descobrir mais sobre Bada Seo. O investigador enviou um documento com o título “Arquivo Bada Seo”, com a vida de Bada em cinco folhas A4. Quanto mais lia do arquivo, mais Jinhyuk teve certeza de que Bada seria essencial.

O problema era que Bada não parecia dar nenhum sinal de que estaria caindo em suas investidas.

Já deu um mês. Não posso enrolar mais que isso.

Até o momento não havia maiores sintomas, mas ele não sabia quando viriam as dores extremas. Ninguém conseguia prever quanto tempo demorava até que um câncer avançasse para o estágio quatro. Voltou para o escritório, sentou-se em seu lugar e deu mais uma olhada no "Arquivo Bada Seo". O programa de mensagens da empresa tocou.

Jinhyuk Choi, sua análise de risco não está no sistema.

Ignorou. Na situação em que se encontrava, podendo assumir um risco sem volta caso não analisasse Bada, as coisas do trabalho não eram importantes.

Então quer dizer que todo domingo ela vai para um orfanato fazer serviço voluntário. Será que exploro essa parte?

Jinhyuk pesquisou por um portal da internet o nome do orfanato onde Bada fazia trabalho voluntário. No fórum, havia um comunicado dizendo que estavam aceitando voluntários. Vieram à mente dele cenas de dramas mostrando serviço voluntário. As crianças ficavam reunidas em um jardim e os voluntários assavam carne para distribuir. Era uma festa de churrasco. Uma mulher que crescera no orfanato via o homem que fora até ali para fazer serviço voluntário. Passava a vê-lo com bons olhos ao observá-lo falar com as crianças, dizendo para comerem bastante, dando tapinhas nos ombros delas. Daí em diante, era o começo de uma verdadeira comédia romântica.

É um método razoável. Um encontro disfarçado de acaso. Mulheres na casa dos vinte costumam se atrair por coisas assim.

Jinhyuk comentou na postagem do comunicado, se inscrevendo.



Domingo de manhã. Jinhyuk Choi pôs as carnes e as frutas no carro e foi para o orfanato.

— Seja bem-vindo. O serviço voluntário consiste em faxina e lavagem de roupas. Estávamos preocupados porque havia só um voluntário, então

agradecemos por vir. Depois que passa o Natal, os voluntários diminuem de repente.

A funcionária do orfanato, recebendo Jinhyuk, lhe estendeu um avental.

— Limpeza? Vim para entreter as crianças. Olhe aqui, até comprei carne.

— Nós cuidamos de crianças pequenas. Como é um lugar que cuida de crianças abaixo dos cinco anos, estamos limitando os serviços voluntários que tenham contato com as crianças a apenas aqueles que fizeram mais de um ano de serviço voluntário. Isso porque tivemos alguns acidentes antes. Estava escrito no comunicado do fórum, então creio que você não tenha conseguido verificar.

Não estava contente, mas não tinha jeito. Jinhyuk pegou o avental e seguiu a funcionária. Estava olhando ao redor e enxergou o interior de uma sala através de uma janela do corredor. Na sala, onde três ou quatro pessoas estavam cuidando das crianças, estava Bada. Ao ver Bada rindo alegremente, com uma criança que parecia ter um ou dois anos em seu colo, Jinhyuk sentiu que sua escolha não estava errada.

Quanto mais o cachorro abandonado rosna, mais ele tem fome de afeto.

Sobre os dados de Bada Seo, a análise estava completa. Sabia o tipo de história que a comovia, até mesmo o tipo de expressão facial e olhar fariam seu coração estremecer. Bastava apenas conseguir se sentar para conversar a sós com ela, olhando-a nos olhos.

— Ouvi dizer que havia mais uma voluntária além de mim — disse Jinhyuk à funcionária, depois de ficar virando a cabeça para olhar para trás várias vezes. Estava lá para se aproximar de Bada enquanto faziam serviço voluntário juntos, porém, daquele jeito, parecia que sequer iriam se ver.

— Como ela faz serviço voluntário há bastante tempo, ela está cuidando das crianças — falou a funcionária, abrindo a porta da lavanderia.

Qual é?! Então está fora do meu plano. Será que simplesmente vou embora?

A funcionária perguntou para Jinhyuk, que estava franzindo a testa:

— Você por acaso conhece a Bada Seo? Você veio por indicação dela?

— Não foi por uma indicação que vim. É que nossos trabalhos são próximos, então nos conhecemos.

— Entendi. Então quer almoçar junto com a Bada Seo? É que ela sempre come sozinha na copa.

— Sim! Vou fazer assim.

Não podia deixar passar a chance de estar a sós com Bada. Em silêncio, Jinhyuk virou as roupas do avesso e as pôs na máquina de lavar. Pegando com as pontas dos dedos uma calça que estava suja de fezes, ele fez uma careta exagerada.

Aguenta. Hoje é a vitória. Os planos não podem atrasar mais que isso.

Naquele dia, Bada Seo iria se apaixonar. Ele faria com que fosse assim. Torcendo com força a roupa lavada, Jinhyuk reafirmava sua decisão vez após vez.

Quanto tempo teria se passado? A funcionária abriu a porta da lavanderia.

— Senhor voluntário, venha almoçar. Vou te guiar até a copa.

Finalmente chegara o tão esperado horário do almoço. Jinhyuk ajeitou sua roupa e foi para a copa. Sentada à mesa, que ficava no centro da copa, estava Bada, comendo sozinha.

— Ô, novo voluntário, também vai comer aqui? Aqui só dá para comer coisas simples, como macarrão instantâneo. Por que não come conosco, no refeitório para funcionários?

Um funcionário que passava na frente da copa puxou assunto com Jinhyuk, que respondeu fazendo "não" com a cabeça.

— É que gosto de macarrão instantâneo.

Jinhyuk entrou rapidamente na copa e sentou-se na frente de Bada.

— Que coincidência. Nos encontramos aqui.

Jinhyuk puxou assunto, mas Bada só continuou comendo o macarrão instantâneo que estava à sua frente, cabisbaixa. O macarrão escuro e ondulado. Era *chapagetti*.

— Não lembra de mim? A gente se vê todos os dias na loja de conveniência.

— ...

— Pelo visto você gosta de *chapagetti*. Eu também gosto. Uma vez, na noite anterior à minha formatura do fundamental, briguei feio com meu pai. O motivo da briga nem lembro agora, mas foi a primeira vez que respondi daquele jeito para o meu pai. No dia da formatura, meus pais compareceram, mas me decidi a fingir que não os conhecia e sequer olhei nos olhos deles. Assim que acabou a formatura, eu fugi, evitando meus pais. Fui para um *norebang** com meus amigos e voltei para casa perto da meia-noite.

A mão de Bada, que enrolava o *chapagetti* nos palitos, parou. Foi a primeira reação demonstrada por ela, que durante um mês inteiro apenas lia códigos de barras feito um robô, até mesmo quando lhe ofereciam uma bebida.

— Minha família era muito rígida, então meu toque de recolher era às dez da noite. Eu estava preparado para levar uma bela bronca. Mas meu pai, em vez de me dar bronca, disse que em dias de formatura se devia comer *jajangmyeon*, então preparou *chapagetti* para mim. Aquele *chapagetti* estava tão bom. Era melhor do que o *jajangmyeon* preparado pelo melhor cozinheiro do mundo. Esse é o prato da minha vida. Vendo você, Bada, comendo, estranhamente me lembrei disso. Será que é porque parece gostoso?

— Quer um pouco?

Bada estendeu o *chapagetti* que estava na ponta de seus palitos para Jinhyuk. Ela caiu na armadilha. Jinhyuk, em vez de pegar os palitos imediatamente, enrolou um pouco.

— Tenho uma coisa para te perguntar. Se me responder, eu como.

— O que é?

— Os bilhetes que te entreguei na loja de conveniência, você leu pelo menos uma vez?

Os palitos que estavam estendidos na direção de Jinhyuk voltaram atrás. Ele agarrou o pulso de Bada, impedindo que se mexesse. Um fio do *chapagetti* que estava enrolado nos palitos se desenrolou e ficou balançando no ar. Bada,

com o pulso imobilizado, ficou um bom tempo quieta até que abriu a boca.

— Por que eu?

— É do jeito que está nos bilhetes. Porque gosto de você.

— Por que gosta de mim?

Jinhyuk puxou o pulso de Bada e abocanhou o *chapagetti* que estava enrolado nos palitos. O macarrão desceu suavemente pela garganta. O sabor adocicado e levemente salgado preencheu sua boca. As palavras que fluíram da boca de Jinhyuk também eram assim.

— Se por acaso você estava fingindo não me conhecer por achar que é insuficiente ou por falarem coisas do tipo, não faça mais isso. Não penso nada disso. De que importa a condição financeira quando uma pessoa gosta da outra? Quero me sentar de frente pra você, Bada, e comer coisas gostosas. Fazer serviço voluntário junto com você. Quero sonhar com um futuro tendo você ao meu lado.

Bada levantou o rosto. Os olhares dos dois, que até então nunca haviam se cruzado, agora se emaranhavam. Os olhos de Bada estavam molhados, como se sonhassem.

Pronto.

Jinhyuk sorriu.



Jinhyuk Choi e Bada Seo tiveram um namoro normal. Usualmente, ele falava e ela escutava. Jinhyuk disse para Bada largar os empregos de meio período. Ao ouvi-lo dizer que ficava de coração partido por vê-la trabalhando exaustivamente, Bada concordou em fazer como ele disse. Jinhyuk então disse que, além de a região do apartamento em que Bada vivia ser perigoso, ficava muito longe de seu trabalho, e que a ajudaria a alugar um apartamento de um cômodo perto da empresa. Naquele momento também, Bada concordou. Mesmo enquanto Jinhyuk decorava o apartamento do próprio jeito, Bada não

demonstrou insatisfação. Ele definia os alimentos que ela comia em cada refeição, quais suplementos nutricionais tomava, além de fazê-la treinar com um personal trainer. Até assinou um plano de massagem para ela. A fez cortar o cabelo de acordo com seu gosto e encheu o guarda-roupa de Bada com roupas novas. Verificou o celular dela, perguntando cada detalhe sobre cada contato e apagou grande parte dos números de pessoas que Bada conhecia havia muito tempo. *Quero que você foque apenas em mim enquanto está comigo*. Ao ouvir isso, Bada entregou obedientemente seu telefone para Jinhyuk. O dia de Bada se preenchia comendo, se exercitando, dormindo e esperando por Jinhyuk.

— Desse jeito, vai pagar até a faculdade dela. Do jeito que está aceitando tudo que você dá, sem vergonha alguma, ela só pode ser uma oportunista.

Minseok Kim, que ficou sabendo que Jinhyuk Choi estava pagando por todos os custos de vida de Bada Seo, fez um escândalo, dizendo para ele voltar a si. Jinhyuk lançou um olhar assustador na direção de Minseok.

— Não diga uma coisa dessas. Ela é o mesmo que eu. É meu tudo. Eu daria tudo por ela.

— Está louco, louco. Esse cara está louco de amor. Por que você ficou assim? Para onde foi o Jinhyuk Choi que antes falava que não saía com mulheres com cargo inferior à servidora pública de nível sete?

— Não preciso dessas coisas.

Era verdade. Não precisava. Quanto mais bens alguém possuísse, mais tentaria se apegar a eles. E, mesmo que os perdesse, faria de tudo para consegui-los de volta. O que Jinhyuk precisava não era alguém com um espírito de sobrevivência autossuficiente. Ele queria que Bada se apoiasse ainda mais nele. A ponto de ela considerar que seria melhor morrer do que viver uma vida sem Jinhyuk. Ele estava satisfeito com a porcentagem que ocupava no cotidiano de Bada. Fazia uma média desse valor todos os dias, enquanto acariciava o cabelo de Bada, adormecida colada a ele.

Um pouco mais, um pouco mais. Só um pouquinho.

Havia apenas uma coisa que Bada, que normalmente era o lado que ouvia,

exigia de Jinhyuk.

— Me fala mais sobre a sua família, *oppa*.*

Quando ouviu esse pedido pela primeira vez, Jinhyuk ficou contente de pensar que realmente havia escolhido a pessoa certa. No plano dele, o alvo do investimento, bem como o centro da estratégia principal, precisava ser infinitamente solitário. Assim como um cachorrinho abandonado em um dia de chuva. Bastaria pegar um cachorro desses e cuidar direitinho para que, caso seu dono se afogue, ele naturalmente pulasse na água para salvar seu dono, sem se importar em morrer.

Jinhyuk falou para Bada sobre suas memórias com a família. O parque de diversões que haviam visitado juntos na época da pré-escola; a vez em que ele deixara a cozinha completamente bagunçada tentando fazer uma sopa de ovos porque sua mãe estava gripada; a vez no ensino médio em que destruira a câmera de seu pai enquanto se aventurava tentando fazer um filme; a vez em que gerara discussões por causa de sua escolha de faculdade etc. Durante todo o tempo em que escutava as histórias, Bada olhava para o nada, sem expressão, como se enxergasse as cenas de dentro das histórias.

Um dia, Bada murmurou:

— Que inveja. Se seus pais são assim, devem cuidar bem de um neto também, né?

Com esse murmúrio, Jinhyuk sabia que a porcentagem havia chegado ao nível perfeito.

Naquela noite, Jinhyuk propôs que tivessem um encontro tarde da noite. Ao ouvir o convite para irem ao parquinho andar no balanço, Bada obedientemente o seguiu. O parquinho estava silencioso depois das dez. Jinhyuk segurou uma corda do balanço e falou para Bada:

— Sobe.

Ela encostou o bumbum no balanço. Jinhyuk empurrou levemente as costas de Bada.

— Eu gosto da noite — comentou Jinhyuk, como se cantasse no ritmo do balanço se mexendo. — Será que eu tinha uns nove anos? Vi um filme que tinha alienígenas. O alienígena rouba o corpo de um garotinho. Ou seja, o alienígena e o humano trocaram de corpo. Ninguém sabe dizer se o garoto era o garoto ou se o alienígena era falso. O garoto, que acabou virando um alienígena, é perseguido por um órgão do governo. Era um órgão assustador, que queria capturar o alienígena para dissecá-lo. Daí ele, querendo ver seus pais uma última vez antes que acabasse sendo capturado por aquele órgão, vai para a casa de onde havia sido expulso. Queria apenas ver o rosto de seus pais no meio da noite e sair. Mas ele dá de cara com a mãe na sala. A criança acha que a mãe daria um berro.

O balanço, que ele empurrava sem dar muita atenção, não subia em direção ao céu, e as pontas dos pés de Bada se arrastavam no chão do parquinho. Mesmo assim, ela apenas balançava, sem fazer força contra o chão para subir.

— Mas a mãe reconhece o garoto. Por fora, ele era um alienígena, mas ela reconheceu que era o filho dela vendo o jeito de andar, o jeito de falar e olhar do garoto. Tive muito medo desse filme. Fiquei uma semana tendo pesadelos vívidos, com medo de que um alienígena viesse roubar meu corpo. Toda vez que isso acontecia, minha mãe me acordava e me fazia uma promessa enquanto me abraçava. “Mamãe vai te reconhecer, não importa a sua forma.” Ainda me lembro do cheiro da minha mãe me abraçando e do ar da noite silenciosa.

O som da corda do balanço rangendo e a voz de Jinhyuk se misturaram, espalhando-se por todas as direções e deixando um rastro pelo parque silencioso.

— Bada, você me reconheceria mesmo que eu tivesse outra aparência, né?

— Essas histórias só acontecem em filmes. De mudar de corpo e tal.

— É como um sonho das pessoas, independente da época. Abrir os olhos um dia e ter virado um eu totalmente diferente. Ouvi falar de uma história de terror referente a um tal Restaurante Copycat. Está popular. Conhece?

As pontas dos dedos de Jinhyuk, empurrando as costas de Bada, ficaram

rígidas de nervosismo. Em um instante, o balanço subiu alto. Os pés de Bada chutaram o ar.

— Conheço.

Junto com as cordas do balanço, a resposta de Bada foi agarrada pelas mãos de Jinhyuk. O balanço, que parou repentinamente, empurrou o corpo de Bada. Ela, que se levantou do balanço como que em um pulo, virou-se para Jinhyuk.

— Uma garota que trabalhava comigo na loja de conveniência me contou. Um estabelecimento estranho que aparece na frente de pessoas que querem trocar de corpo com outra pessoa. Não é? Que querem roubar a vida de outra pessoa? É a mesma coisa, afinal. Ela disse que já viu isso de verdade. Que surgiu de repente enquanto ela ia de madrugada para um trabalho de meio período. Disse que não entrou porque estava com medo.

— Sério? Que interessante. Eu também quero ver.

— Pelo que ela disse, tem bastante gente que descobre o restaurante. O endereço em que ele aparece é fixo ou algo do tipo. Deve ser mentira. Não tem como algo assim acontecer.

Jinhyuk gentilmente segurou a mão de Bada. A sombra dos dois saindo do parquinho se agitava por trás deles.

— É divertido de imaginar porque não tem como acontecer. O que acha? Você acha que conseguiria me reconhecer se eu tiver outra aparência, Bada?

— Não sei... — murmurou Bada, como alguém que não estava confiante. A Bada Seo que Jinhyuk Choi conhecia não sabia fazer conversa fiada. Até para mentir era desajeitada, a ponto de que, mesmo quando era pega por um grupo de pessoas pregando na rua, não conseguia se desvencilhar dando a desculpa de que estava ocupada.

— Então vamos tentar mudar a pergunta? Se, por acaso, eu dissesse que só consiga sobreviver caso roube a vida de outra pessoa, o que você, Bada, faria? Caso não haja ninguém para trocar de vida comigo.

— Então... Você está dizendo que só vai sobreviver se trocar de corpo com outra pessoa? Por quê?

— Em filmes de Hong Kong, as pessoas são baleadas e tal, né? Ou pode ser que um alienígena abra um buraco no meu peito e escape.

— Mas que brincadeiras mórbidas são essas? Como quer que eu viva sem você, *oppa*?

— É só uma hipótese, uma hipótese.

Bada ficou sem falar nada por um momento. Apenas o som dos passos avançando pela areia os unia. Só quando chegaram ao portão do parquinho, Bada abriu a boca.

— Se isso acontecer, te dou o meu corpo, *oppa*.

Assim já estava bom. Foi o momento que o deu certeza. Jinhyuk fez força na mão que segurava a mão de Bada, apertando-a.

— Obrigado pelas palavras, pelo menos. Realmente, minha namorada é a melhor.

— Como assim, palavras? Não. É a verdade. Olha. Prometo com o dedinho.

De bom grado, Jinhyuk encaixou seu dedo no mindinho que Bada lhe estendeu.

Dois meses depois, segunda-feira de manhã. Jinhyuk viu sangue em suas fezes. Havia uma mancha amarelada na parte interna de sua íris. Ligou para a empresa, pediu férias remuneradas e imediatamente agendou uma consulta médica. O médico que havia dado o diagnóstico de câncer fez tsc, tsc, perguntando por que havia voltado só depois de tanto tempo. Fazendo a tomografia de acompanhamento, decidiu que aquele seria o Dia D.

Jinhyuk saiu do hospital e comprou flores. Com um buquê de rosas vermelhas em uma mão, foi a uma joalheria e comprou também um anel. Então sentou-se em uma cafeteria próxima ao apartamento de Bada e olhou para fora da janela. Seis da tarde. Por aquela viela onde o curto dia de inverno terminava e a escuridão se assentava, passou Bada. Se ela estivesse de acordo com o cronograma que Jinhyuk criara, estaria saindo para receber massagem. Jinhyuk saiu da cafeteria e foi para o apartamento dela. Apagou todas as luzes, jogou o buquê de flores no sofá. Deixou também o anel ao lado do buquê. Pensando em

como parecer um pouco mais coitado, ele se deitou no sofá e tentou ficar encolhido na parte frontal dele. O joelho podia estar doendo, mas decidiu ficar encolhido. Pôs as lágrimas artificiais e, para garantir, passou até uma pomada mentolada embaixo dos olhos. As lágrimas escorreram aos montes. Os preparativos estavam perfeitos.

— *Oppa*? Você veio cedo. Por que está aí sem acender as luzes?

Bada havia voltado. Jinhyuk disse, com uma voz abatida.

— Não acenda a luz — disse Jinhyuk, com uma voz abatida.

— O que foi? Aconteceu algo?

O calor corporal de Bada encostou em suas costelas. Mesmo assim, Jinhyuk não se mexeu. Bada encostou o corpo ainda mais rente.

— O que foi? Você tem que falar para eu saber. *Oppa*, fala comigo, o que quer que seja.

Apenas quando o desespero na voz de Bada a fez soar como um bode chorando, Jinhyuk levantou um pouco o rosto, que até então estava enfiado entre seus joelhos, para virar em direção a ela.

— Bada, o que eu faço?

— Mas o que está acontecendo? Me fala tudo. Estou do seu lado, você sabe.

Jinhyuk esticou o braço e pegou o buquê de flores que havia deixado no sofá.

— Eu ia te pedir em casamento hoje. Por isso até pedi folga no trabalho. Busquei flores e um anel. Até reservei um restaurante para o jantar. Mas fiquei com uma dor muito forte no abdômen. Quando fui ao hospital... disseram que é câncer. Câncer no pâncreas em estágio quatro. Não dá nem para operar.

Não precisava da pomada mentolada. No instante que disse que era câncer, as lágrimas escorreram. O fato de ter contado que estava com câncer para alguém pela primeira vez trouxe a ele um estranho alívio, que logo se transformou em tristeza. Bada abraçou Jinhyuk, que soluçava enquanto limpava as lágrimas.

— Está tudo bem, *oppa*. A gente supera isso junto. Sim?

— Disseram que, se eu aguentar bem, vivo um ano apenas. O que eu faço, Bada? Realmente queria me tornar um só com você, de corpo e alma.

— Minha vontade também é essa.

Jinhyuk abraçou Bada de volta. Através do contato entre os dois corpos, ficou claro que os ombros de Bada se mexiam de leve. Jinhyuk segurou o coração. O que faria a partir daquele momento era importante.

— Bada, fico mais preocupado com você do que comigo. O que vai fazer sem mim? Em um mundo sem mim, quando penso em você sofrendo como antes, acho que não conseguiria fechar meus olhos mesmo depois de partir desse mundo.

— Não se preocupa com isso. *Oppa*, na verdade, eu também...

— Bada, lembrei de uma coisa de repente. Há um jeito. Um jeito de nossos corpos e almas se tornarem um só.

Jinhyuk interrompeu Bada e fez força nos braços.

— Lembra da história que te contei? Do Restaurante Copycat. Na verdade, eu consigo encontrar esse restaurante. Temos apenas uma chance. Então basta você, Bada, se decidir, que te levo.

— Restaurante Copycat...? Isso é só uma história de terror, não? Mesmo que, por um acaso, seja verdade, o que e como faríamos depois de achá-lo?

— Se minha alma entrar em seu corpo, aí, sim, nos tornaremos um só, eternamente. Eternamente. Lembra da sua promessa, né? Que você disse que me daria o seu corpo — sussurrou Jinhyuk, como se soprasse o fôlego da vida nos ouvidos de Bada. As mãos de Bada, que estavam imóveis dentro do abraço de Jinhyuk, agarraram as costas dele como se o arranhasse.

— Está bem. Então vamos nos casar. Depois de nos tornarmos um só perante os céus, te entrego o meu corpo.

Sucesso.

Jinhyuk Choi enterrou o rosto no ombro de Bada Seo e sorriu.



O clima na sala de estar estava gélido. Os pais de Jinhyuk encaravam o filho e Bada Seo com expressões duras como uma janela embaçada no meio do inverno. Era uma hora depois de Jinhyuk anunciar o casamento, assim que haviam terminado de investigar o histórico de vida de Bada. Conforme Bada respondia às perguntas, mais a perna do pai de Jinhyuk balançava e mais os olhos de sua mãe pareciam irritados. Os dois, sem pensar em quem falaria primeiro, bradaram contrariando o casamento. “Casar com uma garota de vinte e dois anos, órfã, sem pai nem mãe e que nem terminou a faculdade? Você está fora de si?” “Não que eu esteja implicando com a condição financeira dela, mas um casal só vive bem se ambos tiverem condições parecidas.” As críticas disfarçadas de conselhos vieram como tempestades. Bruscamente, Jinhyuk pôs na mesa a xícara do café que estava tomando.

— Pai, mãe, me diagnosticaram com câncer. Câncer no pâncreas, estágio quatro. Está espalhado pelas veias, então não dá nem para operar. Mesmo com quimioterapia, eu tenho menos de um ano. Sem a quimio, disseram para nos preparar para seis meses.

A tempestade parou. Tanto o pai, que balançava a perna, quanto a mãe, que lançava olhares contra Bada, agora estavam com a mesma expressão olhando para Jinhyuk.

— O que foi que acabei de ouvir?

No instante em que o lábio inferior, caído de susto, se mexeu, um grito parecido com um choro saiu em um estouro.

— *Aigo*, que história é essa? Meu filho. Filho é mentira, né?

A mãe foi até Jinhyuk arrastando os joelhos e agarrou suas mãos. O corpo de sua mãe tremia muito. Jinhyuk a abraçou suavemente. Mesmo sendo uma reação esperada, encará-la na realidade não tinha como não doer em seu coração.

Está tudo bem, mãe. Eu vou ficar bem logo.

Ela conseguiria reconhecê-lo mesmo com outra aparência. Assim como a promessa que havia feito quando era criança. Jinhyuk a abraçou forte e soltou

os braços. Então sentou-se direito e falou decididamente.

— É meu último desejo. Quero me casar com ela. Quero que papai e mamãe tratem a Bada como uma filha. De forma realmente preciosa. Mesmo depois de eu deixar este mundo, desejo que os três vivam bem e em harmonia em uma única casa. Assim como me tratam, tratem o meu amor.

Dos lábios de seu pai, que estavam fortemente cerrados, saiu um choro que parecia um sopro. Aquilo era a resposta.

Os preparativos do casamento avançaram rapidamente. O motivo era que seria necessário fazer a cerimônia logo, já que não se sabia quando os sintomas de Jinhyuk iriam piorar. Pelo mesmo motivo, fizeram também a certidão de casamento antes mesmo da cerimônia. Jinhyuk pediu ao pai que transferisse a propriedade do apartamento para Bada.

— Era para eu dar a você quando se casasse, mas... não precisamos transferir para a nora, precisamos? Que tal transferirmos para você, a princípio?

Não gostou da reação de seu pai. Jinhyuk conseguia entender exatamente qual era o pensamento dele. Caso o filho deixasse o mundo, o apartamento dele seria repassado para seus pais e sua cônjuge, Bada Seo. Por outro lado, se transferisse o apartamento para Bada Seo, ele seria 100% dela. E ele não queria deixar o apartamento completamente para a nora depois que seu filho deixasse este mundo.

— Pai, na verdade...

Na verdade, dar para Bada Seo é dar para mim. Vai ser assim. Essas palavras subiram até sua garganta, mas as segurou com força. Já havia preparado uma mentira para essa ocasião.

— A Bada está grávida. O teste mostrou dois traços, fomos ao médico e disseram que ela está de três semanas.

— O quê? Isso é verdade?

Jinhyuk viu a pupila de seu pai dilatar. Era a mesma expressão de quando ouviu a notícia de que Jinhyuk havia passado na faculdade.

— É verdade. Disseram que o bebê estava ali, como um pontinho fixo.

Disseram no hospital que ela tinha que ter repouso total, porque a mãe tinha um corpo muito magro. Disseram que o mais importante era não se estressar. Mas como Bada não ficaria estressada? Mesmo que ela não diga nada, eu...

Jinhyuk parou de falar, como se sua garganta tivesse fechado, e observou a reação de seu pai. O pai estava ansioso, mexendo no celular. Estava claro que queria contar o quanto antes essa notícia para a mãe de Jinhyuk.

— Então, no futuro, mesmo que algo aconteça, se ela ganhar uma casa para morar com o bebê, Bada ficaria menos estressada, não acha? Por isso, pai, te peço, por favor.

— Que acontecer algo o quê! Acha que eu iria ignorar a minha nora, que está com meu netinho, precioso como ouro? Ô, se eu transfiro para ela. Diga a ela para não se preocupar com o futuro. Espera aí. Onde é mesmo que minha nora mora agora? Estúdio? Nossa, diga a ela para sair de lá agora mesmo e vir morar conosco. O que faríamos se ela escorregasse enquanto está sozinha? Espere um pouco. Primeiro preciso ligar para sua mãe.

A partir desse dia, a forma que os pais de Jinhyuk tratavam Bada mudou completamente. Tanto o pai quanto a mãe a tratavam com muito cuidado, como ouro ou prata, a ponto de fazerem um escândalo, como se o mundo tivesse virado do avesso, até mesmo se Bada saísse sem um casaco. A mãe, que mesmo durante os preparativos do casamento sequer falava com Bada, passou a levar Bada onde quer que fosse. O que antes era “ei, você, aí”, virou um “nossa filha”, uma forma carinhosa. Bada ria alegremente toda vez que a chamavam de “nossa filha”.

— Eu gosto muito dos seus pais, *oppa* — sussurrou Bada, deitada com a cabeça sobre o braço de Jinhyuk, na madrugada anterior ao dia do casamento. Ele abraçou a cabeça dela.

— É que me amam de verdade.

— Acho que seria triste não poder mais encontrar seus pais.

— Por que pensa assim? Eu que vou entrar em seu corpo. Seu corpo, Bada, continuará recebendo amor dos meus pais. Não é perfeito? Você estará junto

comigo e com o amor de meus pais, dentro do seu corpo — sussurrou Jinhyuk em um tom de voz ainda mais suave, como se acalmasse uma criança, ansioso com o que pensou. *A essa altura, ela não vai dizer que mudou de ideia ou algo assim, certo?*

— Está certo. Realmente acho que isso é o certo.

Bada saiu do braço de Jinhyuk, levantou o tronco e se sentou. O olhar dela ficou colado por um longo tempo no relógio pendurado na parede. Cinco para as cinco da madrugada. Bada virou o rosto na direção de Jinhyuk, que estava deitado.

— *Oppa*, tenho um pedido. Depois do casamento, quero que você parta para a lua de mel logo em seguida. Por um longo período. Eu nunca recebi o amor de meus pais. Como vou virar Jinhyuk Choi de qualquer forma, quero experimentar ter o amor deles só para mim, enquanto estou no seu corpo. Mas se você estiver junto, seus pais dariam carinho para você também, como Bada Seo. Não quero isso. E enquanto eu estiver internada no hospital, só de pensar que meu corpo estará viajando pelo mundo, acho que ficarei feliz.

Jinhyuk se ergueu e abraçou Bada por trás.

— Está bem. Farei assim por você.

— Agora me leve.

Jinhyuk e Bada saíram de casa juntos e foram de carro para Jongno. Ele segurou firme a mão dela e parou na viela de Jongno. Seis horas, seis minutos e seis segundos da madrugada. O Restaurante Copycat apareceu.

— Consegue ver? — sussurrou Jinhyuk, e Bada fez que sim com a cabeça.

— Vou lá, *oppa*. Nos vemos no salão do casamento.

Bada entrou sozinha no Restaurante Copycat. Assim que ela entrou, o Restaurante Copycat desapareceu, como se nunca tivesse estado ali.

Vivo mesmo no mundo da lua, né? Não poderia escolher pessoa mais perfeita.

Se a pessoa que tivera o corpo tomado fosse até o restaurante, tudo poderia voltar ao normal. Era uma maneira de reduzir a incerteza. Bastava ser a parte que tivera o corpo roubado, e não quem roubara. Afinal, a condição para que

tudo voltasse ao normal era que “quem teve o corpo tomado” fosse até o restaurante.

Por isso, Jinhyuk optara por ser aquele cuja vida iria ser roubada, em vez de roubá-la de alguém. Uma estratégia que consistia em ser roubado para roubar. O importante era por quem seria roubado. “Se a nossa nora quiser, viverá feliz conosco.” Essa afirmação de seu pai era o mesmo que uma revelação. A única pessoa que poderia ter algo parecido com a “vida de Jinhyuk Choi” seria a sua cônjuge.

Eu já estava planejando partir, antes mesmo que ela pedisse. Ia dar a desculpa de que era melhor para a educação se o filho nascer no exterior, mas graças à Bada fui poupado do trabalho de convencer os pais. Se Bada pedir a eles para que a deixem viajar, eles deixariam facilmente. Porque seria um pedido de seu filho, que estaria internado em um hospital, sem poder ir a lugar algum. Ter dito que Bada estava grávida deve contribuir um pouco também.

Jinhyuk voltou de carro e afundou seu corpo no assento do motorista. Havia muitas coisas a fazer mesmo depois do casamento. Tinha que se adaptar a outro sexo, em um corpo diferente de antes, além de preparar a viagem e pesquisar um caminho para adotar uma criança no exterior. Para tornar a mentira de Bada em uma verdade, não eram poucos o trabalho e o dinheiro necessários.

Se não der mesmo, posso até dar a desculpa de que teve um aborto espontâneo, mas é melhor que tenha uma criança.

Por mais que fosse mentira, se seus pais não soubessem, então aquilo se tornaria uma verdade. A obsessão de seus pais em ter um neto emendaria qualquer inconsistência que pudesse surgir. Jinhyuk acreditava fortemente que algum dia seus pais o reconheceriam, mas sabia que não seria fácil. Deitado, ele abraçou os próprios ombros.

Chegou a hora de me despedir deste corpo.

Depois de dormir, provavelmente acordará transformado em Bada Seo. Murmurando que não sabia que usaria um vestido em vez de um terno em seu

casamento, Jinhyuk caiu em um sono leve.



Jinhyuk Choi morreu.

Parece um filme de comédia, estar na piscina de um hotel e escutar a notícia da minha própria morte.

Jinhyuk ergueu o corpo e se sentou na espreguiçadeira. No e-mail, que chegou depois de sessenta e quatro dias desde que havia partido na viagem, havia o obituário de Jinhyuk Choi. Achava que receberia uma ligação de seus pais, mas um e-mail? Ainda por cima, o remetente era o advogado.

Se bem que meus pais não sabem que sou Jinhyuk. Mesmo que tenha sido um desejo do filho, não tem como eles estarem contentes com uma nora que não acompanhou o marido no leito de morte.

Morreu antes do que esperava. O hospital havia dito que lhe restavam cerca de seis meses de vida. Havia planejado voltar ao país a tempo de fazer o papel de esposa que havia viajado a pedido do marido, que não queria que ela o visse sofrendo, mas que voltara para acompanhá-lo no leito de morte.

Bada Seo... essa mulher não consegue nem morrer do jeito certo.

Jinhyuk levantou o mojito que estava na mesa. Já estava acostumado com os dedos finos e as unhas coloridas. Porém, havia uma coisa que ainda não conseguia se adaptar. O fato de ter que beber mojito sem álcool em vez de cerveja. Foi na Inglaterra, o primeiro destino de sua viagem, quando descobriu que o corpo de Bada Seo era fraco para o álcool. Ficou realmente inconformado quando desmaiou com uma garrafa de cerveja, o que, se fosse pelos padrões de Jinhyuk Choi, teria sido tranquilo.

Agora realmente meu corpo não existe mais nesse mundo.

Ir para o velório não era por Bada Seo, mas para lamentar pelo próprio corpo. Pensando assim, ficou menos irritado. Pesquisou passagens aéreas para a Coreia do Sul.

Depois de um dia, Jinhyuk chegou ao país. Para descansar o corpo, exausto depois da viagem, foi direto para um hotel. Fez o check-in, recebeu uma massagem e foi para o velório.

Falecido: Jinhyuk Choi. Familiares: Seongtae Choi e Jisoo Han.

No monitor fixado na parede, havia apenas o nome de seus pais, sem "Bada Seo" em lugar algum.

Papai e mamãe... os dois devem estar muito bravos então. Como puderam não pôr o nome da esposa sendo que o marido morreu?

Mas não se preocupou muito. Afinal, seus pais jamais poderiam ignorar o desejo do filho falecido, que era o de tratarem Bada Seo como uma filha. Ainda por cima, seus pais acreditavam fortemente que Bada Seo estava grávida. Assim, vivendo juntos um tempo, seus pais também entenderiam. Mesmo que o corpo fosse de Bada Seo, a alma seria de seu filho. Estava confiante de que conseguiria os fazer reconhecê-lo. Jinhyuk respirou fundo e entrou no salão do velório. Depois de ver sua foto no meio do salão, Jinhyuk teve sentimentos complexos.

Agora, realmente o corpo de Jinhyuk Choi não existe mais, em nenhum lugar.

Uma tristeza pesada lhe ocorreu. Jinhyuk se preparou para mergulhar no mar das lamentações para si mesmo, levantando as mãos à altura dos olhos.* Quando estava prestes a inclinar o corpo para frente, alguém empurrou com força o seu ombro. Do jeito que estava, Jinhyuk rolou no chão do velório.

— Onde pensa que está para rastejar até aqui?! O que estão esperando? Expulsem essa vadia! Tirem essa coisa da minha frente!

Era sua mãe. Vestindo roupas fúnebres, estava com o rosto avermelhado, olhando para baixo, na direção de Jinhyuk.

— Sogra, por que está agindo assim?

Jinhyuk se levantou, visivelmente protegendo a barriga. Era a mesma sogra que, quando disse que iria viajar, lhe dera tapinhas no ombro, dizendo que compreendia, que poderia aproveitar para educar o bebê na barriga. Como

pudera empurrar Bada Seo, que estava grávida de seu precioso neto? Era uma ação que a mãe que Jinhyuk conhecia jamais faria.

— Por que estou agindo assim? Sua vigarista! Saia já daqui!

A mãe avançou para cima de Jinhyuk. As pessoas ao redor seguraram o corpo da mãe, que estava avançando enquanto balançava os dois braços. Jinhyuk deu um passo para trás e observou sua mãe, sem expressão.

Vigarista? Do que ela está falando?

A imagem de sua mãe se debatendo enquanto era segurada pelas pessoas, suas palavras, tudo estava confuso.

— Senhora Bada Seo, queira me acompanhar naquela direção.

Um homem se aproximou de Jinhyuk, que estava de pé, atônito. Era o advogado Kim. Como era um advogado que seu pai conhecia havia muito tempo, Jinhyuk até o chamava de tio e o admirava muito. Guiado pela mão do advogado Kim, Jinhyuk saiu do salão do velório. Enquanto saía, enxergou seu pai correndo para o lado de sua mãe. Havia uma criança no colo de seu pai.

O que é aquela criança?

Era um emaranhado de acontecimentos que não conseguia entender.

O advogado Kim levou Jinhyuk até o saguão, que ficava no térreo, depois de saírem do subsolo, onde ficava o salão do velório. O advogado Kim estendeu uma pasta para Jinhyuk, que estava sentado no sofá.

— O que é isso?

— O pai de Jinhyuk Choi, o senhor Seongtae Choi, está planejando entrar com um processo para cancelar a transferência do apartamento que havia sido feita para a senhora. Como fraude é caso de cancelamento, nossa vitória no caso é quase certa. A mãe, a senhora Jisoo Han quer que o processo seja mais pesado. Porém, o senhor Seongtae Choi está considerando que o senhor Jinhyuk Choi também tem responsabilidade nas ações da senhora e não deseja chegar a uma luta judicial contra alguém que outrora foi sua nora. Por isso a proposta do senhor Seongtae Choi. Ele diz que quer receber de volta o apartamento, em forma de transferência de posse do imóvel da senhora, Bada

Seo, para Woojoo Choi, e que em troca permitirá que a senhora viva nele de aluguel por três anos. Disse também que irá cobrir os custos de transferência. Escolher entre o processo de cancelamento de transferência e a proposta do senhor Seongtae Choi é uma liberdade sua, senhora Bada Seo. Caso escolha a segunda opção, há um contrato nesta pasta, então verifique-o, por favor.

Das palavras que saíram da boca do advogado Kim, nenhuma era incompreensível, mas cada uma soou como uma língua alienígena. Jinhyuk apenas olhou para baixo, sem expressão, para a pasta estendida em sua direção. O interior confuso de sua cabeça empurrou para fora da boca uma pergunta.

— Quem é Woojoo Choi?

— É o segundo filho do senhor Seongtae Choi.

Que história é essa? *Como assim, segundo filho*? Não tinha como sua mãe ter engravidado e tido um filho naqueles dois meses.

— Então... qual é a fraude? Não sei por que os pais dele estão agindo assim. Estão dizendo que não têm mais ligação comigo porque Jinhyuk Choi morreu? É por isso que estão agindo assim?

— Não. Isso não seria suficiente para cancelar a transferência. A causa para o cancelamento da transferência é a fraude.

— Mas que fraude?!

A voz de Jinhyuk se espalhou pelo saguão de forma aguda. O advogado Kim pôs na mesa, como se arremessasse, o envelope que estava em sua mão.

— Já chega, senhora Bada Seo. O senhor Jinhyuk Choi já revelou toda a verdade antes de falecer. O testamento que o senhor Jinhyuk Choi deixou está no envelope, então veja. Ele escreveu na minha frente, antes de seu estado piorar drasticamente.

Jinhyuk pegou desesperadamente a pasta em cima da mesa e a abriu.

Testamento? Do que ele está falando, sendo que já tinha um testamento que eu deixei escrito?

Apesar de não ter reconhecido firma com o advogado Kim, havia entregado aos pais um testamento que havia escrito segundo o formato definido. Mas

como assim outro testamento? Com as mãos trêmulas, Jinhyuk abriu a pasta. Bem no começo da pasta, havia uma carta e o testamento, encaixados lado a lado.

Para meus pais.

Não sei por onde começar a falar. Porém, decidi que preciso revelar isto antes de deixar o mundo. Isto é uma confissão sobre meus pecados.

Eu tenho um filho. A mãe da criança é uma mulher que encontrei em uma casa de massagem durante uma viagem de negócios. Sim. Eu paguei por sexo e essa mulher veio me dizer que havia engravidado. Disse que era meu filho. Eu obviamente achei que a mulher estava mentindo. Havíamos dormido apenas uma noite, como poderia ter engravidado? Ainda mais uma mulher de uma casa de prostituição. Eu podia enxergar a decepção de vocês caso descobrissem. Considerei aquilo como um acidente que não devia acontecer na minha vida. A mulher continuou me ligando. Disse que não conseguiria abortar e que teria o filho. Ignorei, pensando que não seria meu filho. Ela parou de me ligar e achei que tudo havia se resolvido tranquilamente. Pelo menos até uma amiga da mulher me enviar o testamento.

Ela disse que a mulher havia cometido suicídio. No testamento, constava que ela tivera o filho, e que o havia deixado em um orfanato, junto apenas do endereço dele. Não dizia nada sobre o porquê de ter escolhido o suicídio nem o que queria que fizessem no futuro. Isso me fez sofrer ainda mais com o sentimento de culpa. Depois de pensar por muito tempo, fui ao orfanato. Encontrei a criança. Papai falava desde sempre que pais e filhos são obra do destino. Entendi o que isso significava no instante que vi o garoto. Mesmo assim, para garantir, fiz o teste de DNA também. Era mesmo meu filho. Porém, não tive coragem de trazer a criança.

Mesmo assim, quando recebi o diagnóstico de câncer, abominavelmente pensei primeiro na criança. Queria adicioná-la ao registro da família de qualquer forma. Quis que meus pais criassem a criança com tudo que tinha direito, depois que eu deixasse este mundo. Porém, mesmo tentando ser firme em minha decisão, não consegui criar coragem de contar para vocês sobre a mãe da criança. Eu queria ser um filho bonzinho. Até mesmo antes de morrer.

Enquanto eu estava pensativo, Bada Seo me fez uma proposta. Bada era uma funcionária de meio período na loja de conveniência na frente do meu trabalho. Ficamos próximos enquanto fazíamos serviço voluntário no orfanato onde meu filho estava. Em algum momento, acabei contando sobre meu filho também. Era mais cômodo justamente por não sermos tão próximos. Todos precisamos de um refúgio para desabafar nossas preocupações. Bada Seo era essa figura para mim.

Bada disse que, se eu me casasse com ela e lhe passasse toda a herança, ela fingiria que estava grávida, pegaria a criança no orfanato e traria para apresentar a vocês. Fiquei impressionado ao ouvir que daria para enganá-los sobre a discrepância na idade se dissermos que a criança havia nascido durante a viagem ao exterior. Por isso, desde então começamos a fingir que estávamos namorando. Fiz o papel de romântico. Só assim as pessoas ao redor entenderiam quando eu escrevesse dizendo que daria todos meus bens a Bada Seo.

Mas, agora que a morte se aproxima, meu coração fica cada vez mais pesado de ter mentido para

os meus pais. E não posso deixar para trás o medo de Bada Seo chantagear vocês ou tentar interferir no futuro do meu filho. Por isso, não consigo descansar tranquilamente e parece que a doença está avançando ainda mais rápido.

Foi um erro meu. Eu devia ter contado tudo de forma honesta. Papai e mamãe, por favor, cuidem de meu filho. Deixo anotado aqui o orfanato onde meu filho está, bem como seu nome. Se possível, desejo que o incluam no registro do papai.

Além disso, expresso meu desejo de alterar meu testamento anterior, no qual havia prometido a herança para Bada Seo, agora para que seja repassado por completo para meu filho. Desejo também alterar o beneficiário do valor dos meus seguros de vida para o meu filho e nomeio o dr. Kim para todos os trâmites relacionados.

O nome da criança é Woojoo.

Por favor, mesmo que eu parta, pensem em Woojoo como se fosse eu mesmo e amem-no da mesma forma.

— É mentira! Eu não tenho filho nenhum!

Com o grito de Jinhyuk, as pessoas que transitavam pelo saguão pararam. Uma criança em uma cadeira de rodas começou a chorar, mas Jinhyuk não conseguia escutar. Tudo à sua frente ficou preto, não enxergava nem ouvia nada. Como se estivesse preso em uma caverna, tudo à sua volta parecia não ter som.

— Você é bem sincera. Eu sei, você não está grávida.

Conseguia ouvir apenas a voz do advogado Kim, que lhe vinha como um eco dentro da caverna.

— Essa é a fraude que estou dizendo. Quando o senhor Seongtae Choi fez a transferência, a condição para tal era a gravidez da senhora Bada Seo. Até no documento de transferência está explicitado. O posicionamento dos dois é de que, mesmo que a senhora estivesse casada com o senhor Jinhyuk Choi, não lhe teriam transferido o apartamento se a senhora não estivesse grávida. Se a senhora estiver confiante de que consegue fornecer provas de que está grávida, podemos avançar para o processo.

Tuc. Um pequeno cartão de visita foi posto sobre a pasta.

— Contatos futuros, por favor, direcione a mim.

Jinhyuk agarrou desesperadamente o braço do advogado Kim.

— Só um instante, tio. Então... então, quem é Woojoo?

— É o filho do senhor Jinhyuk Choi. Como eu estou encarregado dos trâmites dos valores de seguros e outras partes da herança do senhor Jinhyuk Choi, caso tenha alguma reclamação em relação a esses assuntos, dirija-se a mim. Agora, se me dá licença.

— Não, tio!

— Quem aqui é seu tio? Quem?

Ao mesmo tempo em que o grito do advogado Kim ecoou pelo saguão, a mão de Jinhyuk caiu, sem força.

— Não sou seu tio, sou advogado. Já deixo avisado, Jinhyuk Choi era o mesmo que um filho para mim também. Portanto, irei lutar com todas as forças para enfrentá-la, senhora Bada Seo.

Mesmo depois de o advogado Kim ir embora, Jinhyuk ficou um longo tempo sentado no saguão.

Eu que sou esse Jinhyuk Choi que é o mesmo que um filho para você... eu!

Só quando diminuíram as pessoas que passavam pelo saguão e lá fora estava escuro, Jinhyuk se levantou. Pôs o testamento, que estava amassado de tão forte que havia agarrado, de volta na pasta e saiu dali. Ainda estava se sentindo surdo, como se estivesse em uma caverna, mas não tinha como continuar no saguão indefinidamente.

Por agora, vou para o hotel. Ainda bem que, pelo menos, o dinheiro da minha rescisão eu pus na conta de Bada Seo. Como tenho uns vinte milhões de wons, primeiro vou contratar um advogado e... droga. Como vou forjar a prova de que estou grávida? Será que tem como enganar o tribunal? Não. Não pode chegar ao tribunal. Tenho que encontrar meus pais e garantir a vitória. É isso, primeiro vou procurar um lugar que falsifique provas. Por enquanto, terei de ficar no hotel.

No carro para o hotel, Jinhyuk balançava a perna vigorosamente. Parecia que tudo se resolveria se encontrasse seus pais mais uma vez. Precisava se acalmar. Como se lançasse um feitiço, ficou repetindo as duas sílabas de "calma" e desceu do carro. Como havia planejado ficar apenas um dia no hotel, para então voltar para casa, precisava estender o período de estadia

imediatamente.

A princípio acho que terei de ficar no hotel por mais uma semana.

No balcão do hotel, Jinhyuk pediu para estender sua estadia e entregou o cartão.

— Senhora, desculpe, mas está indicando que falta saldo no cartão.

Jinhyuk pegou o cartão que a funcionária devolveu e franziu a testa.

— Não pode ser. Tente novamente.

Contudo, foi o mesmo resultado, não importava quantas vezes tentasse. Entregou um outro, mas não conseguiu pagar com nenhum cartão. Jinhyuk ligou para a empresa de cartão. Junto com a mensagem de que o uso fora bloqueado por dívidas em atraso, veio a mensagem dizendo que, caso o atraso se estendesse, poderiam aplicar uma ordem judicial de pagamento.

Como assim "dívida em atraso"? Impossível. Eu posso ter usado um pouco o cartão durante a viagem, mas sequer daria dez mil dólares. E os hotéis e passagens foram todos pagos de antemão.

Desesperado, Jinhyuk verificou a conta bancária. Depois de verificar o saldo, a testa de Jinhyuk ficou ainda mais franzida. Ele aproximou o celular rente ao seu rosto e contou as casas decimais do saldo. Unidade, dezena, centena, unidade de milhar... dois milhões. Deveria ter mais um zero, mas não tinha. Desesperadamente apertou o botão de verificar o saldo completo. Para cima, mais para cima. Subiram vários números de gastos dos quais lembrava-se com certeza de ter feito.

— Espera, o que é isso? Transferência de dezoito milhões de wons?

O beneficiário da transferência era Jinhyuk Choi. Ao ver a data da transferência, Jinhyuk ficou boquiaberto. Era aquele dia. A madrugada em que Bada Seo havia se disposto a ir ao Restaurante Copycat. Antes do *Transfer*, Bada havia transferido de volta para Jinhyuk dezoito dos vinte milhões que haviam sido depositados em sua conta bancária para só então sair de casa.

Por quê, afinal? Por que ela fez isso? Bada Seo, o que estava pensando, afinal?

Bada Seo, que dizia amá-lo a ponto de trocar de corpo por ele. Bada Seo,

que dizia que faria de tudo por amor. Essa Bada Seo alterara arbitrariamente o testamento que Jinhyuk Choi havia deixado. Até o dinheiro da conta transferira sem dizer nada. Era improvável que ela não soubesse que aquele dinheiro na conta dela era para Jinhyuk. Ele se lembrou do olhar de Bada. Aquele olhar sonhador espetou de maneira afiada Jinhyuk. A dor que se iniciou em algum lugar de sua cabeça desceu para o abdômen, até que encobriu todo seu corpo. Com essa dor, que parecia espremer seu corpo, Jinhyuk desmaiou, segurando a barriga. Funcionários do hotel correram até ele e chamaram uma ambulância. Depois de ser levado ao hospital enquanto suava frio, passou pela sala de emergência e foi internado em um quarto para seis pessoas. Injetaram anestésico, fizeram ressonância magnética e coletaram sangue para examinar, depois ministraram soro pelo dorso de sua mão e então adormeceu. Na tarde do dia seguinte, Jinhyuk se sentou de frente com o médico.

— Você está com câncer no pâncreas. Vejo aqui que você tem no histórico o diagnóstico de estágio dois, oito meses atrás, no hospital S. No momento que recebeu o diagnóstico ainda era possível operar, mas por que não fez o tratamento? Atualmente, já está em metástase múltipla. Agora não é mais possível operar.

A voz do médico se distanciou infinitamente. *Te dou o meu corpo*. A voz de Bada Seo, que flutuava pelo ar da madrugada, a criança no colo de seu pai e o nome Woojoo, que estava no testamento. Bada sorrindo feliz abraçando a criança no orfanato. Os fragmentos de memória que estavam empilhados desabaram de uma vez.

Não havia roubado, mas sido roubado. Só então Jinhyuk se deu conta.

— Mas por que esse restaurante tem duas placas? Inferno do Kimbap, Restaurante Copycat. Qual dos dois é o verdadeiro?

— Verdadeiro ou falso, não existe isso. É porque o restaurante muda de visual de acordo com o que acham que combina com ele. Porque este prédio está vivo.

— Está vivo?

— Porque é o prédio de um demônio. No começo não tinha placa. Inferno do Kimbap, isso, acho eu, foi porque vi a placa Paraíso do Kimbap e fiquei com vontade de competir. Qual das opções você prefere, minha cliente?

— Eu gosto mais de Restaurante Copycat. *Copycat*. Apesar de atualmente usarem bastante com o significado de imitar algum produto que está vendendo bem. Antigamente, no século XIX, usavam o termo *copycat* no sentido de alguém cometer um crime imitando o de outra pessoa. Não combina perfeitamente com a minha situação de agora?

Um fio daquele escuro e brilhoso *chapagetti* foi sugado para dentro da boca de Bada Seo, fazendo barulho.

— Não consigo entender.

— O que agora? Acho que já expliquei bem o suficiente o meu motivo de querer fazer o *Transfer*. Só penso em uma coisa desde que tive meu filho. Trazer meu filho do orfanato e viver com ele o quanto antes. Ouvindo assim, parece uma tarefa muito fácil, não é? Mas é um trabalho difícil. Se eu trouxer a criança, onde vou deixá-la enquanto eu trabalho? Será que preciso reduzir o trabalho? Mas e o custo de vida? A princípio, pensei em ir para uma casa no subsolo, semienterrada. Disseram que, se a criança crescer em um lugar assim, poderia desenvolver bronquite. Com muita dificuldade, me mudei para um apartamento de um cômodo. Quando decidi que iria trazer a criança, recebi o diagnóstico de câncer no pâncreas.

Bada Seo comia o *chapagetti* levantando um fio por vez. Bem devagar, como se fosse passar a madrugada toda ali.

— Você não sabe quantas vezes me decidi que não seria uma pessoa irresponsável como o homem que cortou o contato comigo quando descobriu que eu estava grávida ou meus pais, que nunca me procuraram depois de me deixarem no orfanato. Mas como pode? Câncer? Me disseram no hospital que eu poderia sobreviver se operasse. Mas e o custo da cirurgia? E o custo do tratamento depois disso? Se eu trouxer meu filho estando doente, será que eu conseguiria cuidar? Eu chorei todas as vezes que fui ao orfanato. Então não

posso perder essa oportunidade.

Sua voz que, ao contrário das lentas garfadas, era rápida, foi preenchendo o prato que ia se esvaziando.

— Já pequei uma vez por ter abandonado meu filho em uma roda dos enjeitados.* Eu vou lavar meus pecados. Também consigo fazer *chapagetti* para o meu filho. Mas sabe de uma coisa? Se você só come macarrão instantâneo todo dia, isso não pode, de forma alguma, se tornar um bendito prato da alma. Isso só poderia se tornar o prato da alma, uma memória tão bonitinha, quando se trata de uma vida em que amanhã, depois de amanhã, não terá só macarrão instantâneo para comer.

Mais um fio desapareceu ruidosamente. A infância de Bada Seo, escura e pegajosa como o molho do *chapagetti*, mas não adocicada, estava acumulada no corpo dela como um veneno. Foram dias em que ouvia corriqueiramente que devia desistir de coisinhas como uma relativa felicidade, já que não tinha motivos para mágoas ou obstinação, nem estava passando por fome absoluta.

— Uma vida em que *chapagetti* pode virar uma boa memória. Não pude ter, mas te garanto que consigo dar para o meu filho.

A primeira impressão que teve de Jinhyuk Choi foi "preguiça". Trabalhando em uma loja de conveniência, encontrava todo tipo de pessoa. Um stalker que a perseguira, achando que ela estava apaixonada por ele só porque ela o havia ajudado escolhendo um tipo de macarrão instantâneo para ele; um homem com seus cinquenta e poucos anos que a pedira em namoro só porque ela sorrira para ele na hora do pagamento; até uma pessoa que espalhara boatos de que namorava Bada Seo. Porém, quando encontrou Jinhyuk Choi no orfanato, sua impressão mudou. Um homem que ia a orfanatos para fazer trabalho voluntário, que falava sobre boas memórias com a família. Um homem desses talvez aceitasse seu filho. Havia se decidido a tentar amar verdadeiramente Jinhyuk, apenas por essa possibilidade.

Amor. Esse maldito amor era uma mentira. Talvez o juiz do inferno

compreendesse a situação, já que ela apenas respondera uma mentira com outra mentira. Mesmo comendo um fio por vez, o prato estava quase mostrando o fundo.

— Não, o que não entendo é a outra parte. O que acho estranho é que o homem nunca duvidou do seu amor.

— Ah, isso?

Bada Seo enrolou o último fio no garfo, dando voltas. Lembrou do que Jinhyuk Choi lhe havia dito quando o encontrara no orfanato. Quando disse que, se Bada estava fingindo que não o conhecia por causa do fato de ela ser insuficiente para ele, ela deveria parar com aquilo. Ficou indignada. O teor da pergunta: "Por que gosta de mim?" não era aquela inútil espécie de culpa. Qual o motivo de, estando acima dos trinta, se declarar para uma mulher dez anos mais nova? Era esse o sentido. Naquele momento, ela entendeu que o julgamento de Jinhyuk era "Bada é uma pessoa obviamente insuficiente para mim". Um ser humano cheio de si está fadado a não se preocupar com alguém que subestima. O julgamento de Jinhyuk Choi em relação a Bada Seo. Aquele era o maior elemento que possibilitou o plano dela.

— Deve ter me confundido com a mãe dele.

Rindo em silêncio, Bada Seo pôs o *chapagetti* na boca.

* *Bulgogi* é uma carne marinada com molho de soja, óleo de gergelim torrado e açúcar, grelhada ou frita. Literalmente "carne no fogo".

* *Aegyo* é uma atitude e/ou característica meiga, graciosa. Muitas vezes associado a trejeitos femininos e usado para agradar ou persuadir alguém.

* Ao contrário da colher de prata, a expressão "colher de barro" significa uma condição de pobreza.

* *Norebang* é um estabelecimento com salas equipadas com sistema de som para cantar e se divertir.

* *Oppa* é um termo usado por mulheres para se referir ao irmão mais velho, amigo próximo ou namorado,

caso seja mais velho.

* Preparação para fazer o gesto de reverência dupla, costume praticado em velórios e rituais para os antepassados.

* Local onde se deixava recém-nascidos para serem cuidados por instituições de caridade, normalmente de forma anônima.

Arroz com batata e bolinho de arroz

Detestava a primavera. Quando vinha a primavera, não gostava que a frequência com que as pessoas saíam aumentava, ou que o metrô ficava abarrotado. Odiava especialmente quando os velhotes que não precisavam se preocupar com o sustento saíam em bando, com a desculpa de que estavam indo fazer trilha, ocupando todos os assentos preferenciais. Todos os dias, ficava completamente sem energia só de ir duas estações de metrô até a prefeitura para receber o carimbo de serviço dos voluntários feitos por idosos, catar lixo e cavucar jardins. Não era pelos trocados que ganharia que se voluntariara para o serviço. Havia se iludido com o anúncio que dizia que poderia aprender a fazer café e trabalhar em cafeterias. Pensava que, se trabalhasse em uma cafeteria, encontraria muitas pessoas e conseguiria descobrir a receita da alma de pelo menos uma delas.

Miseráveis. Falavam de café e tudo mais, como se fosse grande coisa. Daí falam que não tem vaga? Que não escrevessem isso no anúncio, então! Se isso não é enganação, não sei o que seria.

Bidan* Joo subiu no metrô enquanto ruminava suas reclamações. Antes mesmo que um pé tocasse no trem, procurou por lugares vazios, mas já estavam todos ocupados. Segurando um suspiro, ficou de pé agarrando uma barra.

— Esses velhotes que rastejam para fora todos os dias — resmungou o homem sentado à frente de Bidan, como se quisesse que ele ouvisse. Fingindo não ter escutado, Bidan virou o rosto na direção dos assentos preferenciais. Os idosos sentados ali, devidamente trajados com roupas de trilha, pareciam todos mais jovens que Bidan. Não tinham as costas curvadas, nem manchas na pele.

Se bem que não tem como saber a idade só pela aparência.

Bidan Joo tinha setenta e dois anos. Era a primeira vez que havia passado dos setenta anos em seus cento e trinta anos de vida. A vida era ainda mais injusta para os idosos. Ainda que se tivesse os mesmos setenta anos, a idade não deixava os mesmos arranhões em quem não trabalhava sob o sol

escaldante, não se preocupava com ter o que comer no jantar ou conseguir ir ao hospital sempre que estivesse doente, em comparação a quem não vivia assim. Bidan passou a língua por dentro da boca. Sentiu asperamente o lugar cavado que ficara depois de perder dois molares. A porta do metrô se abriu e um grupo grande entrou. Com a pressão das pessoas empurrando suas costas, os joelhos de Bidan fraquejaram. Com o seu corpo sendo empurrado para frente, caiu um maço de beldroega da sua sacola cheia, que estava carregando abraçada ao peito. *Filha da...* O homem que estava sentado olhou para Bidan.

— Vovó, toma cuidado. Pegou terra na minha roupa.

— Foi mal, meu jovem.

Bidan se inclinou para tentar pegar a beldroega que estava no joelho do homem. O homem, com uma expressão irritada, bateu na mão de Bidan, pegou a beldroega e jogou no chão.

— Por que está falando informal comigo, vovó? A gente nem se conhece.*

Calado, Bidan olhou para a beldroega caída no chão. Não tinha o que comer com o arroz no jantar, então havia colhido aquilo enquanto catava lixo. O motivo de não gostar da primavera era porque ela dava uma minúscula esperança, suficiente para prolongar uma vida miserável. Se o inverno — que o fazia pensar que morreria congelado — continuasse, pelo menos morreria, porém, no momento exato, a primavera lança um raio de sol. Até mesmo no canto das ruas em que carros passam voando, fazia nascer artemísias e beldroegas. A primavera do ano seguinte ao fim da guerra* também fora assim. Sentado de cócoras, encolhido na toca que cavara na terra, ele amaldiçoara a primavera. Dizendo que preferia que não viesse se fosse para fazê-lo continuar aquela vida insignificante. Que o fizesse morrer congelado com o frio do inverno. Mas a primavera sempre vinha.

A primavera desse ano será diferente.

Bidan mordeu forte o lábio de baixo, virou o corpo e foi em direção ao próximo vagão, dando braçadas entre as pessoas. “Para com isso. Qual é, você é

uma senhorinha." "Se é para colher plantinhas, que faça perto de casa. Sem andar por aí na hora do rush. Se está andando de metrô de graça, usando o imposto dos jovens, não deveria pelo menos ter consciência para isso? Faz sentido exigir que a gente respeite cegamente só porque é mais velha?" Os sussurros seguiam os passos de Bidan.

Em qualquer geração, viver é difícil para os idosos.

De qualquer forma, você não consegue me vencer. Porque quando você estiver velho como eu, eu voltarei a ficar jovem.

Esta primavera vou passar do jeito que se deve passar uma primavera. Andarei pelas ruas em um corpo jovem e novinho em folha, com uma linda saia. Eu tenho aquilo. Os cantos da boca de Bidan relaxaram. *A concha mágica.*

Enquanto eu tiver aquilo, sou um deus.

Abriu a porta que dava para o outro vagão. Com o vagão pulando, seu corpo levitou por um instante. Essa sensação de flutuar, como quando descia as escadas malfeitas de seu barraco, puxava Bidan de volta para 1960.



Ao meu Imperador

A este ponto, creio que alguém lhe tenha informado da minha ausência. Dizendo que Nisroque, responsável pelo braseiro do inferno, que nunca se apaga, sumiu. Não se preocupe. Deixei bem avisado para Ukobach, pedindo que dê uma olhada no braseiro também, sempre que ele for adicionar óleo na fornalha. Chamos deve estar querendo me dar um sermão. Dizendo para receber autorização oficialmente, se for para subir para a superfície da terra. Mas, meu Imperador, se eu recebesse uma autorização formal, teria que cobiçar almas humanas. E a minha saída desta vez é para cobiçar receitas, não almas humanas. Para obter receitas de almas, receitas contendo histórias verdadeiras de humanos, não poderia usar pactos de demônios, que são baseados em mentiras. Então não tive opção senão sair sem avisar. O senhor há de admitir que, se não quebrasse as regras desta forma de vez em quando, a mesa do inferno não estaria farta como agora.

O lugar que irei desta vez se chama Coreia do Sul. É um país onde recentemente acabou uma guerra. Eu fiquei admirado com o desejo que as pessoas desse país possuem por comida. Mesmo com a tragédia permeando todo o solo, eles não comem apenas para encher a barriga.

Há um prato chamado *naengmyeon*. É feito um macarrão com trigo-sarraceno, mergulhado no caldo de carne gelado. Como o trigo-sarraceno é um grão de regiões do subártico, que cresce bem em

clima ameno, dizem que era muito apreciado em Hamgyong. Durante a guerra, as pessoas de Hamgyong se refugiaram em Busan. Em Busan, o trigo-sarraceno não cresce bem por causa do clima quente. Então eles faziam o macarrão com a farinha de trigo que recebiam como suprimento, imitando o *naengmyeon*. Ao fazer esse macarrão com farinha de trigo, diferente do trigo-sarraceno, ele ficava muito duro, então, depois de pensar em como fazer, misturaram amido. Como a guerra acabou não fazia muito tempo, bois e galinhas eram escassos e o que era comum eram ossos de porco, a questão é que eles têm cheiro forte. Por isso puseram ervas medicinais para conter o cheiro. Não é um tremendo esforço? A princípio, não havia como saber a proporção de amido para misturar ou quanto de ervas medicinais adicionar. Apenas depois de passar por muitas tentativas e erros que finalizaram esses pratos.

Será que o que eles tentaram reproduzir eram simples pratos? Ou será que eram boas memórias do que experienciaram enquanto preparavam e comiam aqueles pratos em sua terra natal, para a qual já não poderiam mais voltar?

É uma terra onde pessoas assim vivem juntas. Creio que poderei juntar um montão de receitas para levar na volta. Como sempre, manterei minhas forças com o "montante", então não se preocupe. Não será uma saída de todo longa. É natural que desejos se fortaleçam em meio ao caos, enquanto diminuem na calmaria. Até que o caos trazido pela guerra se reduza, é o tempo que estarei nessa terra.



Também veio a primavera no riacho Cheonggyecheon de 1960. A água lamacenta, misturada com fezes, entrou pelos furos do sapato de borracha. Era um pouco melhor no inverno, pois ficava congelado, mas na primavera surgiam vários filetes de água ao seu redor. Cinco horas da madrugada, as pessoas saíram vagarosamente, com olhares sem foco, de seus barracos que pareciam que iam desabar a qualquer momento. Bidan Joo estava entre essas pessoas. Será que naquele dia conseguiria um emprego? Fosse em uma fábrica de borrachas ou de roupas, não queriam pessoas de idade como Bidan.

Todos que moram aqui devem ter uma vida melhor que a minha, não? São jovens, não? Isso é o mais importante.

Não era porque se tratava de um aglomerado de barracos que todos de lá viviam sob as mesmas condições. Alguns pelo menos viviam em família, em uma casa só, soltando fumaça ao ferver grãos, outros viviam em tocas cavadas na terra sob pontes de metal. Com muito esforço, Bidan deixara de morar em

uma toca no verão anterior. Se não tivesse conseguido, se tivesse passado o verão naquela toca, teria morrido sem conseguir fazer nada.

— Vivi tempo demais. Tempo demais — dizia Bidan, como um hábito, enquanto arrastava as pontas dos pés. Apesar de ter repetido aquilo várias vezes também durante a guerra, naquela época era uma reclamação misturada com exibição. Fazia uns dez anos desde que seu filho, que fazia trabalho braçal, ganhara um bom dinheiro em apostas e chamara Bidan — que até então vivia no interior, passando dificuldade como viúvo — para morar em Seul. Ficou orgulhoso pensando que, depois de viver tempo suficiente, agora poderia ser mimado pelo filho. Quando lhe perguntavam de onde viera, ao responder que vivera tempo demais e agora era uma inconveniência para o filho, todos a elogiavam, dizendo que tinha um bom filho. Foi assim que descobriu, pela primeira vez, como elogios ao seu filho faziam cócegas em seu coração. Mesmo dizendo que vivera tempo demais, estava decidido a viver ainda mais.

Depois de andar por um bom tempo, Bidan interrompeu os passos na frente de uma loja de cereais em Changsin-dong. O arroz branco e o integral, colocados em bacias enormes, uma enorme bicicleta de carga em frente à loja, um quintal amplo atrás do portão principal e uma casa em L, com telhado de aço galvanizado e pessoas morando de aluguel ali. Toda a riqueza que Bidan queria estava reunida bem ali. Todo dia, quando passava em frente à loja de cereais, Bidan olhava fixamente para seu rosto refletido no vidro. Na janela de vidro quadriculado, que brilhava suavemente, se refletia a imagem de um homem velho, humilde. Tinha expectativa de que algum milagre ocorresse e passasse a ver o reflexo de um jovem forte, mas isso não aconteceu.

— Senhor, está indo para o trabalho?

Curvo, o dono da loja de cereais, fez uma reverência ao ver Bidan Joo. Curvo era um homem de uns quarenta anos, com um osso do pulso saltado, fazendo uma curva, e por isso era chamado de Curvo. Ele frequentemente convidava Bidan para comer.

— É isso, né. Vou ver o que consigo indo para Jongno.

Bidan não gostava que Curvo o chamasse de “senhor”. Ninguém mais o chamava assim. Bidan era o “velho Joo”. Por mais que ambos os termos se refiram a idosos, “senhor” e “velho” eram claramente diferentes. Para ser chamado de “senhor” era preciso usar pelo menos sapato social e fumar um cigarro Arirang. Pelo contrário, ser chamado daquele jeito enquanto sequer tinha um sapato social, e olha que seu sapato de borracha estava com a ponta toda furada, era uma ofensa. Sempre que ouvia Curvo chamá-lo de “senhor”, algo sombrio dentro da barriga de Bidan se contorcia.

Um jovenzinho desses mantendo uma loja de cereais, deve ter nascido em uma família bem de vida. Daí que a palavra “senhor” deve ter grudado na boca.

Acalmando suas entranhas contorcidas, Bidan andou. Naquele dia, estava planejando vaguear pelo bairro Ikseon, ver se teria algum serviço de entrega para fazer. Nas vielas tortuosas à frente, havia flores de cerejeira caídas no chão, aqui e ali, como se fossem marcos quilométricos. Enquanto andava seguindo as flores de cerejeira, lembrou-se de quando chegou em Seul pela primeira vez. Naquele dia em que havia ido pela primeira vez para Seul encontrar o filho, também havia flores de cerejeira esvoaçando.

A guerra eclodiu depois de três meses morando com seu filho. Fugiram sem saber o que era o quê. Acabou se separando do filho enquanto migravam para se refugiar. Apesar de ter procurado por seu filho enquanto descia para Busan, não teve notícias sobre ele. Tinha voltado para Seul depois da guerra, mesmo tendo pensado em voltar para sua cidade natal, por causa de seu filho. A casa estava em ruínas. Como era seu filho que cuidava de todas as coisas relacionadas a bens materiais, incluindo documentos da casa, Bidan se tornou uma pessoa sem nenhum bem ou parente, vagando pelas ruas. Uma pessoa que subiu de sua cidade natal para lá contou que a cidade também estava um caos, então alertou que, se descesse para lá, teria menos emprego do que em Seul. Assim, Bidan se tornou um vagabundo solitário de Seul. Emendava a vida dia após dia, apoiando-se em trabalhos que fisgava às vezes e na bondade das pessoas ao redor.

Curvo que é dos sortudos. Será que a terra também é dele? Ele nem parece ter bocas para alimentar... Onde será que pretende gastar todo aquele dinheiro? Jovem, rico. O pulso deve ter ficado daquele jeito na guerra. Tem gente que perdeu uma perna, e ele tem sorte de ter sido só aquilo. Se eu tivesse nascido com uma sorte dessas.

Se tivesse nascido com sorte como Curvo, se tivesse uma loja razoável como a de Curvo, se fosse jovem como Curvo, se fosse como o Curvo... Bidan Joo, invejando a vida de Curvo sem parar, resmungou sozinho.

— Se a vida do Curvo fosse minha, quão bom seria?

Naquele momento, soprou um vento. Era um vento que atravessava aquela rua inteira, como se alguém segurasse uma ponta daquele vento e corresse de ponta a ponta. A visão das flores de cerejeira que estavam no chão, voando com o vento, parecia de quando elas caíam das árvores. Tendo a ilusão de que o tempo havia, por um breve instante, andado ao contrário, moveu o olhar seguindo apressado as pétalas de flor de cerejeira.

Ao final desse olhar, encontrou um prédio misterioso.

Existia uma construção desse jeito ali?

Não havia ido a Ikseon apenas uma ou duas vezes. Quando tinha a sorte de conseguir um trabalho como carregador, andava por todas as vielas, então sabia onde estava a maioria das construções. Mesmo que não fosse o caso, não haveria como não lembrar de uma construção tão chamativa assim. Era uma construção bonita, a ponto de o Café México ou o Café Andorinha — que considerava bem luxuosos — parecerem insignificantes. A construção, toda feita de mármore preto, brilhava como um baú de joias em meio às coberturas de telhas e chapas de madeira. Assim como um corvo que se atrai por objetos brilhantes, Bidan se aproximou da construção.

— O que é que se faz aqui? Como nem tem placa, uma loja que não deve ser...

De pé do lado de fora, Bidan espiou o interior do lugar. Apesar de um lado da construção ter uma parede de vidro, ele era fosco e não era possível enxergar muito bem o interior.

— É um restaurante. Vejo que é meu primeiro cliente. Seja bem-vindo, cliente.

Vendo a pessoa que saiu do restaurante, os olhos de Bidan se arregalaram.

— Curvo? Você aqui...?

— Pelo visto esse que é o alvo de seu desejo. Entre. Farei com que você consiga obtê-lo.

Era diferente do Curvo de sempre. A expressão no rosto, o jeito de falar. Mais que qualquer outra coisa, após ver que o pulso de Curvo estava normal ao abrir a porta, Bidan optou por seguir o homem para dentro, como se estivesse enfeitiçado.

— O que é tudo isso...?

As luzes coloridas e a estante de formato curioso preenchiam o interior do restaurante. Uma mesa lisa e longa, os utensílios de cozinha, que nunca havia visto antes, enfileirados atrás da mesa. Bidan não conseguia tirar os olhos dos ingredientes que enchiam as prateleiras. Assim que viu um pedaço enorme de carne, com um brilho avermelhado, engoliu a saliva. Sequer se lembrava da última vez que havia comido carne. O que comeu por último fora apenas um bolinho de arroz no almoço do dia anterior. Quando o homem lhe disse para se sentar, Bidan se acomodou na cadeira sem pensar duas vezes. Pensou que não teria outra oportunidade de sentar-se em um restaurante tão chique como aquele, nem que fosse por um instante. Talvez se fosse ao Fada, famoso em Jongno. Um prato é posto na frente de Bidan, que estava observando o interior da loja. Havia dois pedaços de carne enrolados em *kimchi* envelhecido, postos de forma apetitosa.

— O que é isso aqui... está me dando?

— É uma *welcome food*. Porém, acho melhor você comer depois de me escutar.

— Curvo, você está falando meio estranho.

— Não sou o Curvo. Meu nome é Loki. Sou o cozinheiro do inferno.

— Inferno? Então é algum tipo de demônio? Eu também já encontrei alguns

demônios. É cara que abre barriga de mulher grávida, cara que empurra outras pessoas para que ele possa viver. Esses que são os demônios, nada mais.

Bidan achava que Loki estava brincando. Não fazia nem dez anos que a guerra havia acabado. Havia entre eles pessoas que haviam voltado depois de sobreviver ao inferno, além das que cometeram atos piores do que demônios. Então não era estranho encontrar uma ou duas pessoas estranhas que se intitulam demônios.

— É a primeira vez que vejo alguém falar sem receio que encontrou um demônio. Então creio que vamos conseguir ter uma boa conversa. Você, meu cliente, quer roubar a vida de outra pessoa? Se me trouxer uma receita da alma, consigo fazer a troca para você.

Dali em diante, Bidan ouviu superficialmente o que lhe foi dito, abobado. Demônio, *Transfer*, não conseguia entender nada. Ele só queria comer a carne bovina que estava diante de seus olhos.

— Onde já se viu uma coisa dessas, prato da alma? Comida se come para viver. Nem faz tanto tempo assim que a guerra acabou, então está falando de coisas supérfluas com essa coisa de boas memórias e tudo mais.

— Mas que raios. Do que está falando, sendo que você mora na Terra, onde transbordam pessoas que cantam até mesmo dentro de fornalhas. Enfim, se tiver interesse, coma a *welcome food*. Se comer isso, o pacto se inicia. A partir do momento que comer a *welcome food*, conseguirá entrar e sair deste restaurante sempre que der seis horas, seis minutos e seis segundos da madrugada. Depois de um mês, não conseguirá mais encontrar esse restaurante e o pacto é automaticamente anulado.

— Se eu comer isso? Se não comer, consigo continuar vindo a este lugar?

— Se não comer, você conseguirá ver a loja apenas mais uma vez. É uma espécie de chance de refazer o pacto. Depois disso, não poderá encontrar nunca mais.

— É uma pena que, não importa a opção que me dê, acaba comigo não podendo encontrar essa linda construção novamente. Não há nenhuma

maneira de continuar enxergando esse lugar?

— Se sair da loja com algum objeto daqui, é possível. Mas não recomendo.

— Por que é roubo?

— Porque roubar algo de um demônio tem um preço alto a ser pago.

Não conseguia aguentar mais. Bidan pegou os enrolados de carne bovina à sua frente e os espremeu para dentro da boca. O suco da carne encheu sua boca, então desapareceu garganta abaixo. Estalando a boca por querer mais, Bidan observou Loki, mas não parecia que viria mais. Ele enrolou por um bom tempo até que se levantou da cadeira. Se ficasse mais um pouco ali sem trabalhar, acabaria passando o dia inteiro sem trabalho. Bidan saiu da loja e, quando olhou para trás, o lugar havia desaparecido, como se nunca tivesse estado ali.

Nossa, que coisa estranha.

Pensou que havia sonhado. Mas em sua boca ainda estava o sabor rico da carne. Bidan saiu daquela viela, olhando para trás diversas vezes. Apesar de ter sondado várias lojas e canteiros de obras, não conseguiu nenhum trabalho. “Vovozinho, que trabalho o senhor faria com esse corpo?” “Se carregar um fardo nas costas vai fraturar a coluna.” “Melhor mesmo é ir à igreja pegar almoço de graça.” No fim, Bidan voltou à noite, pelo mesmo caminho da ida, sem ganhar um tostão.

— Senhor, está voltando agora? Come uma colher de arroz.

Estava passando em frente à loja de cereais quando Curvo estendeu o rosto para foda da loja e chamou Bidan. Ele olhou de maneira afiada para Curvo.

Realmente, o rosto é o mesmo. Mas o jeito de falar, a expressão, dá para saber que aquele homem chamado Loki não era Curvo.

Então será que ele era realmente um demônio? Entrando na loja de cereais, Bidan ficou pensativo sobre o encontro que ocorreu naquela manhã. Os dizeres daquele homem, de que conseguia roubar vidas, ecoaram novamente aos seus ouvidos.

Havia uma coisa parecida em histórias antigas. Um rato, ao comer a unha do pé

de um nobre estudioso, roubou seu lugar. Também tem a da raposa fingindo ser a irmã mais nova em uma família... Será que esses também eram demônios? E se fatos reais viraram histórias antigas para serem repassadas?

Se fosse esse o caso, será que realmente seria possível roubar a vida de outra pessoa? Bidan se sentou no chão elevado da loja de cereais e observou Curvo trazer a mesinha com sua comida. Mesmo com o pulso curvado, não parecia exatamente incômodo. Um corpo jovem, alto e que parecia resistente. Será que existia algo melhor que ser jovem e rico?

Ah, realmente queria se tornar o Curvo.

— Coma, senhor — disse Curvo pondo uma mesinha na frente de Bidan. Olhando para a tigela, com um montinho de arroz multigrãos com pedaços de batata, Bidan fez bico.

Todos aqueles sacos de arroz branco. Quando come sozinho deve comer arroz branco, né?

Curvo era um cara malvado. Pensando assim, Bidan levantou a colher. As pessoas que não lhe davam trabalho eram até melhores. Malvados eram os que, como ministros de igreja ou Curvo, fingiam ser boas pessoas e ofereciam gentileza apenas na medida certa para aqueles que vivam em condições piores que eles. Coisas que faziam viver mais um dia para nada, assim como a esperança da primavera. Não seria isso a verdadeira maldade? Bidan pegou uma colherada cheia.

— Você, Curvo, já ouviu falar de receita da alma ou algo assim?

— Não? O que é isso? Receita? Que palavra engraçada. É jargão de soldado americano?

— Dizem que é um prato que fica gravado na sua alma, ou algo assim. Aquele prato que, se te disserem para escolher apenas um para comer antes de morrer, você pensa: *é esse!* Algum prato que tenha uma história que você lembra quando pensa nele, coisa assim. Também não entendo muito bem, mas dizem que tem uma coisa assim.

— Se é algo assim, eu sei o que é. Também tenho um prato assim.

O queixo de Bidan, que estava mastigando o arroz rapidamente, parou.

— Tem? O que é?

— Isso aqui. Arroz com batata.

Curvo apontou para o arroz que ele estava comendo.

— Só isso? Não é nem de arroz branco?

— É porque acho que eu lembraria disso aqui se me dissessem para comer apenas uma coisa antes de morrer. Teve uma vez que fiquei escondido na montanha, enquanto fugia da guerra.

Curvo começou a história com um olhar longínquo.

Quando fugira para uma caverna, para escapar de um bombardeio, Curvo já estava havia três dias sem comer. Não tinha nada. Nem conseguia sair da caverna, pois estava com medo. Anoiteceu assim e alguém acabou entrando na caverna. Com muito medo, pensando no que faria se fosse um soldado inimigo, observou a pessoa. Eram uma mulher e duas crianças. Como se eles também tivessem ficado com medo ao ver Curvo, pararam na entrada da caverna e, depois de observar por um bom tempo, tornaram a entrar de fininho na caverna. A mulher apoiou as costas na parede da caverna, sentou-se e soltou as trouxas que carregava. O que a mulher tirou de uma das trouxas era um bolinho de arroz, feito amassando arroz com batata.

Por um instante, o bolinho de arroz na mão da mulher parecia umas cem vezes ampliado. Parecia que alguém, dentro de sua barriga, estava berrando para que pusesse aquilo para dentro de seu corpo. A mulher dividiu aquele bolinho de arroz em dois, deu para as duas crianças e então pegou mais um.

Será que mato, e pego dela?

Curvo ponderou por um instante. *O que faço se o que ela está para comer for o último?* Uma mulherzinha. Mesmo que ele estivesse sem forças, conseguiria vencer, não? Enquanto pensava encarando a mulher, uma das crianças, que haviam recebido bolinho de arroz, levantou-se de repente. A criança correu ligeiramente até Curvo, estendeu o bolinho de arroz que estava em sua mão para Curvo.

— Eu fiquei tão envergonhado. Até uma criança divide a comida. O que estava pensando, sendo que eu já era um adulto? A guerra é um inferno, pessoas são demônios, então o que há de mau em me tornar um? Eu estava querendo ferir alguém com isso de desculpa, afinal. Sendo que, mesmo que tudo esteja um inferno em volta, eu poderia não me tornar um demônio.

Enquanto escutava a história de Curvo, Bidan esvaziou completamente uma tigela de arroz.

— Então você teve sorte. Se te sobraram bens o suficiente para abrir uma loja de cereais mesmo voltando depois de ficar refugiado. Eu perdi meu filho e tudo que tinha.

— Não. Eu vim fugido de Hamhung* e me estabeleci aqui.

Com a resposta de Curvo, Bidan tomou um grande susto. Refugiados vindos do norte serem bem-sucedidos em Seul, ainda mais a ponto de abrir uma loja de cereais, não era uma tarefa fácil. A vigilância do governo era rigorosa, a desconfiança das pessoas era constante e, acima de tudo, não tinham estrutura já de começo. Deixar sua terra natal era isso.

— Impressionante. Que truque você usou, afinal?

— "Que truque", imagina. Como o senhor falou, tive sorte. Essa loja de cereais é do meu sogro. Encontrei minha esposa enquanto estava refugiado. Era uma pessoa de corpo frágil. Eu tê-la ajudado, depois de ela se machucar ao ser empurrada pela multidão, foi o início da nossa conexão.

— Seu sogro não se opôs? Ao casamento, digo.

— Meu sogro se feriu gravemente durante a guerra, então não estava bem de saúde. Disse que não importava quem, desde que ficasse ao lado de sua filha. Era uma pessoa branda. Ouvi dizer que ele, a princípio, era da área de educação. Ouvi também que esta loja de cereais foi aberta porque um conhecido de meu sogro o ajudou depois da guerra. Ele estava tendo dificuldades em administrar, já que não costumava fazer vendas, então disse que foi bom eu ter vindo.

Bidan arrotou bem baixinho. Não sabia se estava com indigestão pelo arroz

que comeu com pressa, mas estava com um aperto no peito. Parecia que aquela coisa sombria que se contorcia dentro dele sempre que dava de cara com Curvo agora parecia que iria subir pela boca a qualquer momento.

— É, realmente teve sorte. Mas e sua esposa? Eu achava que você fosse solteiro.

Curvo abaixou a cabeça com a pergunta.

— Deixou o mundo depois de um ano que meu sogro faleceu.

Bidan deu tapinhas no ombro de Curvo. Porém, diferente do toque amigável, a testa de Bidan estava levemente franzida. Essas dobras foram aumentando aos poucos, conforme ia para casa, depois de sair da loja de Cereais.

Comunistinha. Quem garante que não foi ele quem matou o sogro e a esposa?

Poderia ser verdade, não? Quando estava abrindo a porta de casa, essa suspeita já havia se tornado uma certeza. A coisa sombria que se contorcia em sua barriga se tornou raiva e engoliu Bidan Joo.

Então, não teria sido Curvo que roubou uma vida?

Bidan se deitou, encolhido no quarto apertado. Tinha que dormir cedo, nem que fosse para evitar que sensação de barriga cheia, depois de tanto tempo, desaparecesse. Mas quanto mais tentava dormir, mais sua mente ficava clara de pensar que Curvo era um desgraçado.

Um comunistinha roubou de um jeito convincente os bens de uma pessoa, enchendo a barriga. É injusto, com certeza. Isso é mais que injusto. Eu nunca roubei nada de ninguém. Mas ora, não estou vivendo assim só porque estou velho?

Então roubar a vida de Curvo, que era mau, seria pelo bem da justiça da sociedade. A ira de Bidan mudou de direção. O sabor daquela suculenta carne bovina, que por um breve instante havia enchido sua boca, reascendeu. Se fosse mais uma vez para aquele estranho restaurante, conseguiria pôr em mãos um prazer que supera esse sabor.

Mas um pacto com um demônio, não quero isso. Até em histórias antigas, pactos com demônios ou duendes sempre terminavam mal.

Revirando o corpo e pensando, repetindo o ciclo de pegar em um sono leve e acordar. Já era de madrugada. Enquanto ia em direção a Jongno, depois de sair de casa, Bidan teve uma boa ideia.

Se não for diretamente Loki quem fizer a comida, não seria fazer negócios com um demônio. Então vou experimentar fazer e comer a comida pessoalmente nesse restaurante. Loki também disse que aquele restaurante estava vivo. Que o restaurante em si tinha poderes. Se nada acontecer, vou novamente ao restaurante e proponho negociarmos oficialmente.

Seus passos ficaram mais leves. Marcando suas pegadas no ar ameno da primavera, chegou ao Restaurante Copycat e observou o interior. O interior da loja estava escuro, sem sinal de ninguém. Abriu a porta com cuidado e entrou no restaurante, indo direto para a cozinha. Suas mãos tremiam por causa da ansiedade de pensar que tinha que fazer tudo antes que Loki aparecesse. Bidan revirou a cozinha para pegar o arroz multigrãos e as batatas, pôs água em uma panela e colocou no fogo. Não tinha tempo de sobra para descascar a batata ou coisa do tipo. Simplesmente pôs na panela e cozinhou. Balançando as pernas, esperou a panela começar a ferver e, quando mal começou a soltar vapor, apagou o fogo. Sem tempo de procurar por uma colher, pegou o arroz com a concha que estava em sua mão e começou a comer. A batata mal tinha cozido e o arroz estava empapado, confundindo-se com um mingau. Como o sabor ficou não importava. Quando engoliu a primeira bocada, queimando toda a boca, uma luz bem clara se lançou de dentro da estante que ficava no meio da loja. O interior da loja, que estava escuro, ficou claro em um instante. Correu desesperadamente para fora da loja. Só depois de sair, percebeu que havia saído com a concha na mão.

O que é isso? Não aconteceu nada.

Será que o papo de demônio e tudo mais era mentira? Ou será que a receita da alma de Curvo não era arroz com batata? Se não fosse isso, será que realmente tinha que fazer um pacto oficial com Loki e comer o prato que ele preparou? Bidan voltou para casa com a concha em sua mão. Seu bom senso lhe

ordenava que fosse do jeito que estava para procurar trabalho, mas a decepção de não ter conseguido roubar a vida de Curvo foi maior do que esperava. Pensou em descansar um pouco os olhos e sair depois de acalmar o coração. Assim que chegou em seu barraco, Bidan adormeceu como se tivesse desmaiado.

Quanto tempo será que passou?

Bidan Joo acordou com o som das galinhas cacarejando. Estava desnorteado. Como assim, galinhas? Na área dos barracos onde ele vivia não havia ninguém criando galinhas. Depois de passar por uma demolição forçada, os barracos construídos eram pequenos a ponto de uma pessoa mal conseguir esticar as pernas. Não só faltava espaço para criar galinhas, mas se alguém comprasse uma galinha, no dia seguinte ela teria desaparecido, deixando só as penas.

— De onde essas galinhas estão cacarejando alto assim...?

Irritado, Bidan abriu os olhos. O que sentiu assim que abriu os olhos foi um calor agradável. Diferente do usual — que era acordar com uma dor arrepiante nas costas por causa dos ventos de fora, até mesmo na primavera —, seu corpo estava quentinho, relaxado. O que sentiu em seguida foi o conforto. Diferente do ar de casa, que estava sempre impregnado com um cheiro azedo, o ar fresco da madrugada entrava em seu corpo. Depois de ver o cobertor de algodão limpinho, além da janela na parede, esticou as duas mãos para vê-las. Enxergou palmas firmes, calejadas, em vez de mãos enrugadas. No instante em que viu o pulso curvo, com uma tala do lado de dentro, Bidan se levantou em um pulo e saiu correndo do quarto.

— Tio Curvo, o que deu no senhor que dormiu até tarde hoje? Onde vai, tio?

Bidan correu, deixando para trás o grito desse alguém. Aquele não era o corpo que, por estar incapaz de esticar a coluna, não conseguia correr mesmo que quisesse. Quando fora a última vez que sentiu aquela emoção de todas suas juntas funcionarem direito? Em pouco tempo, Bidan estava de pé na frente de

seu barraco. Era a casa que, algumas horas antes, havia adentrado abrindo a porta com as próprias mãos. Parado do lado de fora da casa, sentia como se tivesse virado um fantasma, que voltara do submundo.

Não. O fantasma não sou eu. Quem tem que virar fantasma é...

Bidan abriu a porta e entrou. Seu corpo estava no quarto. Bidan observou fixamente aquele corpo que se revirava, respirando baixinho. O que Loki havia dito ecoou em sua cabeça, com o triplo da velocidade. Se a pessoa que tiver a vida roubada, Curvo, encontrar aquele restaurante misterioso... Bidan inclinou o corpo lentamente e pegou a toalha que estava no chão.

Esse corpo. Se esse corpo morrer de vez, essa preocupação desaparece.

Bidan montou em cima do corpo e apertou aquele rosto com a toalha. Sentia claramente o corpo se debater debaixo de suas mãos. Não adiantava. Aquele corpo embaixo dele era fraco para vencer aquela juventude imponente. Como era seu próprio corpo, sabia como ninguém. Um corpo velho e cansado, que não conseguia vencer sequer a força de um homem com o pulso curvado. Depois de saltar forte uma vez, como uma mola, o corpo parou de se mexer.

Pronto. Agora o corpo do Curvo, esta vida, é completamente minha!

Bidan riu. Sua risada contida, mesmo tentando segurar, vazava pelos lábios. Mesmo vendo seu corpo estatelado, morto, não soltou uma lágrima. Erguendo-se, ele viu a concha largada no chão. Era a que havia trazido daquele restaurante misterioso. Bidan pegou a concha, escondeu em seu peito e saiu da casa.

Não sabia que ia mesmo trocar de corpo. Aquele demônio disse que, se eu estiver com algum objeto do restaurante, poderei ver o lugar sempre que quiser. Como posso querer roubar a vida de outra pessoa, vou ficar com isso.

Assim, Bidan roubou a vida de alguém pela primeira vez.



Sei que, a esta altura, a notícia de que eu perdi um objeto do inferno deve ter se espalhado por todo o inferno. Realmente, esse humano parecia alguém amaldiçoado por Valefar, o demônio dos ladrões. Porém, como Valefar detesta pessoas tolas, não me parece que faria tratos com ele.

Esse humano não sabe o princípio de como funciona o "montante". Não sabe o que um utensílio, levado para fora do espaço de um demônio, irá desejar para manter sua força. Só posso esperar que não use o utensílio mais de uma vez. Reafirmo que o que acordei com esse humano foi apenas para obter uma receita da alma, sem fazer pactos de demônios. Portanto, apesar de considerar justificado o boletim de ocorrência relativo à perda do utensílio, peço que deixem de lado o boletim de ocorrência relativo ao pacto.

Ficarei nestas terras até recuperar o utensílio. Vejo que ficaremos cheios de receitas. Peço que não pensem porventura que eu esteja tramando para estender meu tempo de saída. Pois sou um demônio que sabe das normas.



Bidan Joo desceu em uma estação e entrou em uma viela que dava em uma área residencial. Mesmo ao abrir o portão de ferro de uma casa — em meio a várias outras, de cor cinza e marrom, enfileiradas nos dois lados da rua —, Bidan resgatava memórias longínquas.

Se eu tivesse mantido aquele ponto da loja de cereais, quanto será que valeria agora?

Com o corpo de Curvo, viveu até os sessenta anos. Ao contrário do que esperava, não foi uma vida tranquila. O problema foram as apostas. O que experimentou ao ir uma vez, só para espantar o tédio, o fez enlouquecer quando ganhou bastante dinheiro já na primeira rodada. Enquanto ia para a casa de apostas todo santo dia, o trabalho da loja de cereais foi ficando para trás. O dinheiro que Curvo havia juntado sumiu em um piscar de olhos, e a loja de cereais foi tomada como garantia. Não demorou nem três anos até perder a loja de cereais. Mesmo assim, estava tudo bem enquanto seu corpo estivesse saudável. Mesmo aqueles que, quando ele ainda era um senhor com seus quase setenta anos, balançavam as mãos dizendo que não tinham uso para ele, recebiam de braços abertos um trabalhador jovem. Também havia muitas vagas de emprego, pois Jongno havia entrado em revitalização. Ganhava dinheiro

durante o dia em canteiros de obra para então ir à casa de apostas. Porém, ao envelhecer, o trabalho diminuiu. Depois de chegar na segunda metade dos cinquenta, passou a depender da comida que distribuíam nas igrejas, onde detestava ir.

Em uma dessas igrejas, Bidan roubou pela segunda vez a vida de uma pessoa.

Era uma mulher que ia fazer trabalho voluntário no refeitório da igreja. Uma mulher que tinha um marido, que trabalhava em uma pequena empresa, com um filho que estava no ensino fundamental, e que gostava de se juntar às pessoas para fofocar.

É uma mulher muito idiota mesmo. As vidas que vão lá para comer são claramente vidas perdidas. Onde é que está com a cabeça para ficar tagarelando sobre histórias verdadeiras ou falsas, tintim por tintim? Claro que, graças a isso, consegui descobrir qual era o prato de sua alma.

Quando fez o *Transfer* pela segunda vez, já tinha mais prática. Entrou escondido no restaurante, fez a comida com a concha que havia levado, comeu, voltou para casa, deixou as junções do aquecedor a briquete* frouxas e virou na boca as dezenas de cápsulas de sonífero que havia juntado. Era para evitar o trabalho de ir matar o corpo de Curvo depois de o *Transfer* acontecer. Não tinha problema também se o *Transfer* falhasse e acabasse morrendo. Não tinha mais nenhum apego a viver com o corpo de Curvo. Ao fim de sua consciência distante, suplicou que desta vez, sua vida fosse a premiada.

Esse era o corpo de agora.

Viveu uns dez anos sem problemas. Porém, quando houve a crise do FMI e seu marido perdeu o emprego, a família passou dificuldades. Não tinha motivos para viver com seu marido, que não tinha mais nenhum poder aquisitivo. Mesmo sendo uma mulher em corpo, a alma era do homem Bidan Joo. Não era nada agradável viver encostando em um homem, nem mesmo criou apego pela criança. De qualquer modo, a mulher tivera apenas uma criança, que não tinha

nenhuma relação com Bidan. Ele se divorciou. Depois de se divorciar, já estava planejando procurar outro alvo para fazer o *Transfer*.

Porém, era uma época em que era comum adesivos colados de venda de órgãos nos banheiros e empresas irem à falência todos os dias. Surgiu uma parede ainda mais grossa do que antes entre as pessoas. Para não cair em golpes, para não mostrar sua realidade miserável. A mídia reunia e difundia todo tipo de história edificante, mas o clima social, que havia despencado abaixo de zero, não conseguia voltar ao que era antes.

Os bens que recebi com o divórcio... Preciso guardar bem esse dinheiro, mesmo que não seja muito.

Bidan foi andando para dentro de uma passagem estreita e longa, no canto de um quintal, que tinha uma bicicleta. O quarto no subsolo semienterrado, de três milhões de wons de depósito e trezentos mil wons de aluguel, era parecido com o quarto de seu antigo barraco. Tanto o tamanho, quanto o cheiro, até mesmo o desespero. Embaixo dos três degraus que davam no quarto do subsolo semienterrado, a primavera não chegava.

— Senhora, só um instante. Quando é que vai pagar o aluguel?

Uma voz afiada veio voando por trás de Bidan. Bidan se virou o mais lentamente possível. A dona da casa estava encarando Bidan enquanto segurava uma melancia enorme em uma mão.

— Já está com três meses de atraso. Nós também estamos em uma situação apertada, não podemos tolerar mais. Temos que pagar o curso da minha segunda filha também.

— Resolvo até o final deste mês, no mais tardar. Espera só um pouco.

— Você falou isso mês passado também!

Ao mesmo tempo em que a dona da casa gritou, uma mulher entrou pelo portão, segurando sacolas de supermercado nas mãos. Era a filha da dona da casa, Miso Yoon. A filha mais velha. Se formara quatro anos antes e estava se preparando para conseguir um emprego melhor. Estava trabalhando meio período em uma loja de conveniência e, na semana anterior, participara de uma

manifestação para protestar sobre a pena de um perseguidor e assassino ter sido muito curta. Bidan sabia disso tudo porque o som descia pelo buraco do exaustor do banheiro do subsolo semienterrado, que levava tudo da casa de cima para o andar de baixo. Cheiro de cigarro, fedor de peixe, som de alguém cantando e até ligações das pessoas. Miso Yoon tinha o hábito de fazer ligações sentada no banheiro e Bidan absorvia toda a alegria e a tristeza que Miso lançava para a pessoa do outro lado do telefone.

— Mãe, por que está gritando com a vovozinha? A senhora não pode agir assim no país das pessoas cordiais do Leste!*

Fazendo um som exagerado, Miso ergueu as sacolas.

— Para que você veio se intrometer?

— Vamos subir logo. A melancia é pesada, não é? Vovó, paga o aluguel até o final desse mês, por favor.

— Quem deixou? E por que continua usando o portão principal em vez de usar a portinha do subsolo? Quantas vezes eu já falei? Use a portinha.

— Mãe! Chega!

— Você não consegue nem arranjar um emprego e fica indo nessas manifestações e não sei o quê. Não sabe como dinheiro é valioso, né? Argh, que raiva. Vai em uma manifestação de novo para você ver!

— O que tem de ruim em protestar pedindo para punir direito um criminoso que perseguia e até matou?

— Indo nesses lugares você ganha comida ou ganha dinheiro? É perda de tempo!

A dona da casa e Miso Yoon, discutindo em um vai e vem, desapareceram para dentro da casa. Bidan desceu as escadas. Ao abrir a porta, lhe veio de uma vez o cheiro azedo de mofo. Deixou na porta a sacola de plástico que estava segurando e se sentou, largado, no meio do quarto. Ficou sentado com a boca aberta sem expressão, até que pôs a mão embaixo do cobertor. Sentiu o bolo de envelopes de remédios e, ao puxar, todos vieram juntos, como balas de

destacar.*

Queria roubar a vida de um homem da próxima vez. Se possível, de um homem saudável e na faixa dos seus vinte e tantos anos, bom de briga. Melhor ainda se virar o chefe de uma organização criminosa, já com um território conquistado. Não queria ser líder de capangas. Porque isso já seria muito perigoso.

Depois do divórcio, Bidan abriu um Room Salon.* Havia visto claramente como madames desses bares ganhavam bastante dinheiro. Fossem apostadores ou beberrões, o destino final sempre era um Room Salon. Invejou as madames, pensando em como elas eram astutas por deixar que as jovenzinhas, que lidavam com os bêbados, trabalhassem duro enquanto as madames ficavam com o dinheiro. Então pensou que bastava abrir um Room Salon que ganharia rios de dinheiro. Era uma decisão inocente, sem saber quanto o dinheiro e os punhos estavam discreta e complexamente interligados no entretenimento noturno, o quão difícil era se inserir naquele meio. Chegavam pessoas de todo tipo de organização criminosa para tentar arrancar dinheiro, fazendo uma bagunça se não lhe dessem dinheiro. Desde arranjar as garotas até administrá-las era um baralho com o jogo já decidido. O Room Salon não aguentou mais que alguns anos e faliu. Bidan não tinha os chamados culhões para se jogar nesse cartel.

Como é fácil. Uma vida resumida em ficar à toa e tirar dinheiro das mulheres.

Mas não tinha como descobrir a receita da alma dessas pessoas. Quando roubara aquela vida, aquele corpo já tinha trinta anos. Quando se divorciara, quarenta. Mesmo tentando trabalhar como garota de Room Salon, não a aceitavam. Por alguns anos, foi mudando entre prostíbulos de baixa categoria, e até chegou a ouvir dos gângsters que frequentavam esses lugares algumas histórias, que poderiam ser receitas de almas. Mas como a vida desses gângsters era claramente uma lástima, não tinha vontade de roubá-las.

Não aguento mais. Não aguento mesmo. Não é um corpo que me agrada, mas não

tenho escolha.

Quando Bidan segurou com força os envelopes de remédios, ouviu um som de chinelo arrastado e de água, a voz de alguém falando caiu do teto.

— ... daí ela falou se dão comida ou dinheiro, acredita?

Era Miso Yoon. Bidan passou a respirar baixinho. Não aguentava mais viver naquele corpo. Se pudesse conseguir a receita da alma de alguém, faria o *Transfer* primeiro, independentemente de ser homem ou mulher. Já havia passado um ano desde que havia decidido isso. E no final de semana anterior, Bidan de repente se dera conta enquanto escutava a voz de Miso escorrer do teto. A receita da alma, que tanto procurara, estava vazando do teto.

— Daí respondi que davam, sim, comida. Tem o bolinho de arroz que recebemos quando fomos para a manifestação, lembra? Eu falei da outra vez também, né? Acho que nunca vou esquecer aquele sabor. Porque eu estava tão nervosa que nem havia comido antes. Era minha primeira manifestação. Mas quando peguei um bolinho de arroz, quando estavam distribuindo de frente para trás, fiquei calma de repente. Ganhei forças quando pensei que as pessoas que estavam compartilhando aquilo estavam juntas naquele lugar, com o mesmo sentimento. Acho que esse é o poder da comida. Nunca senti nada assim comendo outras coisas. O que minha mãe disse? O que mais ela diria? "Rastejou até a praça Gwanghwamun para comer essa porcaria?" E levei um tapão nas costas.

Bidan pôs os envelopes de remédio de volta embaixo do cobertor e abriu uma gaveta. A concha estava bem guardada, enrolada em um pano de seda. Como se acariciasse um bebê, Bidan mexeu na concha de forma carinhosa.

É hoje. Na madrugada de hoje vou conseguir me libertar deste corpo velho e acabado. Pode não ter emprego e não ter boas condições, mas é jovem, não é mesmo? Vinte e cinco anos é a flor da idade.

Ser jovem era a melhor coisa. Em qualquer época, em qualquer país, era verdade. Conforme se envelhece, o corpo fica cansado, mas só lhe restam trabalhos que precisam de força. No Centro de Auxílio da prefeitura, disseram

que não havia o que fazer, pois mesmo que ele aprendesse a fazer café, não havia muitas cafeterias que contratassem idosos. Que bastava a pessoa estar acima dos trinta e cinco anos que as cafeterias já não queriam contratá-la. Que não havia vagas senão de trabalho braçal.

Bidan envolveu a concha de volta no pano, bebeu meia garrafa de soju e entrou debaixo da coberta. Pensou em dormir um pouco antes da madrugada. Quando estava em um sono raso, ouviu alguém bater à porta, mas ignorou. Quem o procurasse em um quarto do subsolo semienterrado havia de ser algum cobrador, para receber o pagamento da conta de luz atrasada.

Quando Bidan acordou eram umas quatro da madrugada. Levantou-se vagarosamente dentro do cobertor. Deixou a garrafa de água para fora, para poder tomar o remédio assim que chegar e deixou carvões ao lado do aquecedor, que ficava no meio do quarto. Deixou a carta de suicídio, que já havia escrito de antemão, em cima do gaveteiro. Era uma carta dizendo “Deixei a minha concha querida na minha cabeceira, quero que deem de herança para a filha da dona da casa, porque ela foi muito gentil comigo”. Como já era a segunda vez que se preparava para sua própria morte, não sentiu grande coisa. Finalizou todos os preparativos e abriu a porta.

— O que é isso...?

Havia uma caixa térmica do lado de fora. Abaixou-se e abriu a caixa. A melancia, cortada no meio, mostrava sua polpa vermelhíssima. Sobre a melancia enrolada em plástico filme, havia um bilhete. Bidan descolou o bilhete, que já estava molhado.

Não fique chateada com o que a minha mãe diz. Como está quente, coma melancia e crie forças!

O texto, escrito com letras arredondadas, estava borrado por causa da água. Pôs o bilhete de volta na caixa. A melancia parecia refrescante. Uma cor vermelhíssima, que dava vontade de morder imediatamente. Mas Bidan fechou a caixa e subiu a escada.

Boba. Se metendo assim nas coisas, sem necessidade. Por isso não consegue nem

arranjar um emprego. Nem sabe o que estou indo fazer agora, por que me dar melancia?

No ônibus em direção a Jongno, Bidan fez bico. Mesmo depois de descer do ônibus, mesmo quando parou em frente ao Restaurante Copycat, continuava lembrando da melancia vermelhíssima.

Sobre o perseguidor, isso também. O que ela tem a ver com isso? Isso tudo é porque ela está de barriga cheia. Fica todo dia andando por aí sem rumo, o rosto sem maquiagem, sem usar direito aquele corpo jovem. Quando for meu, pode deixar que vou usar direitinho. Maquiar bem bonito também...

Bidan abriu a porta do Restaurante Copycat. Em um lado da cozinha escura, encontrou o arroz e pôs a panela no fogo. Eram necessários trinta minutos para o arroz cozinhar bem, mas apagou o fogo assim que a panela ferveu. Juntou com esforço o arroz que mal havia cozido em um bolinho e pôs na boca. Mastigando, saiu do restaurante, pegou outro ônibus e voltou para casa. Sentou-se no meio do quarto e, como se fizesse uma cerimônia, retirou cada cápsula de seu envelope e juntou na palma da mão. Misturou a metade que sobrou da garrafa de soju em uma garrafa de água e virou as cápsulas de remédio na boca. Um senhor que havia encontrado no serviço voluntário lhe ensinara que teria melhores resultados se tomasse o remédio junto com álcool, que poderia ir sem sofrer para o outro mundo. Ele também dizia que estava preparando-se para a morte. Dizendo que, ao se preparar para a morte, encontrava motivos para viver. Bidan caçoara dele. Pensara no que mudaria por embalar com pelas palavras uma vida que já havia murchado, sem poder ser rejuvenescida.

Agora, a dor é momentânea. Quando eu acordar depois de aguentar, será uma nova vida.

Bidan se deitou sobre o cobertor. Logo, logo cairiam sobre ele o sono incontrolável e a dor. A dor não conseguia superar o sono. Descobrira isso na vida anterior. Quando desmaiasse em meio às convulsões, seria bem-sucedido.

Mas algo estava diferente.

Perdeu a consciência uma vez, enquanto se debatia. Então acordou de novo. Nada havia mudado. Seu corpo continuava sofrendo e ainda estava deitado naquele quarto cheio de fumaça de briquete. Seu coração estava batendo como louco e seus membros se contorciam. Como? Àquela altura deveria ter sido transferido para o corpo de Miso Yoon. Será que falhara? Será que aquela não era a receita da alma de Miso? Na cabeça de Bidan, não foi sua vida que passou diante de seus olhos, mas o arrependimento que veio como uma enxurrada. Como assim, não precisava viver mais se fosse com aquele corpo? Por que havia pensado assim?

Queria viver.

Queria muito viver.

Com muito esforço, Bidan abriu os olhos e virou o corpo em direção à porta. Sentia que conseguiria viver se pelo menos conseguisse rastejar até a porta. Mas tudo que conseguiu fazer foi virar seu corpo, sem conseguir fazer força sequer nos dedos. Com a visão ficando cada vez mais turva, Bidan enxergou a concha, que estava em sua cabeceira, ficar cada vez maior. No meio da concha, que havia crescido a ponto de encostar no teto, surgiu uma boca, cheia de dentes afiados. A concha abriu a boca, esticou a longa e vermelha língua e envolveu o corpo de Bidan Joo.

Estas são as boas-vindas que se vê antes de morrer, ou...

Não conseguia pensar em mais nada. A última coisa que Bidan lembrou foi da melancia. A melancia, vermelha e tentadora, e que apesar de vermelha parecia refrescante.

Se a mordesse, teria feito um som, crunch.



A concha caiu do vazio.

— Oh, voltou. Deixe-me ver. Não é uma alma lá muito nutritiva. Se bem que, são baixas as chances de alguém com uma alma interessante querer roubar

a vida de outra pessoa. É sempre esse tipo de ser humano que não tem medo do perigo. Leva um objeto pertencente a um demônio sem nem pensar. Ficou usando os poderes de um demônio sem nem fazer um pacto, sendo um mero humano. É óbvio que sua alma ia perder pontos facilmente. Vendo que acabou em apenas duas vezes, seu montante era pouco desde o princípio. Faz sentido, já que não é porque alguém viveu um longo período que seu montante cresce.

Loki desceu do banco e pegou a concha. Sobre a mesa, estava uma carta inacabada. Loki bateu duas vezes na mesa com a ponta de sua caneta-tinteiro.

— O que será que faço? Como encontrei a concha, não tenho mais justificativa para ficar nesta terra. Será que vou indo para outro lugar? Ou...

Achava que, quando a guerra acabasse, o caos e os desejos desapareceriam. Porém, mesmo após a guerra, aquela terra continuava caótica e o desejo das pessoas fervia cada vez mais. As receitas de almas coletadas naquela situação forneciam sabores elevadíssimos com suas histórias.

Ao meu Imperador

A caneta escreveu letras nítidas sobre o papel. Com o ponto-final da última frase, o interior do restaurante escuro ficou claro, repleto de luzes nas cores da aurora.

Seis horas, seis minutos e seis segundos. Era hora de as portas do Restaurante Copycat serem abertas.

* *Bidan* pode significar “seda”.

* Há níveis de discurso na língua coreana: formal, polido e informal. Bidan Joo escolhe usar a variação informal, naturalmente por ser claramente mais velho que o homem sentado à sua frente. Como a informalidade pode também ser entendida como intimidade, o jovem utiliza isso como desculpa para atacar Bidan.

* Guerra da Coreia (1950-3), depois da qual a península coreana foi dividida em Norte (comunista) e Sul (capitalista).

* *Hamhung* é uma cidade que está na atual Coreia do Norte.

* Briquete é uma forma comum de combustível para aquecedores, principalmente para casas mais humildes. Libera monóxido de carbono quando queimado, sendo usado como meio de suicídio.

* País das pessoas cordiais do Leste é uma forma arcaica que os chineses usavam ao se referir à Coreia, indicando que as pessoas do país eram conhecidas por sua cordialidade já naquela época.

* Bala popular na Coreia, que vinha em embalagens interligadas, com linhas picotadas para destacar.

* Room Salon é um bar com salas privativas, nas quais jovens mulheres servem os clientes.

Palavras da autora

Se pudesse roubar a vida de outra pessoa, você roubaria?

Se alguém te jogasse uma pergunta assim, que tipo de resposta daria? Antes de escrever este romance, fiz essa pergunta a algumas pessoas ao meu redor. Grande parte disse que sim, roubaria. Como exemplos de vidas que queriam roubar, a maior parte era de pessoas ricas, com prestígio ou com beleza. Como uma resposta curiosa, temos alguém que queria se tornar o cachorro da Lady Gaga, porém, quando falei do caso em que haviam sequestrado o cachorro da Lady Gaga, me disseram que iriam reconsiderar.

Queria roubar a vida de um cachorro provavelmente porque pensou que, se fosse o cachorro de alguém como a Lady Gaga, viveria sem nenhum sofrimento, comendo e se vestindo bem. Deve ser porque a pessoa nunca imaginou que cachorros também teriam suas dificuldades específicas de caninos.

Pode soar como uma fantasia se falarmos de roubar vidas, mas casos em que alguém se passa por outra pessoa são mais comuns do que se imagina. Um exemplo bastante conhecido é do romance *All She Was Worth*, de Miyuki Miyabe, no caso em que alguém se passa por outra pessoa para cometer fraude de identidade. Na Coreia do Sul também, houve um caso em que mataram uma pessoa cadastrada em um site de suicídios para, então, usarem sua identidade. Nesse caso, o crime foi premeditado no sentido de que o agressor tentou forjar sua morte para tentar receber o dinheiro do seguro. Como exemplo de roubo de identidade que podemos ver comumente no dia a dia, temos as contas de pessoas que se passam por celebridades nas redes sociais. São criadas para juntar muitos seguidores para depois vender a conta, ou para aplicar golpes voltados aos fãs. Por vezes há casos em que a pessoa sente satisfação em simplesmente se passar pela celebridade em questão. Nesses casos, vemos que tentam fugir da responsabilidade por deixar em letras pequenas em seu perfil "NOT Real" (não real).

Quando crianças, todos já devem ter imitado alguém. Comprava o mesmo estojo que o colega comprou, copiava o jeito do amigo falar também. Até gostava de artistas porque o colega gostava, sendo que até então não tinha

interesse. O sentimento de admirar alguém cresce aos poucos, chegando a querer imitar os objetos que a pessoa tem ou até seus gostos. Não estou dizendo que o sentimento de admiração em si é ruim. A admiração por vezes pode definir o sonho de alguém, ou até se tornar um ponto de apoio na vida. Alguém que admira uma celebridade transforma a admiração em sonho e vai ao palco, enquanto outra pessoa cria uma conta de fã se passando por ela. Qual seria a diferença nisso?

A estrutura deste romance começa na primavera e termina na primavera. Criei desta forma pensando que uma pessoa, que afirma que a primavera não tem culpa de sua infelicidade jamais tomaria a mesma decisão que outra que joga a culpa de sua infelicidade na primavera.

Enquanto escrevia o romance, ouvi bastante a música “Copycat”, da Billie Eilish. É uma música que expressa bem o sentimento daquele que é copiado. Recomendo como música de fundo ao ler o livro. Também afirmo que os demônios citados no romance, como Loki, Nisroque e afins, são emprestados e construídos a partir de excertos da obra *Illustrated Demonology*, de Takumi Kusano, não sendo demônios de cunho religioso.

Envio meus agradecimentos a todos que fizeram este livro junto a mim. Acima de tudo, obrigada por ler até aqui. Espero encontrar você em uma próxima.



©

Yujin Peom iniciou seu trabalho como escritora ao vencer o Prêmio de Novos Autores de Literatura para Jovens da editora Changbi. Já publicou obras como *Clube das marmitas deliciosas*, *A morte perfeita de Sunshine*, *Nossa própria receita de lojas de conveniência*, *Dumebyeol: A menina com nome de flor e estrela* e *The Nine-Ender's Nightmare*, além de ter participado em uma antologia de diversos gêneros. Almeja ser capaz de produzir textos como chocolate, capazes de melhorar o dia de alguém.

© Yujin Peom, 2023
© Buzz Editora, 2026
Título original / *The Copycat Restaurant*
Publicado originalmente por Nexus Co., Ltd.
Edição brasileira publicada através de acordo com Nexus Co., Ltd., intermediado por BC Agency, Seoul & Patricia Natalia Seibel, Porto.
PUBLISHER Anderson Cavalcante
EXECUTIVA Céfara Moraes
EDIÇÃO Nestor Turano Jr., Laura Camanho, Érika Tamashiro, Beatriz Furtado e Jaqueline Angélica
PREPARAÇÃO Luis Girão
REVISÃO Angélica Andrade e Amanda Oliveira
CAPA Nexus Co., Ltd.
ADAPTAÇÃO DE CAPA Vanessa S. Marine
PROJETO GRÁFICO Estúdio Grifo
DIAGRAMAÇÃO Abreu's System
LIVRO DIGITAL XR Libris
COMERCIAL Vanessa Almeida, Taciane Ferreira, Aline Cruz e Beatriz Meneguini
COMUNICAÇÃO E MARKETING Isabelle Pelozzo, Teresa Barata, Rafaella Rhein, Ana Clara de Oliveira e Maru Pereira
EVENTOS Rayana Alana e Camilly Oliveira
OPERAÇÕES Vera Dantas, Flávio Bombardi, William Araújo, Rafael Valentin e Zeni Martins dos Santos
Nesta edição, respeitou-se o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peom, Yujin
Restaurante copycat: Roubamos vidas para você / Yujin Peom ; tradução Mario Kang.
São Paulo: Buzz Editora, 2026.
ePub.
Título original: .
ISBN 978-65-5393-588-4
1. Ficção sul-coreana I. Título.

26-362395.0
CDD-895.73

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura sul-coreana 895.73
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB 1/3129
Todos os direitos reservados à:

Buzz Editora Ltda.
Av. Paulista, 726, Mezanino
CEP 01310-100, São Paulo, SP
[55 11] 4171 2317
www.buzzeditora.com